

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

JETUR LIMA DE CASTRO

“PODERIA TER SIDO VOCÊ”:
Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência
no bairro da Terra Firme, em Belém

BELÉM/PARÁ
2020

JETUR LIMA DE CASTRO

“PODERIA TER SIDO VOCÊ”:

Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência
no bairro da Terra Firme, em Belém

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosaly Seixas de Brito.

BELÉM/PARÁ
2020

“PODERIA TER SIDO VOCÊ”:
Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência
no bairro da Terra Firme, em Belém

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação.

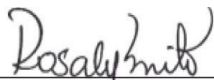
Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

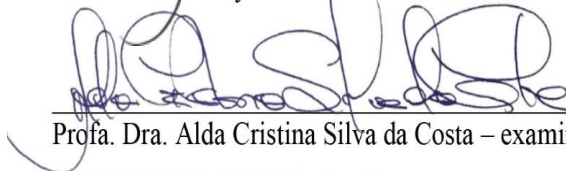
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosaly Seixas de Brito

RESULTADO: (X) APROVADO () REPROVADO

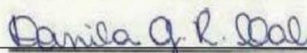
Data: 21/07/2020



Prof^a. Dra. Rosaly de Seixas Brito – orientadora - (PPGCOM-UFPA)



Prof^a. Dra. Alda Cristina Silva da Costa – examinadora interna - (PPGCOM-UFPA)



Prof^a. Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal Lage – examinadora interna - (PPGCOM-UFPA)



Prof^a. Dra. Ana Lídia Nauar Pantoja – examinadora externa - (PPGEEI-UEPA)

BELÉM/PARÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C355p Castro, Jetur Lima de
Poderia ter sido você : Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém / Jetur Lima de Castro. — 2020.
177 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Rosaly Seixas de Brito
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Chacina de 2014 em Belém. 2. Coletivo Terra Firme. 3. Autorrepresentação. 4. Intersubjetividade. 5. Juventude e violência. I. Título.

CDD 306.1

A minha esposa Alessandra Oliveira e meu filho Alefe Oliveira, minhas inspirações de vida e aos meus pais Luciléia Castro e Ismael Castro e minha sogra Maria Oliveira (*in memoriam*), pela força para superar os obstáculos da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á vida, pela oportunidade de estar aqui contando um pouco da minha história. Entendo que nós escolhemos a maneira como vamos olhar a vida e os acontecimentos que estão ao nosso redor. Agradeço á minha família e á minha esposa, Alessandra Oliveira, que é minha fonte de inspiração. Temos uma história incrível de cumplicidade um com outro, que nos conduziu para a nossa trajetória acadêmica. Quando eu não tinha nenhuma perspectiva de vida, foi ela que acreditou no meu potencial, desde aquela noite no coreto da praça Batista Campos. Ainda em 2010, com pouco meses de namoro, decidimos naquele ano lutar um pelo outro. Aos meus Pais, Ismael e Luciléia Castro, pelo incentivo dado e força nos estudos. Meus pais sempre acreditaram e me deram forças. Mostraram o caminho do respeito e da educação. Por isso, meu eterno agradecimento para eles. Á minha irmã, Kedma Castro, pelo diálogo aberto, nos momentos bons e de lutas. Á minha sogra, Maria Nunes de Oliveira (in memoriam), que sustentou minhas estruturas e fez o possível para que tudo isso se concretizasse. Embora ela não esteja mais presente, ofereço meus agradecimentos através do meu pensamento e energia.

Á orientadora, Profa. Dra. Rosaly Seixas de Brito, carinhosamente pelo diálogo, acolhimento e afeto em suas orientações. Obrigado por me ensinar o significado da palavra coletividade e acreditar nos meus caminhos e potenciais. Também estendo agradecimentos á Professora Dra Danila Cal. Aprendi muito com suas aulas de comunicação e política. Agradeço por ter me apresentado vários autores que pude trabalhar na pesquisa, dentre eles o Axel Honneth, com a teoria do reconhecimento. Também estendo agradecimentos ás Professora Dra Alda Cristina da Costa pelas inúmeras contribuições dada, pensando sempre na qualidade da pesquisa. O meu muito obrigado. A Professora Dra. Socorro Amoras muito obrigado por ter participado da banca de qualificação e a Professora Dra. Ana Lídia Nauar pela participação na defesa, meus muitos agradecimentos. Ao PPGCOM-UFGA, que me deu a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e me fez vislumbrar outros caminhos e outras mediações que nunca pensei que pudesse ter. Sou eternamente grato á oportunidade deste programa e pela transparência e seriedade para comigo.

Aos meus amigos do coletivo Tela Firme, Ingrid, Isabela, Harrison, Adriano, Mailson e o Francisco, pelos laços afetivos, diálogos e pela oportunidade de tê-los como amigos, que lutam por um mundo melhor. Aos amigos da turma de 2018 do mestrado, serei eternamente grato por tudo que fizeram. Receberam-nos com muito carinho e foi uma turma na qual fiz muitas amizades.

Música: Flow Marielle

Letra: Part. Lhorran MC

Não é tiro de Hollow point é tiro de papo reto

É disparo, é rima, é fogo de ideia, porque o certo é o certo

Se o certo é certo, você tem que andar na linha, a postura tem que manter

Se você não andar na linha sinto informar tio, que é o fim da linha para você

Hoje eu vou dá-lhe na asa desses governantes, que esqueceu que na periferia tem gente também

Só vão ver que nosso caso é importante, quando ver o filho dele de refém

Eu não queria ser tão violento nas rimas, mas o estado já é violento em si

Então é hoje que tu ver de camarote o clipe de um lado violento de um MC

Os moleques da minha rua não temem a queda, por isso que jogam o fut no asfalto

Eu reforço que eles não temem a queda por isso eles são os que tão sonhando mais alto

O meu time está correndo mais que Mbappé, viemos para matar jogo mais que Cristiano

Minhas rimas, só passe certo, para passar ideia, no passinho do romano

Fique ciente que a vida é muito injusta, ainda mais para quem reside em favela

A Marielle tinha o sobrenome Franco, aconteceu que não foram franco com ela

Então no sonho mantenha sempre o foco, se eu pegar esses bichos eu massacre

Eu vou passar a faca na corda deles antes que essa M*** quebre para o lado mais fraco

Refrão (2x) [MC MV]

Eu sou da favela já sei qual é minha missão

Queira ou não queira você tem que respeitar

Vai cantar com bolso que eu canto com coração

Só quem é daqui sabe o ódio desse lugar

Part. MC MV

Olha quem foi convocado,

MC MV para o arrebento

O que me faltou em tamanho

Jesus compensou tudo em talento

Meu rap saiu da perifa e hoje ecoa até pelo centro

Nunca foi tão verdade aquela frase que dizia

Que tamanho nunca foi documento

Vim da Zona Norte de SP, coleí no RJ e não foi merenda

Pretendo voltar, rodar o Brasil, mas com o intuito de cumprir agenda

A voz do moleque que veio do gueto, vai ecoar em cada batida

O menino que não tinha nada, vai virar rei igual Emicida

Gente o jogo está virando, olha quem está chegando de carro prata

É os menores tudo armado com ideia e repente jogar o papo reto na tua lata

Não aceitaram o nosso protagonismo, e até hoje tem fulano que não aceita

Se tu és racista e bolsominion bota cara na TF, vamos ver se você peita

Está chegando a eleição, engravatados vão chegar tudo de monte

Mas dessa vez nós estamos espertos, minha gente informada, eu quero ver se essa raça passa da ponte

Venho com sangue no olho representar gerações, pelo povo que morreu, mano foi mais que milhões

Hoje tento amenizar protestando com as canções, para nunca mais ver o choro de umas mães.

Mas tem menor que é sem visão, as ideias já passa do ponto

Que se queima na quebrada puxando um Motorola que não vale uma merreca de 100 conto

Eu tô no corre é por todo esse setor, e pela quebra não canso de tá na pista

É para fazer esse rapa de figurante, daqui um tempo se tornar protagonista

O truta será jogador, outro mano engenheiro, o MV vai chegar soltando a voz

Nós temos sonhos e talentos nessa fita, os meus maninhos, me diz quem vai parar nós

E se um dia esses caras me acertarem, igual acertou a verdade nas batidas

Eu sou um fruto que já plantou outros frutos, tchau planeta Terra minha missão já foi cumprida

Part. Everton MC

O microfone é uma Kalishnikov.
A dor do próximo não te comove.
Cê fica feliz se a noite chove porque não é o sereno que te cobre
Todo mundo está querendo ter dinheiro, falta de emprego, pouca oportunidade
Só que para o dinheiro aparecer honestamente os meninos tem que ter um pouco de escolaridade.
Não se trata de esquerda, nem direita
Está faltando a gente olhar mais lá no alto a gente se matando na favela.
Só que o nosso inimigo está na p*** do planalto Comando o meio campo que nem o Luka Modrić.
Autoconfiante como Ibrahimović. Minha autoestima era f***.
Hoje bato de frente e nem preciso de convite
Eu não gosto de superstição.
Meu trabalho foi quem me livrou da foça
Porque se ferradura dessa sorte o cavalo não puxava uma carroça
Vou desabafar quero falar das minhas dores. Falo do meu ódio também falo de amores.
Cada jogo vou dar minha vida, seja campinho de terra, ou seja, na Libertadores
Droga de governo que não liga para minha gente.
Deixa o talento dos moleques invisível
E quando o hip hop está presente os meninos atuando fazem se sentir incrível
Tenho foco no objetivo. Sinto na minha veia a essência do Hip Hop
Essas m*** de projeto do governo fraca como Steven Seagal e nós foda igual Chuck Norris

Refrão (2x) [MC MV]

Eu sou da favela já sei qual é minha missão
Queira ou não queira você tem que respeitar
Vai cantar com bolso que eu canto com coração
Só quem é daqui sabe o ódio desse lugar

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada propõe-se a compreender de que maneira moradores do bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme, após a chacina ocorrida na periferia de Belém em 2014, que vitimou jovens pobres e, em sua maioria, negros. Em uma perspectiva de autorrepresentação e contranarrativa, o vídeo visa a denunciar a insignificância das vidas dos sujeitos moradores do bairro da Terra Firme, vitimados na chacina, em uma ordem social profundamente desigual e excludente. No mundo marcado pela “tirania da visibilidade”, em que o sensível se autonomizou e se converteu em sensação, como propõe Haroche (2008), o minidocumentário tem claro sentido de manifesto contra essa ordem, buscando tocar a sensibilidade dos sujeitos que vivem por dentro essa realidade, de maneira a romper com a naturalização da violência de que são vítimas na sua vida cotidiana. A pesquisa tem como ponto de partida a dimensão intersubjetiva e comunicativa da experiência na produção de sentidos, construídos socialmente pelos indivíduos em diferentes contextos, neste caso, o contexto de violência urbana. De natureza qualitativa, a investigação alia a observação participante, sob uma perspectiva autoetnográfica, entrevistas com moradores do bairro, membros do coletivo que produziu o vídeo e mães de jovens assassinados na chacina. Examina-se em que medidas estes se reconhecem e veem sua realidade projetada na narrativa do minidocumentário e se ela é capaz de deslocar o olhar que têm de si próprios, em contraste com a representação hegemônica que circula massivamente no discurso midiático. Logo, o que se percebeu é que a produção audiovisual do “Poderia ter sido você” se destaca como instrumento de produção e posicionamentos discursivos do Coletivo Tela Firme diante das chacinas ocorridas nas periferias de Belém em 2014, em que os moradores se reconhecem.

PALAVRAS-CHAVE: Chacina de 2014 em Belém. Coletivo Tela Firme. Autorrepresentação. Intersubjetividade. Juventude e violência.

ABSTRACT

The research presented here aims to understand how the residents of the Terra Firme neighborhood understand the narrative of the mini-documentary “It could have been you”, produced by the collective Tela Firme, after the massacre that occurred in the outskirts of Belém in 2014, which victimized poor young people and mainly blacks. From a perspective of self-representation and counter-narrative, the video aims to denounce the insignificance of the lives of the subjects who live in the Terra Firme neighborhood, victims of the massacre, in a deeply unequal and excluding social order. In the world marked by the “tyranny of visibility”, in which the sensitive has become autonomous and has become a sensation, as proposed by Haroche (2008), the mini-documentary has a clear sense of manifestation against this order, seeking to touch the sensitivity of subjects who live in this reality, in order to break with the naturalization of the violence of which they are victims in their daily lives. The research has as its starting point the intersubjective and communicative dimension of the experience in the production of meanings, socially constructed by individuals in different contexts; in this case, the context of urban violence. Of a qualitative nature, the investigation combines participant observation, from an autoethnographic point of view, interviews with residents of the neighborhood, members of the collective that produced the video and mothers of young people murdered in the slaughter. It examines the extent to which they recognize each other and sees their reality projected in the narrative of the mini-documentary and whether it is capable of displacing the look they have of themselves, in contrast to the hegemonic representation that circulates massively in the media discourse. Therefore, what was noticed is that the audiovisual production of “Could have been you” stands out as an instrument of production and discursive positions of the Coletivo Tela Firme in the face of the massacres that took place in the peripheries of Belém in 2014, in which the residents recognize themselves.

KEYWORDS: 2014 slaughter in Belém. Coletivo Tela Firme. Self-representation. Intersubjectivity. Youth and violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Passagem Gracinha na Terra Firme.....	37
Imagem 2 – Passagem Gracinha na Terra Firme.....	37
Imagem 3 – Passagem Gracinha na Terra Firme.....	38
Imagem 4 – Cartão da empresa Curtume Santo Antônio na Terra Firme	41
Imagem 5 – Comunicado da empresa Curtume Santo Antônio na Terra Firme	41
Imagem 6 – Avenida Celso Malcher em 1989	42
Imagem 7 – Estivas, palafitas e serragem nas ruas da Terra Firme	42
Imagem 8 – Saneamento básico e escolas: o que falta na Terra Firme.....	43
Imagem 9 – Terra Firme: péssimo abastecimento	45
Imagem 10 – Estado precário nas ruas da Terra Firme	46
Imagem 11 – Muitos problemas num único bairro	46
Imagem 12 – Indicadores sobre saneamento na Terra Firme	48
Imagem 13 – Feira da Terra Firme.....	51
Imagem 14 – Escola de samba da Terra Firme	52
Imagem 15 – Teatro na Terra Firme	52
Imagem 16 – Assassinatos no bairro da Terra Firme após morte de policial	58
Imagem 17 – Medo nas ruas	59
Imagem 18 – Massacre nas ruas de Belém.....	59
Imagem 19 – População contesta órgãos de segurança.....	60
Imagem 20 – Boatos suspendem aulas	60
Imagem 21 – Moradores da Terra Firme viram reféns do medo	63
Imagem 22 – Passagem São Jorge -Terra Firme	66
Imagem 23 – Passagem São Jorge -Terra Firme	66
Imagem 24 – Passagem São Jorge -Terra Firme	67
Imagem 25 – Rua Lauro Sodré -Terra Firme	68
Imagem 26 – Rua São Domingos esquina com São Pedro -Terra Firme	69
Imagem 27 – Rua Liberdade, Salão e Barbearia	70
Imagem 28 – Celso Malcher na feira livre da Terra Firme Rua Liberdade, Salão e Barbearia..	70
Imagem 29 – Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural.....	120
Imagem 30 – Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural.....	120
Imagem 31 – Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural.....	121
Imagem 32 – Gravação Feira na Terra Firme-Belém-PA.....	126

Imagem 33 – Gravações do programa Tela Firme	127
Imagem 34 – Ato da Greve Geral que ocorreu em 28/04/2017 no centro de Belém	127
Imagem 35 – Inauguração do Chalé da Paz na Terra Firme	128
Imagem 36 – Manifestações culturais pelo bairro da Terra Firme	128
Imagem 37 – Bate papo sobre extermínio da juventude	130
Imagem 38 – Vídeo “Poderia ter sido você”	138
Imagem 39 – Nossa arma é arte.....	149

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Taxa de Mortes Violentas do município de Belém e indicadores socioeconômicos.....	61
Quadro 2 – Interlocutores (as) da pesquisa.....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 LUGAR DA INTERSUBJETIVIDADE E DO RECONHECIMENTO.....	28
2.1 Os contextos comunicativos e a construção da realidade.....	32
2.2 Terra Firme: um lugar de pertencimento e de lutas.....	36
2.3 Moradores da Terra Firme: o exercício comum e o conjunto da autonomia	44
3 “MATARAM UM POLICIAL NOSSO E VAI TER UMA LIMPEZA NA ÁREA”: A IRRUPÇÃO DA CHACINA DE NOVEMBRO.....	55
3.1 Juventude e Violência.....	72
3.2 Tela Firme: luta por reconhecimento e visibilidade.....	78
4 NÓS NA TELA: A DIMENSÃO SENSÍVEL E POLÍTICA DA AUTORREPRESENTAÇÃO NO VÍDEO PODERIA TER SIDO VOCÊ.....	88
4.1 Medo de sair, medo de morrer: as marcas de dor, pânico e impotência deixadas pela chacina.....	94
4.2 Closes mórbidos: a recusa da construção midiática da chacina.....	107
4.3 Moradores e o Tela Firme recontam a chacina: autorrepresentação, olhar sensível e reflexivo no vídeo Poderia Ter Sido Você.....	121
4.3.1 Nasceu o Tela Firme.....	125
4.3.2 Contranarrativa no vídeo “Poderia ter sido você”.....	130
4.3.3 Os interlocutores e o Poderia ter sido você.....	141
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS.....	160
APÊNDICES.....	172

1 INTRODUÇÃO

Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal como fruto do não exercício do pensar? (ARENDDT, 2009, p. 228).

Em todas as situações, moradores acusaram policiais militares dos assassinatos. “Eles entraram aqui na Terra Firme e saíram atirando em pessoas inocentes. O policial foi morto no Guamá e mataram quem não teve nada a ver com o que houve lá”, disse a irmã de uma das vítimas. (O LIBERAL, 05 nov., 2014, p. 3).¹

A caça começou...! Te liga vagabundo... A Rotam está com sangue nos olhos; Militares apareceram em várias ruas da Terra Firme intimando os moradores para se trancarem em suas casas, por que a “limpeza” ia começar no bairro. (DIÁRIO DO PARÁ, 06 nov., 2014, p. A3).²

Manhã do dia 5 de novembro de 2014. A população de Belém acordou sob o signo do medo. Durante a madrugada e naquele início de manhã disseminou-se pelas redes sociais a informação de que assassinatos em série haviam ocorrido em diversos bairros entre o final da noite do dia anterior e a madrugada daquele dia. Em um intervalo de quatro horas nove pessoas haviam sido assassinadas, outras duas mortes viriam a se confirmar a seguir.

A matança se deu em represália ao assassinato do policial militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, conhecido como Cabo Pet. Chefe da milícia no bairro do Guamá e Terra Firme, ele também era proprietário de uma empresa de câmeras de vigilância no bairro do Guamá, segundo testemunhos de moradores, o policial tinha o hábito de ameaçar quem recusasse a instalação das câmeras. O grito de guerra que mobilizou a PM e deflagrou a onda de assassinatos foi dado na noite do dia 4 – “Mataram um policial nosso e vai ter uma limpeza na área”.

A chacina teve como palco especialmente os bairros da Terra Firme a Guamá, mas também repercutiu nos bairros do Jurunas, Marco, Sideral, Parque Verde e Tapanã. O bairro do Guamá está localizado na zona sul da cidade de Belém e tem uma população de 104 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). Couto (2016) destaca que uma das características marcantes deste bairro é o seu perfil típico de favelas, que em Belém obteve a “denominação de áreas de baixadas, a prefeitura de Belém classifica como áreas de habitação subnormal, pois apresentam uma série de problemas em

¹ EXECUÇÃO de policial gera onda de medo. **O Liberal**, Belém, ano XXXII, n. 1070, 05 nov. 2014. Cidades, p.3.

² MORTE de policial gera onda de violência. **Diário do Pará**, Belém, ano XXXII, n. 11069, 5 nov. 2014. Cidades, p. A3.

termos infraestruturais, dado o seu acelerado processo de ocupação de forma espontânea a partir dos anos de 1950.” (COUTO, 2016, p. 30).

O autor também argumenta que o bairro enfrenta problemas estruturais que podem ser identificados como falta de “água potável, saneamento básico, alagamentos, presença de palafitas e de habitações precárias, por outro lado, a ocupação do bairro ocorreu em terras que pertenciam à União, destinadas à criação da Cidade Universitária da UFPA.” (COUTO, 2016, p. 304). Já a Terra Firme é outro bairro em que essas características também são recorrentes, além disso, se destaca como área de interesse social localizada no entorno da Universidade Federal de Pará (UFPA) e da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), historicamente é uma comunidade aberta ao diálogo com ações da comunidade universitária, sendo várias vezes resultado de estudos relacionados aos seus problemas sociais, mas também ao seu potencial de desenvolvimento econômico, criativo e cultural. (CAVALCANTE et al., 2016). Aponta Calvacante et al (2016) que a Terra Firme apresenta uma “tipologia essencialmente horizontalizada e com graves problemas de desenho urbano no que tange a princípios de passeios públicos, geometria de vias, alinhamento das edificações, ou seja, um típico bairro de ocupação espontânea e desordenada.” (p. 630-631).

Em contrapartida, a chacina nos bairros da Terra Firme e Guamá em 2014 em Belém promoveu um verdadeiro extermínio de jovens moradores desses bairros periféricos da cidade e está longe de ter sido um fato isolado. Ao contrário, guarda traços comuns com inúmeras outras chacinas ocorridas não só na capital do Pará como em várias outras do Brasil. Ao lado da impunidade, um dos traços comuns em todas elas, conforme Rodrigo Peixoto (2015), é que a Polícia Militar tem sido instrumento de interesses particulares e ponta de lança da repressão. Os alvos dessa repressão, no entanto, são seletivos, em vista, especialmente, do racismo que marca historicamente as ações violentas do Estado no Brasil e no Pará em particular, de acordo com o autor. “Encarar o racismo como um traço da realidade brasileira é passo essencial para enfrentar o problema da violência executada pelo Estado, através da Polícia Militar” (2015, p. 2).

A dissertação aqui apresentada tem como objetivo investigar a dimensão sensível da chacina de 2014 em Belém por meio do vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme. O coletivo é formado por jovens moradores do bairro da Terra Firme - que concentrou o maior número de vítimas no trágico evento - e se constituiu logo após a chacina daquele ano justamente para, no plano mais imediato, tecer uma contranarrativa do episódio, em que os atores sociais do bairro pudessem se reconhecer, capaz de se contrapor à maneira como ele foi retratado pela mídia hegemônica local. Em uma perspectiva de autorrepresentação,

o Tela Firme surgiu com o intuito de propor narrativas audiovisuais que, ao mesmo tempo, denunciem a violência cometida com a conivência ou a ação direta do Estado, a vitimar dezenas de jovens moradores do bairro e a afetar duramente o cotidiano de sua população como um todo. E, também, que pudessem retratar a vida do bairro de maneira radicalmente distinta daquela imagem estigmatizada que a ele se associa, contribuindo para elevar a autoestima de seus moradores e transformar de maneira positiva a sua autoimagem.

Desde a década de 1990, contabilizam-se cinco chacinas de grande proporção na Região Metropolitana de Belém (RMB) e todas elas com ação comprovada de policiais organizados em milícias (FERREIRA JUNIOR, 2019, p. 42), que foram: chacina do Tapanã, em 1994; chacina do Paar, em 1995; chacina de Icoaraci, em 2011; chacina de Belém, em 2014, focalizada neste trabalho; chacina da RMB, a chacina da Condor, em 2017 e a Chacina do Guamá, ocorrida em maio do ano passado, em que 11 pessoas foram mortas³. Os dados foram extraídos de duas fontes principais: o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito instituída na Assembleia Legislativa do Estado para apuração de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará (PARÁ, 2015)⁴ e Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínio de jovens negros no estado do Pará, da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará (2017)⁵. Os dois relatórios inventariaram os casos mais notórios e de maior repercussão pública, embora por trás deles haja ações violentas cotidianas nas periferias de Belém, retratadas nas páginas policiais, quase sempre diluídas, porém, por uma lógica reiterada de banalização.

[...] A banalização da violência cotidiana leva a invisibilizar e a encarar como natural ou universal o sistema que a propicia e a aceitar como “normais” fatos do tipo: fome, marginalidade, doenças coletivas, insalubridade, poluição, acidentes de trabalho, brutalidade, arbítrio, torturas, perseguições ideológicas, mentiras sistemáticas, autoritarismo, burocracia, censura, golpes, entre outros, ou as várias formas de violência simbólica como as exercidas pela doutrinação política, religiosa e educacional. Um dos sérios debates, em sociedade, é com relação à banalização da violência, na qual as pessoas, a partir das inúmeras imagens divulgadas tanto na televisão, quanto no cinema ou jornais e revistas, teriam perdido a sensibilização e solidariedade na ampliação do debate. A violência se torna um dos elementos a mais a serem massificados com a finalidade de atrair o público. (COSTA, 2010, p. 135-136).

³ Enquanto esta pesquisa estava em curso, outra bárbara chacina aconteceu no bairro do Guamá, em maio de 2019. Ocorrido em um bar “bar da Wanda” onde acontecia uma festa, mas 7 homens encapuzados chegaram atirando em todos que estavam ali presentes. Algumas pessoas que estavam na festa correram, pularam o muro, mas 11 pessoas não tiveram oportunidades e foram mortas, entre eles seis foram mulheres e cinco homens. Imagens dos corpos estirados e ensanguentados no chão foram divulgadas friamente em redes sociais e em grupos de mensagens. (PORTAL G1.PA, *online*, 2019).

⁴ Disponível em: <http://www.oabpa.org.br/index.php/component/phocadownload/file/349-relatorio-chacinas-dh-oab>. Acesso em: 15 abril. 2019.

⁵ Disponível em:

<http://www.alepa.pa.gov.br/multimidia/anexo/04.12.2018/ef8a83d9137846c2bd44ce7ff3d2b105.pdf> Acesso em: 15 abril. 2019.

Costa, Corrêa, Salgado e Pantoja Junior (2018) assinalam que o conteúdo transmitido pela mídia faz com que a violência seja uma chave direta na construção de sentidos, criação de imagem, bem como contribui para disseminar um sentimento de medo nas pessoas ante os crimes e organizações criminosas.

Da literatura para o jornalismo diário, observamos que as imagens da violência e do medo são cristalizadas na mídia, em que há todo um aparato textual e imagético de apresentação dos fatos, assim como construções discursivas sobre o papel do Estado no combate ao crime, criando, por vezes, relações antagônicas entre os indivíduos e as instituições. (COSTA; CORRÊA; SALGADO; PANTOJA JUNIOR, 2018, p. 23).

Do ponto de vista de Costa, Corrêa Salgado e Pantoja Junior (2018), a produção discursiva da mídia projeta e inclui outros tipos de dinâmicas nos campos da política, econômico e social. Eles procuram, deste modo, entender como o fenômeno da violência dissemina o medo e mobiliza a população. A propósito, Rondelli (1998, p. 151), agrega a discussão, assinalando que “[...] a mídia é a principal testemunha pública dos atos de violência, ela é também o lugar para onde convergem e se explicitam vários outros discursos que passam a ser por ela configurados e/ou normatizados (institucionalizados) por uma ordem narrativa própria”.

Para Arendt, o conteúdo da violência é guiado pela categoria de meio/fim, cuja característica principal, se aplicada à atividade humana, sempre foi a de que os fins são suscetíveis de se tornarem dominados pelos meios que os justificam. Distintamente do poder, da força ou do vigor, a substância da ação violenta, conforme a autora, “é regida pela categoria meio-fim, cuja principal característica, quando aplicada aos negócios humanos, foi sempre a de que o fim corre o perigo de ser suplantado pelos meios que ele justifica e que são necessários para alcançá-lo” (ARENDDT, 2010, p. 18). Para a filósofa, se o poder, inerente a toda comunidade política, está diretamente relacionado à capacidade humana para agir em comum, o que suscita a possibilidade de formação de consensos de muitos sobre os cursos de uma ação, a violência é o seu oposto e decorre da desintegração do poder. Nesse sentido, poder e violência são termos opostos, e a afirmação absoluta de um pressupõe a negação do outro.

A desintegração do poder que dá lugar à violência tem afetado de forma particular o cotidiano do segmento mais jovem da população brasileira. No Brasil contemporâneo, o fenômeno da violência urbana, especialmente entre os jovens pobres e negros e residentes em bairros periféricos das cidades, assume proporções avassaladoras, dada a complexa dinâmica da desigualdade social, do crime organizado e do tráfico de drogas, aspectos estruturais que agravaram o fenômeno em uma escala sem precedentes.

E embora tenha mudado o perfil demográfico da população brasileira, com o aumento da expectativa de vida e redução da taxa de natalidade, como ressalta Brito (2014, p. 77), “os jovens compõem uma parcela muito expressiva da população, somando mais de 34 milhões de pessoas, na faixa etária de 15 a 24 anos, algo em torno de 17% do total da população. Os jovens brasileiros vivem em sua esmagadora maioria em espaços urbanos”. A autora destaca que na Região Norte, que detém a estrutura etária mais jovem do país, quase 60% da população tem menos de 30 anos. São quase três milhões de jovens, 82% dos quais vivem em cidades. Em Belém, 11º município mais populoso do país, eles são cerca de 260 mil pessoas⁶, com pequena vantagem numérica das mulheres em relação aos homens. Mas se observamos a população da região metropolitana, o total de jovens chega a mais de 400 mil pessoas⁷.

A cultura da violência, de acordo com Brito (2014), afeta especialmente os jovens no cenário da metrópole brasileira, tem raízes profundas e muitas faces, uma delas está na propagação de imagens e atos violentos, desde a guerra até as execuções sombrias das pessoas, retratadas diariamente em telas de TV e nas páginas dos jornais. A autora aponta que a violência assumiu a dimensão de um verdadeiro genocídio em Belém na última década, com chacinas de jovens negros e pardos, com a participação direta de milícias e grupos de extermínio. Jovens da faixa etária de 15 a 29 anos, conforme o Plano Nacional da Juventude, são os principais alvos das ações violentas.

Na visão de Maia, Nunes e Silva (2017), discutir a juventude e sua relação com a violência tem sido algo recorrente na atual conjuntura, pois essa discussão revela a maneira como a juventude tem se inserido, ou mesmo deixado de se inserir, nos diferentes contextos sociais. Leva-se em conta que, a despeito das desigualdades sociais constitutivas da sociedade brasileira, o direito à moradia, saneamento, segurança e emprego é garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e pela própria Constituição Federal brasileira de 1988.

A ausência de políticas públicas capazes de fazer frente às causas estruturais da desigualdade responde pelo aumento da violência contra a juventude nas regiões metropolitanas do Brasil. Na visão das autoras, é necessário ter um olhar crítico acerca dos problemas e desafios que os jovens vêm enfrentando, pois há uma constante e intensa transformação que, de maneira direta, atinge as suas vidas. Essas transformações dizem respeito às relações familiares, à inserção no mundo trabalho, à escolarização e à formação, entre tantas outras.

⁶ Conforme os dados do último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, realizado em 2010. Dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br>.

⁷ Em uma população total de 1,3 milhão de habitantes, conforme o último censo.

Em outras palavras, o aprofundamento da discussão sobre esse tema se faz necessário, principalmente no cenário atual de alto índice de desemprego, especialmente entre os jovens, de reestruturação produtiva, de desregulamentação e de precarização das relações de trabalho. Uma das questões que foram discutidas na Conferência (XI CONANDA; CNDCA, 2018)⁸, foi justamente o desemprego, equivalente à falta de oportunidade para os jovens negros e pardos e sua inserção no mundo do trabalho.

Buscamos, aqui, compreender o vídeo como um registro do sensível que afronta a ordem hegemônica de representação em que, como argumenta Claudine Haroche (2008), o sensível se autonomizou e se converteu em sensação. “No capitalismo avançado, as transformações tecnológicas têm conduzido à *intenção, ao estreitamento da consciência, e à falta de simbolização dos sentimentos*, que se reduzem às *sensações*, conduzindo as individualidades cada vez mais para a ordem do corpo” (p. 16, grifos da autora). Trata-se, de acordo com ela, de um mundo marcado pela tirania da visibilidade, em que há uma dissociação entre os registros do ver e do sentir, que sugerem uma transformação antropológica de grande porte, em que a crescente exteriorização do sujeito corresponde ao seu empobrecimento interior. É um mundo que gera a individualidade desengajada, “que se constitui como a contrapartida do incremento da desigualdade, da injustiça e da indiferença” (2008, p. 15).

Neste mundo, como assinala a autora, a categoria ética do respeito “perde importância com a naturalização da *humilhação* e a constituição de indivíduos marcados pela *insignificância*” (idem, p. 16, grifos dela). A visão de Haroche mostra-se muito pertinente para compreender o significado do vídeo “Poderia ter sido você”, objeto em torno do qual se estrutura esta pesquisa, pois que, por meio de uma narrativa sensível e contundente, o vídeo se propõe a denunciar a insignificância das vidas dos sujeitos moradores de um bairro periférico, em geral jovens pobres e negros, em uma ordem social profundamente desigual e injusta, marcada pela indiferença e composta de individualidades desengajadas, como propõe a autora.

Também, buscamos perceber o vídeo a partir da perspectiva de Butler (2015), em sua análise sobre os quadros de interpretação nos quais sujeitos vulneráveis são mostrados e

⁸ A XI Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belém, ocorreu nos dias 27, 28 e 29/11/2018, no Auditório do Instituto de Ciências da Educação - ICED da Universidade Federal do Pará. A conferência contou com a participação dos Docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, da disciplina Educação, Diversidade e Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens na Amazônia ministrada pelos professores Doutores Lúcia Isabel da Conceição Silva e Salomão Mufarrej Hage no sentido de ampliar o debate sobre o assunto e fortalecer espaços de debate para a compreensão das questões territoriais na Amazônia, a diversidade, processos de organização, resistências e defesa de direitos humanos e sociais dos povos e a partir da Conferência (XI CNDCA, 2018), com a participação de 20 delegados entre crianças, adolescentes, jovens, conselheiros de direitos, conselheiros tutelares, entidades de atendimento, instituições do sistema de justiça, polícia especializada, guarda municipal, órgãos e instituições públicas de Belém, instituições que desenvolvem pesquisa na área da infância e adolescência e juventude.

contados como vidas indignas, ou seja, não passíveis de luto. A reflexão da autora parte da premissa de que “[...] certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras”. (BUTLER, 2015, p. 13).

Considerando o que dizem Haroche e Butler, o minidocumentário “Poderia ter sido você” surge em um momento extremo de naturalização da humilhação, violência e negação de direitos e, no limite, de negação do próprio direito à vida no bairro da Terra Firme e em outros da periferia de Belém. Soma-se a um conjunto de narrativas audiovisuais que ganhou grande impulso no país desde a década passada, em diferentes formatos e plataformas, produzidas por coletivos de bairros periféricos, que passou a ser conhecido como “produção audiovisual da periferia”, “cinema da quebrada”, entre outras denominações (ZANETTI, 2008, 2010). Conforme a autora, essa produção busca inverter a lógica da periferia como “mercadoria midiática”, em que os sujeitos que habitam esses espaços nas grandes cidades são representados a partir de um olhar das indústrias de mídia sobre eles, e não sob sua própria perspectiva.

Para além das condições reais de existência (associadas às dimensões econômica, social e cultural), nota-se que há também um aspecto fundamental em jogo na compreensão de territórios periféricos: o tipo de representação construída em torno destes, e o modo como são representados na esfera pública, principalmente por meio da mídia (ZANETTI, 2008, p. 4).

A autora destaca que no campo das ciências sociais e da comunicação, o conceito de “periferia urbana” deve ser entendido de maneira ampla, não se restringindo aos aspectos geográficos e sociais, e sim incorporando necessariamente uma dimensão simbólica, ligada ao plano dos discursos, das representações e do imaginário. A produção audiovisual das periferias, a seu ver, é expressão deste confronto discursivo, ou embate de representações, que se estabelece na esfera de visibilidade pública, motivada tanto pela ideia de emancipação desses sujeitos, como pela busca de reconhecimento e estima social, no sentido de Honneth. Pode ser vista como uma forma de participação política, em que se parte do direito à “autorrepresentação”, “a possibilidade de indivíduos e coletivos da periferia de exercer maior controle sobre suas próprias representações” (idem, p. 8). O conceito de autorrepresentação é central na discussão feita aqui sobre o vídeo Poderia ter sido você.

Consideramos a relação que se estabelece entre reconhecimento social e autorrepresentação no vídeo, partindo das esferas de reconhecimento intersubjetivo, em Honneth (2003), que podem ser compreendidas a partir das relações interpessoais dos

indivíduos na reprodução da vida social almejando: o amor, o direito e estima social. O encaminhamento das esferas de reconhecimento cria tipos de autorrelação prática como a autoconfiança, autorrespeito e autoestima que está relacionada a identidade coletiva dos sujeitos que tiveram o reconhecimento denegado em relação a atribuição de estereótipos a pessoas que moram em favelas e periferias.

Em contrapartida, assinala Zanetti (2010), a autorrepresentação pode ser aqui compreendida como a estratégia de representação de uma diversidade cultural e enquanto discurso calcado nas ideias de reconhecimento das diferenças”, em que ainda segundo a autora, à autorrepresentação é um direito de construir representações acerca do outro e parte das relações de alteridade em que encontrar-se a si mesmo em um outro, em uma outra consciência de si, ao mesmo tempo em que essa outra consciência percorre o mesmo caminho (HONNETH, 2003; ZANETTI, 2008, 2010).

A luta por autorrepresentação vem acompanhada por uma busca de visibilidade pública, o que implica no uso de estratégias de “contraposição argumentativa” a fim de defender interesses coletivos. Nesse sentido, também pode ser compreendida como parte de uma luta por reconhecimento social (ZANETTI, 2008, p. 8).

Destacado pela autora a autorrepresentação parte-se de uma contraposição argumentativa, isto é, uma contranarrativa em que pode ser observada no vídeo “Poderia ter sido você” produzido pelo coletivo Tela Firme em resposta a violência no bairro da Terra Firme. A contranarrativa vista no vídeo, mostra a solidariedade, a justiça e a estima social. O Tela Firme ao encenar o vídeo manifesta sua intenção em fazer ecoar as vozes, dos sujeitos periféricos, que sistematicamente veem seus direitos violados e denegados, denunciar a injustiça, manifestar suas experiências afetivas, pilares intersubjetivos, como aponta Honneth (2003), características de impulso para resistência na afirmação identitária. E em contrapartida com a experiência do desrespeito ancorada nas imagens dos jornais durante o acontecimento da chacina de 2014, que buscaram o lucro por meio da espetacularização da violência, uma categoria segundo Honneth (2003) que pode identificar a ausência do reconhecimento, como é abordado nas entrevistas com os moradores do bairro, em que se evidencia que eles não se reconhecem na cobertura que os jornais fizeram sobre a chacina e nem sobre o bairro da Terra Firme.

As proposições de Haroche (2008), Butler (2015) e Honneth (2003) serão centrais no percurso analítico do trabalho. A narrativa do vídeo não traz imagens com violência explícita, mas encena a vulnerabilidade das vítimas a fim de restaurar discursos silenciados e corpos marcados pela exclusão, expulsos de uma estrutura que define uma vida que não é passível de

luto. Parte-se do pressuposto que o vídeo tem um sentido de manifesto contra essa ordem e busca tocar a fundo a sensibilidade dos sujeitos que vivem essa realidade, no bairro e fora dele, buscando romper com a naturalização da violência de que são vítimas na sua vida cotidiana.

Então, como apreender o significado da narrativa do vídeo para os sujeitos que moram no bairro e têm seu cotidiano atravessado pela violência e pela estigmatização de sua imagem a ela associada? A narrativa do vídeo pode contribuir para despertar nos atores sociais do bairro ações de resistência? São algumas das inquietações que moveram a formulação da proposta desta pesquisa, que podem ser sintetizadas na indagação central: como moradores do bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” e qual a relação que estabelecem entre ela e a sua vida cotidiana? Indaga-se, também, se a narrativa construída no vídeo permite ou não o deslocamento do olhar que têm sobre si próprios, em contraste com a representação hegemônica que circula massivamente na mídia hegemônica.

Para dar conta dessas indagações a partir da perspectiva dos moradores do bairro, e explicitando também o olhar autoetnográfico que move esta pesquisa, que detalharei melhor adiante, foram feitos levantamentos documentais nos jornais *O Liberal* e *Diário do Pará*, levando-se em conta que se caracterizam como fontes primárias, riquíssimas e estáveis em dados históricos procurando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar a informação de forma condensada (MARCONI; LAKATOS, 2010). Desse modo, foram coletados materiais e imagens referentes à chacina de 2014, consultados conforme sua periodicidade diária (segunda-domingo), folha a folha, também foram consultadas matérias e imagens que retratam o bairro da Terra Firme durante a década de 1980.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com membros do coletivo Tela Firme, Cine Clube TF, um policial, familiares das vítimas e moradores do bairro da Terra Firme que foram importantes para não só esclarecer as percepções sobre o minidocumentário “Poderia ter sido você”, como também para refletir sobre sua inserção na vida do bairro, relacionada ao contexto mais amplo da cidade, e também sobre as condições de vulnerabilidade social a que estão submetidos.

Não seria possível, entretanto, responder à questão central proposta sem trazer o acontecimento da chacina de 2014 ao primeiro plano da discussão, apresentando o contexto em que ele se dá e a construção midiática que dele foi feita e relacionando-a com o problema da violência urbana, que afeta de maneira particular a vida dos jovens não só do bairro, como das periferias da cidade e brasileiras de modo geral. No trabalho, portanto, busca-se compreender, no capítulo 1, como o bairro da Terra Firme, palco da chacina, em sua rica história, embora

cheia de tensionamentos e precariedades, constituiu-se desde sempre como um lugar de pertencimento e de produção de sentido a partir de vivências ali compartilhadas e das lutas travadas, dialogando com o pensamento de Arturo Escobar (2005, 2010). Por outro lado, o par juventude e violência, desponta como indissociável no cenário urbano brasileiro contemporâneo. É essa a discussão feita no capítulo 2. Entre elas, situa-se a experiência trágica da chacina, que, de tão funda e tristemente marcante na história do bairro, suscitou a criação do Coletivo Tela Firme para produzir, por meio da linguagem audiovisual, e partindo da perspectiva da autorrepresentação, narrativas a partir de um lugar próprio de fala, disputando sentidos e confrontando com aquelas produzidas de fora para dentro do bairro, que o reduzem a um lugar que é sinônimo de violência, estigma que é carregado por seus moradores onde quer que eles vão.

Por último, a partir dos dados coletados nas entrevistas no capítulo 3, são discutidas as formas de apreensão que os moradores da Terra Firme têm da chacina de 2014 e da narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” e de que maneira ela reverbera e se entrelaça e com o seu cotidiano. Nosso objetivo foi a recolha de relatos e percepções dos interlocutores sobre a chacina e a violência no bairro da Terra Firme, em Belém, no sentido buscar compreender a dimensão sensível dessa narrativa no minidocumentário “Poderia ter sido você. Foram feitas entrevistas individuais via *WhatsApp* com treze (13) interlocutores, em que foi possível identificar nos dados coletados pelas entrevistas um conjunto de regularidades que traduzem tanto essa totalidade “vivamente experimentada” pelos moradores do bairro da Terra Firme, quanto formas de pertencimento em um sistema simbólico e de trocas intersubjetivas partilhadas em sua vida cotidiana.

Conheço este estigma por dentro, por isso é fundamental destacar meu lugar de fala ao propor a pesquisa aqui apresentada, que assume um caráter autoetnográfico: sou um jovem que nasci e sempre vivi no bairro da Terra Firme. Durante toda minha vida vi meus pais sempre apreensivos com minha adolescência e juventude nesse cenário ameaçador. Perdi a conta de quantos amigos perdi nessa trajetória.

Testemunhei a partida de amigos que se foram por causa da violência desenfreada, amigos que brincavam comigo de bola na rua de chão pisado, peteca, fura-fura, tacobol, entre outras brincadeiras de meninos.

Já adolescente, também presenciei prisões, mortes, forças abusivas que oprimem e fecham o cerco em torno dos jovens das periferias. Por fim, assisti a jovens atraindo outros para o crime, e também pude perceber, desde cedo, como a juventude pobre brasileira é

criminalizada nas pautas tanto do jornalismo impresso quanto televisivo, assim como é grande o volume de narrativas da violência enunciadas por veículos de comunicação.

De acordo com Rolnik “o trabalho com o pensamento - aquilo que em princípio se desenvolve no mundo, sob a forma de estudo, escrita, ensino - diz respeito fundamentalmente às marcas, sua violência, nosso desassossego”. (ROLNIK, 1993, p. 4). A partir dessas “marcas” que surgiram em mim na minha vivência como jovem morador do bairro da Terra Firme, a partir de tudo o que pude experimentar, foi que entendi a importância para a minha vida do caminho da educação, por isso, eu escolhi “autoetnografia” como o método para que, se eu mesmo considerar, uma criação pode fazer sentido na experimentação. Entendo essa escolha como parte de uma perspectiva metodológica mais ampla, que é a observação participante, de inspiração etnográfica, em que o sujeito pesquisador participa e está implicado na cena estudada, observando-a, como quer Magnani (2002), “de perto e de dentro”, em contraste com um olhar “de fora e de longe”. Embora tenha consciência de que este caminho metodológico não me exime de um olhar crítico sobre o objeto estudado.

Esta não foi uma escolha metodológica feita após a pré-qualificação do mestrado. Ela se justifica, ao entender melhor a importância do processo de ser no mundo enquanto sujeito que tem algumas poucas coisas para contar, comecei a observar em meu próprio processo marcas e a perspectiva do que me tornei. E compreendi a importância de empreender este diálogo e assumir o desafio de trabalhar com uma metodologia incomum.

Por isso, a reconstrução interpretativa do mundo da vida é fruto de estudos nas ciências sociais, que exigem a tomada de posição sobre a questão do outro (HABERMAS, 2003). À luz dessa prática comum, está em jogo exercer uma experiência de reconstrução e registro dos sentidos de ação e, para isso, das características do sujeito como observador científico, bem como de sua subjetividade. De outra maneira, o mundo da vida vai desenhando os limites das práticas dos sujeitos, colocando-os em situações onde há reconhecimento passando pela imersão do discurso e atos de fala (HABERMAS, 2003).

Desse modo, vamos supor de antemão que a prática autoetnográfica consiste em aproveitar e afirmar as “experiências emocionais e cognitivas” daqueles que desejam desenvolver conhecimento sobre um aspecto da realidade baseado precisamente na sua participação no mundo da vida em que este aspecto está inscrito. (SCRIBANO; SENA, 2009, p. 6). De outro modo, o pesquisador atua com uma estratégia que lhe permite ser objeto de sua pesquisa e, ao mesmo tempo, o objetivo, o que se busca conhecer e em que participa ativamente “da cena em que ele trabalha, conhece e tem acesso diferente ao campo de observação que compartilha com outros assuntos”. (SCRIBANO; SENA, 2009, *idem*).

A autoetnografia não é um texto desencarnado. Um corpo, um sujeito, um corpo vulnerável e um sujeito estão intimamente ligados e constituídos por este texto. Como tal, torna-se difícil separar uma representação autoetnográfica de seu correspondente, constituído-via-esta-representação e seu corpo submisso, tornando assim a crítica do texto uma crítica da vida. (ADANS; JONES; ELLIS, 2015). Mas, além de ser um privilégio, essa estratégia também é uma responsabilidade e traz suas dificuldades. Os autores apontam que uma das dificuldades é a ausência de um procedimento linear ou receita: a pesquisa equivale a ir para a “floresta sem um mapa” sem abandonar um “norte” definido. Essa dialeticidade e flexibilidade tornam o método mais permeável à crítica.

De acordo com Scribano e Sena (2009, p. 7-8), é possível distinguir três formas principais de “fazer e usar a autoetnografia”: a) focado na autoavaliação e reflexão a partir da experiência de vida; b) concentrar-se nas relações com os outros, incorporando experiências individuais de fazer parte de um grupo, espaço social, instituição ou grupo; c) foco em objetos ou processos envolvendo experiência pessoal de um fenômeno ou processo social. O método pode ser usado a partir de uma experiência própria ou coletiva usando a arte para exprimir alguma ideia ou uma crítica de forma irônica. Esta é retratada em imagens, objetos, metáforas e técnicas de reflexão e transmissão que compõem um “mosaico” de sentimentos, experiências, emoções, etc, e, deste modo, será percebido no andamento desse trabalho.

Já Chang (2008) compreende a autoetnografia como uma metodologia de pesquisa que enfatiza a compreensão de si e de outros, especialmente de diferentes contextos culturais. Para isso, define a cultura como a soma de dois modelos: o primeiro modelo é uma cultura definida fora do indivíduo, porque eles são discerníveis por situações limítrofes óbvias como nacionalidade, etnia, língua e geografia. Outro modelo é a cultura em indivíduos, uma vez que estabelecido no processo de comunicação interativa, na construção de significados socialmente estabelecidos.

Chang (2008, p. 23) descreve a cultura como “um produto das interações entre o eu e os outros em uma comunidade de prática. No meu pensamento, um indivíduo se torna uma unidade básica de cultura. Do ponto de vista desse indivíduo, o “eu” é o ponto de partida para a aquisição e transmissão cultural (CHANG, 2008, idem). Desse modo, os autores citados que buscam conceituar a autoetnografia apontam que as críticas ou objeções são o fato de que as experiências são pessoais, tendo apenas essa fonte de credibilidade, que a crítica tem como contraponto o próprio desafio de aumentar a compreensão da experiência própria, apresentando pontos de vista. Isso não seria possível a partir de outras perspectivas. Outra dificuldade

acadêmica diz respeito à escrita em primeira pessoa, que deve ser usada para marcar as reflexões do pesquisador, reflexões que não puderam ser feitas a partir das visões de outras pessoas.

Minha sugestão ao escrever essa dissertação é carregada com as linhas acima mencionadas, também tendo em conta o exercício de observar e analisar a mim mesmo, as relações que estabeleci com o lugar onde nasci e me criei, o bairro da Terra Firme, e até mesmo os processos da minha infância, adolescência e juventude que experimentei e que estão altamente implicados com o lugar em que moro. Essas relações despertaram minha atenção para que eu pudesse tentar colocá-los no meu caminho e expandi-los para a esfera social. Portanto, o trabalho aqui apresentado é fruto também desse exercício, embora não exclusivamente, uma vez que outras vozes são aqui acionadas para compor e sustentar a interpretação aqui apresentada. Este exercício é ao mesmo tempo pessoal - buscando encontrar a mim mesmo e à minha história – e coletivo, pois as marcas que carrego são partilhadas em grande medida pela coletividade de onde eu vim, daí o título do minidocumentário que também dá título a este trabalho – Poderia ter sido você. Nele, a dimensão ao mesmo tempo subjetiva, mas também coletiva da experiência da violência, está subentendida.

2 LUGAR DA INTERSUBJETIVIDADE E DO RECONHECIMENTO

Desde meados da década de 1990, o antropólogo colombiano-americano Arturo Escobar vem analisando, em seus estudos, os movimentos sociais, o colonialismo e as formas de conhecimento sobre a diversidade étnica, principalmente, o processo que está relacionado às comunidades negras, ao território, às ações coletivas e aos novos formatos de movimentos de lutas locais.

Esses aspectos são observados nos estudos do pesquisador retratando o conceito de lugar. Em tal reflexão o autor atenta-se para a necessidade de reconstituir o conceito de território como um lugar, no sentido de compreender que “[...] o lugar não só é uma dimensão crucial da configuração das autoridades locais e regionais mundos, mas também da articulação da hegemonia e resistência” (ESCOBAR, 2010, p. 47).

Tais concepções são consideradas pelo autor, quando assinala que a teoria social tradicional ajudou a minar as formas de pensar nas modalidades locais e regionais, a fim de reduzir a importância da construção cultural do lugar. Frisa-se, portanto, que a continuidade da marginalização do lugar adequou-se às consequências do pensamento e às realidades historicamente submersas ao paradigma eurocêntrico na modernidade.

Com isso, a marginalização do lugar teve profundas consequências para a nossa compreensão da cultura, natureza e economia, que agora são vistos como determinados quase exclusivamente por forças globais. Conforme o autor, “[...] a tendência de hoje é argumentar que a globalização deixou o lugar como não pertinente, insignificante ou pelo menos secundário na constituição de localidades e regiões”. (ESCOBAR, 2010, p. 48). Nesse sentido, ele destaca que é tempo de reverter essa assimetria, focando-se novamente na continuidade da vitalidade do lugar na criação da cultura, da natureza e da economia (2010).

Também é possível inferir que pelo lugar nós compreendemos o compromisso com a experiência de uma posição particular com alguma medida do enraizamento, embora instável, limitada e permeável (ESCOBAR, 2010). Assim, evidencia-se uma conexão com a vida cotidiana, mesmo considerando-se que nossa identidade é construída e nunca fixa⁹, o lugar continua sendo importante na vida da maioria das pessoas. Contudo, há um território que conta muito mais do que gostaríamos de reconhecer.

⁹ Esse processo produz o sujeito pós-moderno contextualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam[...]. (HALL, 2006, p. 12-13).

A concepção de representar o lugar, segundo Hall (2008), se encontra simbolicamente projetada na identidade dos sujeitos cujos códigos representados localmente assumem uma múltipla diversidade, marcados pela diferença.

Para Silva (2008), o global também vem produzindo diferentes resultados em termos de identidade. De acordo com ele, há formas alternativas que levam a uma resistência a qual fortalece e reafirma as identidades locais.

A resistência é a necessidade ou não de intencionalidade por parte de quem resiste e de reconhecimento daquela ação por parte dos alvos da resistência, segundo Freire Filho (2007). Aqueles que não fazem parte do contexto de uma determinada cultura podem inferir sua visão de forma equivocada. Argumenta o autor que a intencionalidade e reconhecimento se afetam mutuamente, nesse sentido, o pesquisador ou o observador que não estiver implicado com a ação pode falhar ao tentar reconhecer um ato de resistência.

Por outro lado, o sentido de busca de progresso as quais correspondem às tecnologias que ocuparam espaço no território, teria mudado drasticamente nos anos 1980 e 1990, sob o ponto de vista da dinâmica global, que introduziu as inovações no território reduzindo, assim, as dinâmicas “naturais e sociais do lugar, e sobrepondo a estruturação e formas hegemônicas de dominação empregadas e continuadas pelo viés da ciência e tecnologia” (ESCOBAR, 2010, p. 50).

Levando-se em consideração esses aspectos, Escobar (2010) compreende uma parte da história do Pacífico colombiano, sendo concebida como um lugar remoto, condenado e atrasado devido às condições impostas pelos estrangeiros ao explorar reservas naturais e seus recursos.

Salientamos que, com o “progresso” a ciência moderna não considerou a sociobiordiversidade do lugar, reduzindo as diferenças que existiam. Como resultado, o lugar desapareceu com a agitação da globalização nos últimos anos, e com isso, trouxe um enfraquecimento profundo sobre a nossa compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza e das relações dos lugares, nas quais analisam-se os múltiplos níveis de interação, na construção atravessada dos grupos étnicos (ESCOBAR, 2010; ESCOBAR, 2005).

A fim de compreender como o lugar está relacionado aos diferentes níveis de enfraquecimento das relações sobre cultura e conhecimento as quais são foram invisibilizadas, o autor destaca que:

Um aspecto final da persistente marginalização do lugar na teoria ocidental é o das consequências que teve no pensar das realidades submetidas historicamente ao colonialismo ocidental. O domínio do espaço sobre o lugar tem operado como um dispositivo epistemológico profundo do eurocentrismo na construção da teoria social. Ao retirar ênfase da construção cultural do lugar a serviço do processo

abstrato e aparentemente universal da formação do capital e do Estado, quase toda a teoria social convencional tornou invisíveis as formas subalternas de pensar e modalidades locais e regionais de configurar o mundo. Esta negação do lugar tem múltiplas consequências para a teoria, das teorias do imperialismo até as da resistência, do desenvolvimento, etc. que pudessem ser melhor exploradas no âmbito ecológico. Neste âmbito, o desaparecimento do lugar está claramente vinculado à invisibilidade dos modelos culturalmente específicos da natureza e da construção dos ecossistemas. (ESCOBAR, 2005, p. 64).

Sob tal enfoque, entendemos que esta visão do modelo imposta pela visão europeia tornou-se evidente na história do território de países que sofreram com a colonização e atualmente com a desigualdade racionalizada e instrumentalizada pela economia da globalidade, sobretudo, na formação das cidades e dos grandes centros urbanos dos países da América Latina.

Desta maneira, é possível estabelecer nexos claros entre as construções do território colombiano e do brasileiro, que não diferem tanto do ponto de vista histórico, já que ambos os países vêm de um processo colonial que veio, ao longo do tempo, sendo reestruturado para atender às exigências de incorporação à modernidade, à nação e à globalização, sobretudo, no processo do desenvolvimento urbano das grandes cidades.

Tornou-se, portanto, um desafio teórico para os pesquisadores no período pós-colonial, sobretudo, entender o lugar do ponto de vista cultural, que articula simbolicamente as relações estabelecidas do “bem viver”, isto é, de “uma identidade cultural que emerge de uma relação profunda com o lugar onde se habita, no qual surgem modos de vida, expressões, como arte, dança, música, vestimenta, etc”. (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017, p. 236).

Silva (2008, p. 17) aponta que:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis repostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os sujeitos podem se posicionar e a partir dos quais eles têm o seu lugar de fala.

Com isso, compreendemos, portanto, o princípio da sociabilidade que de acordo com Simmel (2006, p. 69) constitui-se quando “o indivíduo garante ao outro o máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por outro indivíduo”. Isso faz com que “o sentido do lugar seja condicionado estritamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte” (AGIER, 2011, p. 114).

É importante para nosso objetivo aqui reconhecer a luta e a contestação que estão centradas na construção de identidades culturais (SILVA, 2008). A partir da perspectiva de Escobar (2005), o lugar, então, é uma expressão das relações complexas, a configuração da

natureza e a cultura, em que se localizam as bases das vidas das pessoas, em linhas temporais que determinam processos sociais e históricos em comunidades.

Como explica Escobar (2005, p. 63):

[...] o fato é que o lugar, como uma experiência de uma determinada localidade, tem um grau de enraizamento, um vínculo com a vida cotidiana, mesmo se sua identidade é construída e nunca congelada, continua a ser importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todos. Há uma sensação de pertença que é mais importante do que queremos admitir, o que nos leva a considerar se a ideia de “regressar ao lugar” [...].

Com um sentido de pertença, é factível que os sujeitos valorizem e se tornem mais interessados no lugar em que estão localizadas e nas pessoas, seres e coisas que nele compartilham. O pertencimento ao lugar onde se habita conduz-nos a uma valorização dos acontecimentos na comunidade, o que pode levar a um esforço coletivo de luta pelo bem comum, o que pode gerar um pensamento crítico e reflexivo dentro da perspectiva da emancipação.

No entanto, nos estudos feitos Escobar (2005), pode-se entender que o lugar vem sendo redescoberto no sentido de ser compreendido, sendo uma alternativa que leva em conta os modelos de natureza local, bem como as práticas culturais, ecológicas e econômicas e as racionalidades intrincadas. De modo consciente “as lutas subalternas podem ser vistas hoje em termos de estratégias baseadas, mas transnacionalizadas ou, mais sucintamente, como formas de ‘globalismo localizado’” (ESCOBAR, 2010, p.74.). Isto é, as lutas dos movimentos sociais que constituem uma expressão contra as formas capitalistas, resultam em uma:

[...] construção de paradigmas alternativos de produção, ordens políticas e sustentabilidade são aspectos de um mesmo processo, e este processo o qual é impulsionado em parte pela política cultural dos movimentos sociais e das comunidades na defesa de seus modos de natureza/cultura. É assim que o projeto de movimentos sociais constitui uma expressão concreta da busca de ordens alternativas de produção e ambientais, prevista pelos ecólogos políticos. As formas concretas pelas quais este tráfico em ambos os sentidos se leva a cabo, não se conceituam facilmente. Mesmo o local dos movimentos sociais contra o capitalismo e as naturezas modernas, está de alguma maneira globalizado, por exemplo, na medida em que os movimentos sociais tomam emprestados os discursos metropolitanos de identidade e ambiente (ESCOBAR, 2005, p. 70-71).

No espaço urbano, por exemplo, surge a redescoberta desses discursos na dimensão local, por meio da qual se ancoraram novos significados e novos tipos de possibilidades baseadas na vida cotidiana. As pessoas estão tanto no fluxo, em que se relacionam em suas atividades diárias, como no trabalho e afazeres que se interconectam em redes de socialização para promover a circulação de mercadorias a serem consumidas. Para Santos (2007, p. 120) “a

rede urbana tem um papel fundamental na organização do espaço, pois assegura a interação entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações sociais”.

Em outras palavras, a rede de diálogos interconectada de relações sociais, sobretudo, na intersubjetividade dos sujeitos que, de acordo com Habermas (1997) constitui-se de uma regulação normativa da convivência, com a qual todos concordam, e a qual garante, inclusive, relações de reconhecimento recíproco. Em outras palavras, uma relação de sociabilidade que se reproduz culturalmente e faz com que haja perenidade, que envolve a amizade, confiança, enfim, uma criação de reciprocidade (SIMMEL, 2006).

2.1 Os contextos comunicativos e a construção da realidade coletiva

Desta maneira, as redes de diálogo, por exemplo, são tecidas em relação ao mundo de um sentido que já não é local, mas local e global, em vista da globalização, a qual levou à questão da fisicalidade em termos da fluidez da informação e da frequência de movimentos na direção de novas formas associativas, engajamento, organização e isso fez com que o fenômeno comunicativo reativo ao cotidiano se transformasse em capacidades articulatórias de manifestações impressas nos movimentos de lutas, grupos e comunidades locais (SANTOS, 2006).

Desse modo, se “[...] diferentes práticas de conhecimento têm lugar em diferentes escalas espaciais e de acordo com diferentes durações e ritmos”, é uma requisição da intersubjetividade conhecer e agir articulando interescalaridade e intertemporalidade” (SANTOS, 2010, p. 58-59).

A relação intersubjetiva do ponto de vista de Habermas (1997):

[...] surge em lugares onde há uma formação da opinião e da vontade, a qual, junto com a liberdade comunicativa que permite a cada um fazer uso público de sua razão em todos os sentidos, faz valer a produtividade de um “modo de pensar mais amplo”. Este tem por característica que cada um atém o seu juízo ao juízo de outros possíveis, e se coloca no lugar de cada um dos outros. (HABERMAS, 1997, p. 187).

Colocar-se no lugar do outro é uma ação intersubjetiva que, segundo Habermas (1997), emerge das interações com o lugar. Constitui a combinação dos sujeitos, ambiente e agenciamentos, coloca os sujeitos do lugar enquanto canal de emancipação, estabelecendo ações discursivas, que ultrapassem as barreiras da dominação, dando autonomia a eles para falar por si mesmos. Na interação comunicativa, Habermas (1997) compreende que:

Os sujeitos já não vão buscar a este *mundo da vida* somente os padrões consensuais de interpretação (o saber de base do qual se alimentam os conteúdos proposicionais) mas também os padrões de relações sociais de confiança no plano normativo (as

solidariedades tacitamente implícitas em que se apoiam os actos elocutórios) e as competências adquiridas no processo de socialização (o pano de fundo das intenções do locutor). (HABERMAS, 1998, p. 291).

Porque, segundo o filósofo (1998), a cultura implica uma ação comunicativa, uma vez que a sociedade compõe ordens legítimas que regulam a comunicação em grupos sociais de maneira a garantir ações de solidariedade. Assim, para o autor, “a cultura é o reservatório de conhecimento de que os participantes da comunicação extraem interpretações de quando se entendem sobre algo”. (HABERMAS, 1990, p. 96). Para Habermas (1997), na ação comunicativa o espaço da linguagem não se limita às condições estabelecidas e, portanto, segue a abertura do horizonte das interações e das interpretações possíveis.

Para o filósofo alemão, esse enquadramento ocorre:

A partir do momento em que entendemos a socialização intencional do modo como foi sugerido, ou seja, mediada através da comunicação, não contamos mais com seres inteligíveis, oniscientes, sem corpo e que agem fora de um contexto; porém com atores ligados a um corpo, socializados em formas de vida concretas, localizados no tempo histórico e no espaço social, envolvidos nas redes do agir comunicativo, os quais, ao interpretar provisoriamente a respectiva situação, têm que alimentar-se das fontes indisponíveis de seu mundo da vida. (HABERMAS, 1997, p. 52-53).

O mundo da vida, lugar em que os participantes da interação apontam suas falas objetivamente, constitui a territorialidade da linguagem comum, em que os sujeitos exploram essa linguagem como a força motriz da integração social, na comunicação, como um meio de construir uma identidade comum entre indivíduos (HABERMAS, 1997). Nesse sentido, a ação comunicativa, passa a função da ação em que “o tecido das ações comunicativas nutre-se dos recursos do mundo da vida e, ao mesmo tempo, constitui o *medium* pelo qual as formas concretas de vida se reproduzem” (HABERMAS, 1998, p. 443). Em outras palavras, a validade das falas reivindica o lugar dos sujeitos, a sociabilidade e sua relação identitária com o lugar.

Stuart Hall (2006) reflete sobre o papel da identidade na pós-modernidade. Para ele, os sujeitos e suas localidades são confrontados com um universo híbrido que desliza para a aceleração do tempo. Nesse movimento, as identidades, produzem “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p. 87).

Santos (2010) aponta que “[...] muitas das experiências subalternas de resistência são locais ou foram localizadas (p. 59). O local é a articulação do global e do local, onde a cooperação e o conflito moldam a vida comum. “A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela” (SANTOS, 2006, p. 258). Para ele, o lugar é também “[...] o

teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, forjadas pela [...] ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”.

Nesse sentido, concordamos com Santos (2006), ao propor que cada lugar tem sua forma, seu modo de criar e recriar espacialidades individuais e coletivas, a saber que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo [...] todos os lugares são virtualmente globais” (SANTOS, 2006, *idem*).

Atualmente, com as formas de emancipação por meio dos fenômenos comunicacionais, recriam-se diferentes formas de movimentos, mediações, virtualidades e usos específicos do lugar, no sentido de manifestarem-se, por exemplo, diante da representação do espaço urbano, na apropriação do espaço-tempo, no espaço coletivo e individual, sobretudo, nas periferias das cidades (SANTOS, 2006; ESCOBAR, 2005).

Logo, e em vista dessa uma realidade que recria fenômenos de visibilidade a partir das relações de reciprocidade, os sujeitos, “respondem neste enquadramento trazendo outras referências: ‘agenciados’, inseridos nos nós de uma rede, eles atualizam naquela experiência, experiências anteriores” (FRANÇA, 2006, p. 84).

A partir dessas concepções de identidade, no contexto atual, percebemos que o lugar “reforça sua dimensão sensível enquanto representação, valor simbólico” (HAESBAERT, 2004, p. 71).

Lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior (MASSEY, 2000, p. 183-184).

Assim, portanto, o lugar, ou podemos dizer “lugares”, são espaços de corporalidade da vida cotidiana, da horizontalidade, de sociabilidade e de características que lhes são próprias, constitui-se em uma ordem que é constantemente recriada, um sentimento de ser e de conflito. E, ao mesmo tempo, um espaço que compõe relações significativas as quais qualificam os sujeitos sempre que confrontam o mundo de uma forma singular. O lugar, então, torna-se “espaço-vivido”, “torna-se uma categoria que acentua a constituição dos lugares, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas” (GOMES, 1996, p. 317). Nisso, os atores envolvidos demonstram suas práticas, criam e recriam suas representações, resultando em toda uma construção do imaginário social intersubjetivo.

Assim, entendemos que a existência do lugar depende da implicação do sujeito. Conseqüentemente, a natureza depende de como os seres (formatos orgânicos e não-orgânicos),

configuram suas formas de existência. A existência do lugar, por sua vez, torna-se significativa porque implica afeto, sensação e significado.

Com isso, Santos (2006) assinala a importância de identificarmos a interação no lugar, processos simbólicos e comunicativos que implicam em formas outras de compreensão dos debates que guiam a natureza e o lugar. Em outras palavras, o lugar está, sobretudo, alicerçado na criação de informação com as quais os sujeitos se comunicam introduzindo formas alegóricas a partir de habilidades visuais com o espaço.

O lugar seria aquele que convencionaria toda a fisicalidade do mundo com suas múltiplas possibilidades e que tem probabilidades diferentes ao usar territórios em diferentes perspectivas de uso do tempo, significaria cada vez mais que o homem muda sua visão do mundo, sua compreensão da natureza e do lugar (ESCOBAR, 2005; SANTOS, 2006).

O lugar do cotidiano é também um espaço de práticas políticas e culturais em áreas urbanas, ou seja, as populações segregadas socioespacialmente definem seus territórios, impõem seu próprio modo de vida, plantam suas histórias e suas identidades. A dinâmica urbana constitui a causa e o efeito das ações e reações implementadas e vinculadas, apresentadas em sua dimensão histórica e social como um espaço importante da sociedade.

Da mesma forma, quando nos conectamos com a experiência do mundo, desenhamos cenários abstratos, desde as nossas próprias experiências as quais tentam explicar os traços e as formas de ser que formam o caminho do que chamamos de lugar, juntamente com a captura de códigos e representações do comum.

Quando se discute o pensamento decolonial é justamente para produzir consciência crítica diante das lacunas existentes no rastro do que a ação do colonialismo trouxe para o local. De acordo com Santos (2006, p. 213), o lugar “é uma realidade tensa, um dinamismo que se está recriando a cada momento, uma relação permanentemente instável, e onde a globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência”.

O que é preciso sublinhar aqui, considerando o objeto desta pesquisa, é que o lugar pode ser visto como propiciador de resistência, em que os povos marginalizados lutam pela independência e autodeterminação por meio de novas estratégias e articulações e ações coletivas dos movimentos sociais.

Se a dimensão sensível hegemônica, especialmente ligada à construção discursiva midiática, produz certa compreensão das comunidades periféricas de Belém, aqui focalizando especialmente o bairro da Terra Firme, gerando, com isso, a condição de invisibilidade ou de imagens estigmatizantes, o bairro não pode ser reduzido a isto e pode se insurgir contra essa

ordem de significados, uma vez que ele é um lugar construído coletivamente e potencialmente tem condições de lutar pela sua emancipação.

2.2 Terra Firme: um lugar de pertencimento e de lutas

Situada na periferia de Belém, a Terra Firme¹⁰ é um dos bairros mais populosos da cidade e tem aspectos singulares na sua história, tais como a ocupação do terreno, as políticas de saneamento e segurança pública. O processo de confrontação com o Estado em busca do direito à moradia é a marca no bairro da Terra Firme, que se constitui como um lugar de lutas da sua coletividade, mas também um espaço destituído de políticas públicas, infraestrutura básica, em que prevalece e a informalidade nas relações de trabalho dos ocupantes, revelando aspectos de maior vulnerabilidade social, com reflexos nos altos índices de criminalidade e violência ali registrados (SOUZA, 2006; ALVES, 2010).

A Terra Firme está às margens do rio Tucunduba. “A bacia está localizada na parte sul da cidade de Belém, afluente do Rio Guamá, que tem uma área total de 8 km². 40% da bacia é constituída por prados de 4 m, formando uma grande planície de inundação (LUZ et al., 2012, p. 3). As lutas pela habitação são exemplos de resistência do bairro Terra Firme até os dias atuais, desde o processo que articulou a história de sua ocupação, às margens do Rio Tucunduba. A bacia do Rio Tucunduba atravessa várias partes da cidade de Belém, como Guamá, Marcos, Canudos, São Brás e Terra Firme, bairros próximos à Universidade Federal do Pará, onde se localiza a rota do rio.

O rio flui pelos arredores da cidade de Belém por meio de um vasto sistema de várzea e, no contexto em que está localizado, possui uma grande concentração populacional, marcada majoritariamente por péssima qualidade de vida e baixos padrões de renda. Devido à sua proximidade com um dos afluentes do Rio Guamá, nos arredores da cidade de Belém, suas características topográficas são influenciadas por chuvas e marés e permanecem permanente ou temporariamente alagadas durante a maior parte do ano.

Segundo Alves (2010), a planície do Rio Tucunduba abrange uma das maiores áreas periféricas da cidade de Belém do Pará e representa, no contexto em que se localiza, o teatro de reprodução das condições de existência de uma população pobre. A ocupação dos seus arredores é destaque desde a década de 40, no entanto, somente nas décadas de 70, 80 e 90 esse processo

¹⁰ De acordo pesquisas recentes a população da Terra Firme é formada por aproximadamente 61.439 habitantes, o bairro conta com uma população jovem (de 05 a 25 anos) formada por 22.995 pessoas, somando 37% da população do território (CAVALCANTE et al., 2016, p. 631).

se intensificou com a imigração de pessoas de outras cidades do Pará e estados do país, as quais procuraram no centro urbano de Belém melhores condições de vida.

Os registros a seguir nas imagens, testemunham a realidade da ocupação do bairro no início na década 1970.

Imagem 1 – Passagem Gracinha na Terra Firme



Fonte: Acervo pessoal, década de 70. Dados da pesquisa (2019).

Imagem 2 – Casas e palafitas passagem Gracinha na Terra Firme



Fonte: Acervo pessoal, década de 70. Dados da pesquisa (2019).

Imagem 3 – Rio Tucunduba percorria a Passagem Gracinha



Fonte: Acervo pessoal, década de 70. Dados da pesquisa (2019).

Com a imigração, a partir dos anos 1940, a Terra Firme passou a ser habitada por meio de palafitas e pontes, que serviam de apoio para chegar às ruas improvisadas pelos próprios moradores. As pontes eram pequenos caminhos abertos, entre o solo úmido e os matos que ali proliferavam. Havia pequenos rios, olhos d'água e o rio Tucunduba, cuja insipidez era possível constatar nos anos 70.

O bairro da Terra Firme vai sendo tomado posteriormente, aos poucos, pelo progresso desenfreado e desordenado da cidade de Belém. No seu início, muitos moradores contam, como os meus pais, por exemplo, que o crescimento dele ocorreu desordenadamente devido à busca por moradia. Em terrenos cercados de grande mata com partes pantanosas as famílias iam buscando espaços para construir suas casas.

Assim, a Terra Firme pode ser classificada como um território, que não se reduz apenas a um conjunto de árvores, residências, hectares, rios, montanhas, lagos, muito menos o que subjetivamente significa para todos. E sim deve ser entendida como um território, concretamente a partir das relações sociais existentes no tempo e no espaço, determinadas historicamente (SANTOS, 2007).

Lembrando que a Terra Firme é considerada um território de baixada e a sociedade, de modo geral, considera as áreas de baixadas como não próprias para morar. Esse estigma social que categoriza nossa gente “terrafirmense” é sublinhado por Goffman (2008), ao descrever que

o estigma é um *status* moral da nossa realidade, sobretudo, quando o efeito de descrédito se torna eficaz como rótulo atribuído ao outro.

Desse ponto de vista, a questão central do estigma, atualmente, se traduz pela sensação do “me rouba logo”, quando alguém de fora visita o bairro. Este tipo de frase chega até a ser utilizado como expressão de “brincadeira” expressa por terceiros, ao referirmos que moramos na Terra Firme. Uma aparente simples brincadeira, mas que revela a insegurança, a desconfiança com o outro, o padrão de imagem de quem mora na Terra Firme é o que estabelece os atributos depreciativos que fortalecem a estrutura hegemônica que conforme Miguel (2018), combinam as capacidades de impor a dominação (ou coerção) sobre a sociedade.

Também vista por Hall (1997), a atribuição de estereótipos reduz indivíduos e grupos a algumas características simplistas, como a mídia hegemônica ao descrever as periferias da capital Belém, particularmente no bairro Terra Firme. A mídia “reduz, essencializa, naturaliza e fixa as 'diferenças' de [pessoas ou grupos]”. (HALL, 1997, p. 258). Os grupos minoritários muitas vezes lutam contra essa invisibilidade para afirmar sua existência. É o caso do coletivo Tela Firme, que busca afirmar, pela narrativa audiovisual, outra imagem do bairro, em disputa com as representações hegemônicas. Os estereótipos, exclusão seletiva e descontextualização também são estratégias utilizadas pela enunciação midiática, que tendem a se concentrar mais nas manifestações de violência, ignorando as motivações políticas por trás das convulsões (LIEBES, 1997; MCCURDY, 2013). Para Maia (2018), as notícias da mídia sobre a violência podem “esterilizar” a tela para eliminar a indignação e o sofrimento das pessoas, ridicularizar ou degradar os manifestantes e rotulá-los.

O conjunto dessas relações de poder é sublinhado por Lage (2018), ao apontar que isso contribui para posicionar a imagem dos sujeitos na ordem sensível, assim como a distribuição simbólica dos corpos em um determinado lugar.

Como explica Butler (2007, p. 156), “o repúdio a esses corpos “cria a valência da abjeção” e um *status* que tem um aspecto de ‘ameaçador’”. Um episódio para ilustrar essa questão da depreciação foi um fato ocorrido comigo quando passei na universidade e um dos meus primeiros estágios foi em uma instituição de pesquisa de nível federal. Quando cheguei com a coordenação e falei que era da Terra Firme as coordenadoras tomaram um susto, me senti realmente discriminado, como se o fato de ser morador do bairro me impedisse de trabalhar ali.

Os meus trabalhos no início foram supervisionados por duas pessoas e a questão do estigma pesava sobre mim. Eu precisava sempre mostrar a eles que era confiável, isso demorou mais ou menos uns três meses. Quem não vive a realidade do bairro não tem noção do que significa “ser da Terra Firme”, a ideia de “na Terra Firme só tem gente que não presta”. Por

outro lado, ser da Terra Firme é um orgulho, porque ela é uma marca de resistência que subverte todos os dias o processo hegemônico.

Conforme Freire Filho, a resistência tem várias mutações como a transgressão e a subversão ao sistema, a vida social para quem resiste está na capacidade de suportar dor e fadiga, privações materiais, lidar com situações adversas e opressivas, uma condição a limitações estruturantes, um processo de conscientização da situação do oprimido. (FREIRE FILHO, 2007).

Contudo, a resistência sobre a trajetória da Terra Firme é devir, pois habita no plano da imanência em que a nossa existência “terrafirmense” não se produz sem se fazer crítica de si própria, sem traçar o mapa de seus impasses e suas questões. (DELEUZE, 2005). Assim, a abordagem autorreflexiva parte do “nós”, daqueles que vivenciam este lugar, a Terra Firme.

Em função disso, as pessoas que moram até hoje no bairro escreveram seu nome em um território que é “debaixo d’água”, podemos entender a “Terra Firme” a partir dos seus muitos moradores que vieram para o bairro ainda no início, como meu pai, que sempre me faz relatos de quando chegou aqui na década 70.

Não havia casas, era só mata, muitos moradores construíram suas casas ficando esteios nos igapós, depois de um tempo vieram os batedores de açaí, muitos deles existentes até hoje. Vários batedores doavam sacas de caroços de açaí para aterrarem e fazerem a partir disso suas casas e muitos moradores jogavam serragem; nesse tempo não existiam serrarias na Terra Firme, a serragem vinha de outros bairros.

Não havia também feiras na Terra Firme, os próprios moradores montavam açougues nas frentes de suas casas e formavam pequenas vendas de mercadorias. A feira que conhecemos hoje passou a existir no final da década de 1980.

Ônibus também não tinham, existia uma linha de ônibus que ficava atrás do Curtume, nas ruas Juvenal Cordeiro e Silva Rosado já em Canudos, quem precisava trabalhar na época e se locomover pela cidade deveria ir andando até o curtume Santo Antônio de propriedade da firma Sobral, Irmãos Sociedade Anônima, uma fábrica de couro que deu emprego a muitos moradores da Terra Firme e Canudos, podem ser vistos nas Imagens 4 e 5.

Imagem 4 – Cartão da empresa Curtume Santo Antônio na Terra Firme



Fonte: Diário do Pará, 1989.

Imagem 5 – Comunicado da empresa Curtume Santo Antônio na Terra Firme



Fonte: Diário do Pará, 1989.

Este edifício foi localizado rua da olaria nº 92, fronteira entre os bairros de Canudos e Terra Firme (Montese), uma área expropriada em 2007 pelo governo do estado para a construção de habitação popular pela Companhia de Habitação do Estado (COHAB), que abandonou o projeto em sua fase de implementação, o que fez com que o lugar inundado virasse um lixão. Recentemente o local passou pela segunda parte da macrodrenagem da Bacia do Tucunduba.

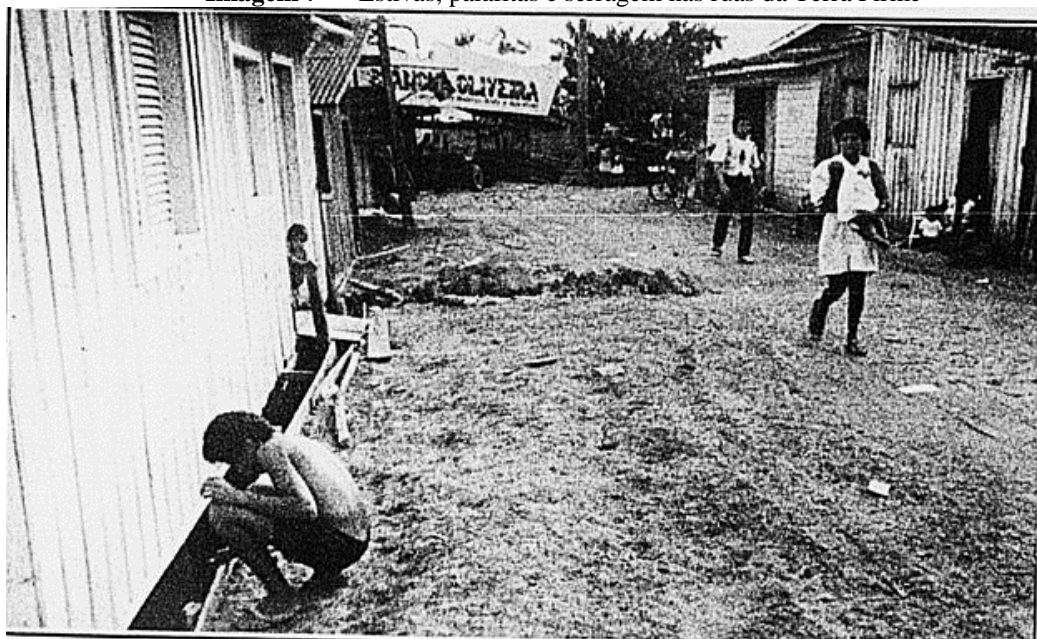
Imagem 6 – Avenida Celso Malcher em 1989



Fonte: Diário do Pará, 1989.

No início as moradias eram cheias de estivas e palafitas, mas depois com a serragem e aterro, este último dado pela Prefeitura Municipal de Belém (PMB), muitas ruas do bairro foram ficando com chão batido.

Imagem 7 – Estivas, palafitas e serragem nas ruas da Terra Firme



Fonte: Diário do Pará, 1989.

Desse modo, a Terra Firme é um território que se construiu na base da precariedade e de intensos contrastes sociais em relação ao restante da cidade, por isso sempre abrigou lutas sociais e manifestações de resistência desde a sua criação. E por que a Terra Firme é tão marcada por lutas populares?

Problemas alimentares e habitacionais no interior do Estado levaram a um êxodo rural para a capital, que causou um grande fluxo de migrantes para a cidade de Belém, principalmente para as áreas de várzea. Tendo em vista estas heranças históricas e em face da falta de infraestrutura para absorver o fluxo de migrantes e cotas populacionais, o número de postos de trabalho em áreas insalubres, localmente como planícies, instalou-se o problema. Surgiram os conflitos urbanos devido ao processo desigual de acumulação de terras, na completa falta de planejamento para a expansão urbana de Belém e nas miseráveis condições socioeconômicas em que as terras baixas vivem.

Tais condições são demonstradas por habitação em “casas” construídas diretamente a partir de argila, cobertas com camadas de aterro geralmente inadequado ou suspensas por estacas em solos permanentemente encharcados, sendo que algumas das águas residuais derivam-se dos intervalos mais altos.

Como pode ser visto na **Imagem 8**, a Terra Firme

Imagem 8 – Saneamento básico e escolas: o que falta na Terra Firme



Fonte: *O Liberal*, 1989.

Sobre isso, há o precário sistema de esgoto, o lixo não recolhido, a falta de iluminação pública, que fazem parte do descaso público, realidade que de forma recorrente provocava sérios problemas de saúde nos moradores. Este fato sempre foi notório e por causa disso o bairro virava manchetes nos noticiários.

2.3 Moradores da Terra Firme: o exercício comum e o conjunto da autonomia

Nas ruas da Terra Firme desde a minha infância é muito comum a falta de água em casa, até hoje o poder público não saber dizer precisamente porque o sistema de água é tão precário nos bairros periféricos, especialmente na Terra Firme, além de ter muitas casas onde não chega a água, apesar de o morador tem que pagar as contas que chegam em sua residência sem ter usufruído do serviço.

Como se pode ver nas **Imagens 9, 10 e 11**, o abastecimento de água continuou sendo irregular até hoje. As partes mais baixas da Terra Firme são as que mais sofrem pela escassez de água. Quando falta água e a demora é muita, às vezes por dias, muitos moradores são solidários com outros, os que têm poços artesianos em suas casas os disponibilizam para os vizinhos.

Lembro da minha infância e adolescência, quando eu ia buscar com meu pai baldes d'água na rua de cima¹¹, parece incrível, via gente de todas as partes pegar água na casa do vizinho onde tinha essa “tecnologia”, chegando a formar filas que se estendiam até altas horas da noite, o que fazia as ruas ficarem movimentadas. Pessoas que chegavam do trabalho e iam buscar a água em garraões, camburão, até com carros de mão.

Mulheres, homens, crianças, até famílias, chegavam com baldes grandes e pequenos, as crianças pegavam baldes pequenos d'água e antes mesmo que os tivessem enchido, jogavam sobre suas cabeças com uma naturalidade infantil. Era uma diversão, muitos jogavam água no outro e a falta d'água era uma forma de a criançada se divertir, enquanto para outros representava o descaso e o peso de não ter algo tão essencial em sua casa.

Algumas ruas do Terra Firme, como a Passagem Comissário, a nossa Senhora das Graças, Bom Jesus, Dom Manoel, Brasília, Avenida Celso Malcher, Lauro Sodré esta última onde morei até hoje, estão entre as áreas consideradas mais críticas pela população do bairro.

¹¹ Jargão usado pelos moradores para representar uma das principais ruas do bairro da Terra Firme, a Rua São Domingos. Este termo de “rua de cima” também está associado com a representação de rua que contém o asfalto e contém as casas com poços artesianos ou caixas d'água, uma espécie de quem usufrui de “status” de moradia.

Meus familiares contam suas vivências no bairro e percebe-se que, desde a década 80, esse problema persiste. Sem contar a má qualidade da água, que provoca alergias no corpo de muitas crianças. A água também faz com que as verminoses infantis sejam recorrentes.

Eu, por exemplo, hoje residente da Passagem Comissário, próximo à Igreja São Domingos de Gusmão digo, tem horas que a água não sobe, temos que apará-la, porque já sabemos que em algum momento ela vai faltar. Muitas vezes a água vem amarelada os moradores a identificam com ferrugem e ainda temos que pagar altas taxas por um serviço péssimo e muitas vezes inexistente em nossas residências.

Imagem 9 – Terra Firme: péssimo abastecimento

Belém, terça-feira, 04 de abril de 1989 Jornal dos Bairros **O LIBERAL** 5

Terra Firme: péssimo abastecimento

Foto Paulo Sampaio



Pouca água nas torneiras da Terra Firme



Os moradores do área reclamam das altas contas a pagar

Há vários anos que o abastecimento de água no bairro da Terra Firme é irregular. Aparelmente, o problema não é geral. O racionamento não chega a atingir alguns trechos do bairro. Entretanto, as baixadas continuam a ser as áreas mais atingidas pela falta de água. Para se abastecer, os moradores se utilizam de todos os meios, dois deles são a quebra do cano principal e o uso de poços artesanais. Embora o abastecimento esteja irregular, a Companhia de Saneamento do Pará (Cosampa) envia mensalmente as taxas de consumo para todas as residências. A alta quantia cobrada chega a assustar os moradores, que reclamam da ausência do produto nas torneiras.

Determinadas ruas da Terra Firme, como a passagem Ligação, Nossa Senhora das Graças, Bom Jesus, Dom Manoel, Brasília, parte da passagem Vera Cruz e um trecho da avenida Celso Malcher, são alguns dos perímetros considerados mais críticos pela população do bairro. Em muitos destes trechos, o problema é recente. Em outros, todavia, a problemática já perdura por quase uma década.

"Eu moro há 20 anos na passagem Ligação e nunca tivemos este tipo de problema. Começou a faltar água por aqui há cerca de um ano", conta Maria Raimunda Pinho Chaves. A moradora Maria Lúcia Ferreira falou que nesta rua o abastecimento é realizado através de um poço existente na quintal da casa de um vizinho. Os moradores tentam aproveitar da melhor maneira possível a pouca água que surge nas torneiras. Conforme Sandra Maria Chaves das Neves, as torneiras ficam abertas praticamente o dia todo "para aparar toda a água que aparecer". O problema de água na Terra Firme, em muitos pontos, consiste não no desperdício total do líquido, mas na pouca quantidade que os moradores podem consumir.

Sem saber a causa da falta de água, os moradores tentam encontrar seus próprios meios para resolver o problema. Muitos moradores, em vão, já tentaram fazer consertos nas tubulações. Outros resolveram quebrar o cano na tentativa de conseguir água. "Se a gente quiser água, tem que pegar no cano de baixo", comenta Ana Lúcia de Sousa Martins. "Já moro há quase dez anos neste lugar e sempre houve este problema", complementa a moradora.

Os moradores reclamam também da péssima qualidade da água, que vem causando alergias nos corpos de muitas crianças. "A água causa ainda o aparecimento de vermes nas crianças", confirma Maria do Carmo Pereira Caldas. Segundo a moradora Maria Joana Vieira Reis, a água consumida pelos moradores está totalmente poluída. Ela disse que é comum a presença de um elemento amarelado na água, identificado como ferrugem.

Apesar do racionamento de água, os moradores têm que pagar altas taxas pelo consumo do produto, que quase mexiste nas residências. De acordo com Maria Joana Vieira, os moradores têm que pagar agora dois papéis por mês. "É o preço é altíssimo. Há mais em que a conta é de cinco cruzados novos, em outros o valor é mais alto que isso", assegura.

Fonte: *O Liberal*, 1989, p. 5

Imagem 10 – Estado precário nas ruas da Terra Firme



Na Terra Firme, o quadro de descaso é visto por todo o bairro

Estado precário nas ruas da Terra Firme

Os moradores da passagem Santa Helena, na Terra Firme, vêm reclamando há vários anos do precário estado em que se encontra aquela rua, que apresenta centenas de buracos e lama em toda a sua extensão. Se a situação já é crítica nos dias de sol, pior fica com as chuvas, quando não há a mínima condição de trafegabilidade. Por falta de outras vias de acesso, os moradores são obrigados a enfrentar o lamacçal, inventando caminhos com tábuas, pedras e o que servir para driblar a buracueira.

Segundo o morador Antonio Sidico, que há mais de 20 anos mora naquela passagem, até que a rua já não é tão ruim quanto antigamente. "Ésto aqui

era um pântano; a gente andava por cima de troncos de açaieiros", lembrou Antonio. "Se agora está atarrado, foram os moradores que contribuíram para isso", acrescenta, afirmando que por diversas vezes ele mesmo colocou aterro e piche nos buracos.

O precário estado da Santa Helena, assim como das demais ruas do bairro, deve-se também à falta de saneamento na Terra Firme, um bairro formado basicamente por baixadas, que padece da ausência de infraestrutura. Poucas ruas contam com serviço de esgotos e pavimentação. A grande maioria se debate entre buracos, lama e valas a céu aberto.

Fonte: *O Liberal*, 1989, p. 2.

Imagem 11 – Muitos problemas num único bairro

Muitos problemas num único bairro

Uma reportagem fotográfica mostra o estado precário das ruas e a situação de insegurança, de higiene e saneamento, motivação para a população e comitês comunitários, que pedem maior atenção e população em outras ruas, incluindo a passagem Santa Helena, onde há um buraco que impede a passagem de veículos e pedestres e difícil, porém, na área de baixada da rua Barboza é por: os moradores, ainda, caminham sobre pontes. "Há mais de dez anos a Prefeitura não presta atenção a essa rua, apesar de ser tão importante para quem mora lá", afirma o morador João Carlos Macêdo, que reside há 11 anos naquela rua. "A situação das passagens é precária, se fossem feitas melhorias, não foram feitas", afirma o morador. Ele disse também que o ralo das entressa-
 zas é maior para as crianças, que frequentemente caem nas poças, além de serem usadas para lavar roupa, mas de acordo com causas da Prefeitura.
 "Quero", Carlos Macêdo denuncia ainda que "as ruas estão em péssimo estado e os donos comunitários não deveriam atender a isso, deveriam atender a isso", afirmou Carlos Macêdo, lembrou que "a saúde da população deveria receber mais atenção, principalmente devido à falta de saneamento em todo o bairro". A sobrecarga de trabalho no posto mostra seus reflexos no atendimento à população. Maria da Conceição Barros questiona se os moradores, não atendem bem à população. "Contos em seguida que seu posto precisa tomar uma injeção no posto e foi positivamente tratado pela enfermeira. "Ela recebeu a criança com estupeção mesmo", denuncia a moradora. A solução, acreditam eles, seria a ampliação do posto ou a construção de uma nova unidade.
 A falta de água é um problema diário enfrentado pelos moradores da Terra Firme. Segundo Aldeide Brito de Souza, que reside há 17 anos no bairro, "desde agosto a água vem diminuído nas torneiras". Ela contou que "das 8 às 18 horas, a água sai num filar e há dias em que falta completamente". Maria da Conceição também se questionou o problema. "Sempre perguntei para as vizinhas se na casa delas também não tem água, para ver se não é problema com o meu caso, mas a resposta é sempre afirmativa".
 Além do fornecimento de água faltar, os moradores já procuraram a Companhia e não tiveram sucesso. "Alguns não têm água, outros têm água, mas não sabem o resultado", completou Maria.

Nas ruas da Terra Firme, sair à noite é um perigo

Andar pelas ruas da Terra Firme quando escurece, segundo os moradores, não é nada tranquilo. "Aqui tem muito assalto, muita violência e forte presença de tráfico de drogas", contou Maria da Conceição Barros, que reside há 17 anos na passagem Santa Helena. Segundo ela, os moradores não se sentem seguros e muitas vezes têm que sair de casa com medo de serem assaltados. Ela disse também que os moradores não se sentem seguros e muitas vezes têm que sair de casa com medo de serem assaltados. Ela disse também que os moradores não se sentem seguros e muitas vezes têm que sair de casa com medo de serem assaltados.

O bairro não tem uma escola facilitada, além da precariedade da iluminação pública. "Os pontos de iluminação são poucos, não iluminam bem e não são seguros", afirmou Carlos Macêdo, a culpa cabe a quem não cuida dos pontos de iluminação pública em toda a área. "Quando chega perto, os moradores desaparecem, não preciso que ninguém avia", lamentou Rodolfo.
 O bairro tem uma escola facilitada, além da precariedade da iluminação pública. "Os pontos de iluminação são poucos, não iluminam bem e não são seguros", afirmou Carlos Macêdo, a culpa cabe a quem não cuida dos pontos de iluminação pública em toda a área. "Quando chega perto, os moradores desaparecem, não preciso que ninguém avia", lamentou Rodolfo.

Plantão nos Bairros" responde

Segurança, saneamento, iluminação e pavimentação são os pontos fracos de Canudos na opinião dos moradores, entrevistados pelo "Plantão nos Bairros" da edição de 17 de maio do jornal. A área visitada pela reportagem da Rádio Liberal AM é o bairro de Canudos.
 Segundo o major Roberto da Rocha, chefe interno do Comando do Policiamento do PM para manter o policiamento no distrito, há uma falta de pessoal efetivo. Ainda assim, garantiu que mantêm intensificadas a ronda na área. Ela acredita que, a partir do próximo ano, a segurança em Canudos melhorará significativamente com a volta de Rádio Patrulha e o aumento do número de policiais na rua.
 Wady Henici, secretário municipal de Saneamento, disse que a Sesan, nesta última semana do ano, vai providenciar todos os serviços solicitados na avenida Coarã, como abertura de valas, limpeza

População reclama dos serviços do Posto local

Outra queixa dos moradores é a respeito do Posto de Saúde da Terra Firme, na rua São Domingos. "O posto não dá conta de atender todo bairro", contou Carlos Macêdo, lembrou que "a saúde da população deveria receber mais atenção, principalmente devido à falta de saneamento em todo o bairro". A sobrecarga de trabalho no posto mostra seus reflexos no atendimento à população. Maria da Conceição Barros questiona se os moradores, não atendem bem à população. "Contos em seguida que seu posto precisa tomar uma injeção no posto e foi positivamente tratado pela enfermeira. "Ela recebeu a criança com estupeção mesmo", denuncia a moradora. A solução, acreditam eles, seria a ampliação do posto ou a construção de uma nova unidade.
 A falta de água é um problema diário enfrentado pelos moradores da Terra Firme. Segundo Aldeide Brito de Souza, que reside há 17 anos no bairro, "desde agosto a água vem diminuído nas torneiras". Ela contou que "das 8 às 18 horas, a água sai num filar e há dias em que falta completamente". Maria da Conceição também se questionou o problema. "Sempre perguntei para as vizinhas se na casa delas também não tem água, para ver se não é problema com o meu caso, mas a resposta é sempre afirmativa".
 Além do fornecimento de água faltar, os moradores já procuraram a Companhia e não tiveram sucesso. "Alguns não têm água, outros têm água, mas não sabem o resultado", completou Maria.

Fonte: *O Liberal*, 1989.

No estudo sobre as ocupações do Riacho Doce, localizado na bacia do Tucunduba, no bairro da Terra Firme, Souza (2006) discute o projeto do plano de desenvolvimento local na ocupação urbana, a partir da percepção de uma equipe técnica e das experiências dos moradores afetados que se mobilizaram por melhores condições de vida. Conforme o autor, as experiências durante os protestos de moradores, diretamente ligadas ao processo de ocupação do bairro, possibilitaram o exercício de certa autonomia, com diferentes performances das lutas de moradores no espaço social.

No entanto, precisamos entender que:

O bairro da Terra Firme está inserido na lógica prevalente da informalidade no acesso à terra para morar, compreendida a partir de altos índices de ocupações espontâneas que fogem aos padrões de ocupação territorial, como o adensamento, alinhamento, tamanho dos lotes, entre outros. Há neste bairro uma alta concentração de trabalhadores de baixa renda, seja pelas características físicas da maioria das moradias, seja pelas ruas sem pavimentação adequada, pela falta de rede de esgotamento sanitário e de coleta regular de lixo ou, ainda, pela falta de áreas de lazer e de segurança pública, além do transporte coletivo que não atende à demanda da população do bairro. (SILVA; SÁ, 2012, p. 183-184).

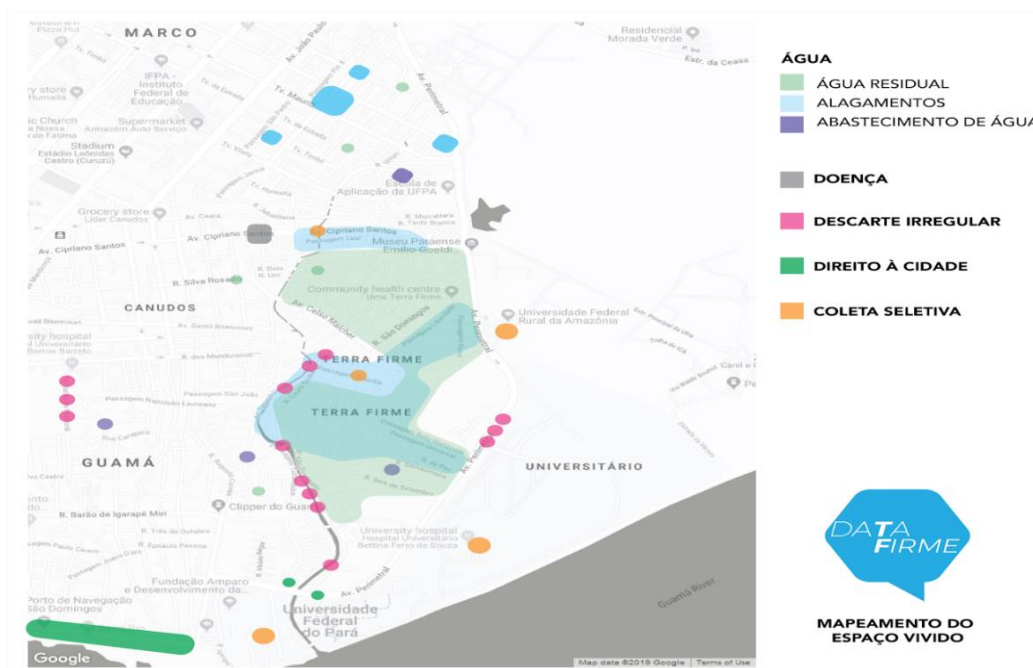
De outra forma, há ainda um fator de saneamento fundamental quando se fala do bairro: a Macrodrenagem do Tucunduba. O projeto, que iniciou nos anos 1990, parecia ser inovador, usando parques lineares. No entanto, nesses anos a falta de controle social do projeto e problemas na continuidade na obra o transformaram em um grande engodo para a população.

Baseado nisto, o Projeto *Data Firme*¹² coletou informações referentes ao saneamento do bairro com alguns moradores que chegaram nos seguintes indicadores: áreas alagáveis; água residual (esgoto); água na torneira; descarte irregular de lixo - locais em que o lixo é despejado de forma clandestina. Doenças relacionadas à água e ao lixo: Dengue, malária, leptospirose, giardíase, por exemplo. Coleta seletiva; Direito à cidade - correspondente a espaços de lazer, onde as pessoas possam curtir o seu bairro, e tornarem-se mais íntimas dele.

Esses indicadores se encontram no mapa feito pelo Data Firme (2019).

¹² É um projeto de mídia participativa realizado através da Interação da Incubadora de Linguagens Digitais da UFPA, ILD, e movimentos sociais e ativistas da área do Saneamento no bairro da Terra Firme e outros bairros de Belém. Mídias Participativas, são um tipo de ferramenta de gestão participativa, que tem a capacidade de integrar comunidades em torno soluções, engajamento em atividades de cidadania, e controle social. (DATA FIRME, 2019). Disponível em: <http://www.bigdatacommunity.org/o-que-e-o-data-firme-2/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Imagem 12 – Indicadores sobre saneamento na Terra Firme



Fonte: Data Firme (2019).

Um estudo sobre a Cartografia Digital do bairro da Terra Firme, resultado de uma parceria firmada desde 2013 entre os moradores do bairro e um Projeto de Extensão Universitária Proex/UFPA¹³, sintetiza informações sobre grupos e indivíduos, lugares, instituições, equipamentos socioculturais, saberes e fazeres culturais. A partir desse mapeamento, constatam-se as ações de resistência desse lugar, constituído por 88 coletivos mapeados, divididos em nove categorias como Arte, Música, Movimentos Sociais, Ensino, Dança, Teatro, Religioso, Ofício e Lugares.

Em julho de 2019 a cartografia foi atualizada pela segunda vez pelo projeto de extensão “Nós na Tela”, da Faculdade de Artes Visuais da ICA/UFPA, em parceria com o Coletivo Tela Firme, de cuja equipe participo. Em julho, os jovens passaram pelo bairro de Terra Firme para reunir informações, registrar atividades e aprender sobre as características econômicas, geográficas, culturais e sobretudo humanas dos moradores da vizinhança.

¹³ Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/0B9jtyeTG9A8zcTVDLXNoWFBZwC/view?usp=sharing&fbclid=IwAR2yVIp_gAcwvCdICF4rmsRmuHb_-pkmcYEkH5gvfpBs4WHshrmOBuQ5z4Wc. Acesso em: 25 de jan. 2019.

O projeto foi concebido por dois geógrafos residentes do bairro, Francisco Batista e Fábio Moroni, em parceria com o coletivo Tela Firme e com o curso de Tecnologia de Produção Multimídia da UFPa, a fim de levantar o maior número possível das especificidades do lugar¹⁴.

Seguindo a categoria Lugares, pode-se tomar como exemplo a Praça Olavo Bilac, uma via de grande circulação de pessoas e um espaço aberto sem qualquer proteção ou demarcação definida no espaço, a não ser pelas marcas visuais (placas) utilizadas pelos próprios ambulantes, assim como na feira livre.

Mesmo com sua história de dificuldades, os moradores da Terra Firme também travaram conflitos em busca de um melhor espaço para trabalhar. E o mercado da Terra Firme foi um desses espaços. Construído em 26 de março 1988, o mercado da Terra Firme, foi construído em função da necessidade de remoção dos feirantes, que ocupavam a avenida Celso Malcher sem as menores condições de higiene e segurança, tanto para vendedores como para consumidores.

Assim, a Prefeitura decidiu pela sua construção. Já na década de 80, comerciantes do hortomercado deflagraram greve parcial para reivindicar a remoção dos feirantes que estavam ocupando ilegalmente a avenida Celso Malcher e estabelecendo uma concorrência com os próprios comerciantes do mercado. Os feirantes do hortomercado se sentiram prejudicados pela concorrência dos ambulantes, protestaram contra a feira paralela (que é hoje a feira livre e diversa do bairro).

A Terra Firme, portanto, configura-se como um território de ação local, porque é resultado de relações sociais das mobilizações, lutas e resistências ao poder e é um território em constante movimento, protagonizado por um conjunto de atores locais, em geral pertencentes a grupos minoritários que sofrem com a discriminação e a violência. Segundo Lira (2018), a Terra Firme¹⁵ foi nomeada pelos primeiros habitantes do espaço.

Seguindo a mesma linha de entendimento sobre o nome dado ao bairro da Terra Firme, Cunha (2018, p. 27) sublinha que:

Um fato muito curioso sobre a região é que, em 1996, o nome bairro foi alterado pela prefeitura para Montese, em referência aos soldados brasileiros que participaram da

¹⁴ Os dados coletados estão sendo compilados para serem divulgados através de um mapa interativo e outras mídias produzidas através da parceria do coletivo com o Curso de Produção Multimídia da UFPa e ficará disponível no site do Data Firme.

¹⁵ Conforme (CUNHA, 2018, p. 27-28 apud PEREGRINO, 2014), os moradores de Belém, principalmente os moradores do bairro, se recusam a usar o novo nome e reivindicam a permanência do nome Terra Firme. Muito justo, visto que foram eles que ocuparam as terras e têm sua história para contar. O nome Terra Firme diz respeito à história do bairro, à vivência de seus moradores, à memória afetiva deles com o lugar [...] os ônibus da cidade ainda circulam com o nome Terra Firme, e nas buscas da internet localizamos o nome do bairro com sua forma popular entre parênteses: “Montese (Terra Firme)”. Quando os governantes vão entender que o nome de um lugar, dado pelo seu próprio povo, não cabe entre parênteses? Montese é um nome sem identificação direta com o lugar e seus habitantes, é, como já foi dito, um nome oficial concebido de forma autoritária pelo Estado.

batalha de Montese, na Segunda Guerra Mundial. Mas esse nome determinado pelo poder público nunca “pegou” entre os moradores.

É pelo fato de a Terra Firme ter uma série de lutas sociais desde a sua criação, que o nome dado pelo poder público municipal não se tornou popular entre os moradores. Em outras palavras, os moradores não aceitaram uma determinação que vinha do alto, por parte da prefeitura, preferindo manter sua referência identitária contida no nome que carrega a história do bairro. Isso mostra que os significados em torno do lugar vêm da percepção das relações sociais estabelecidas e dos sentidos que os sujeitos reproduzem nas práticas e apropriações dele.

Neste trabalho, buscamos compreender o lugar e as sociabilidades nele existentes, com as respectivas identidades dos sujeitos neste quadro socioeconômico que, como já mencionado antes, é um ambiente de diversidade cultural, dado que a composição de sua população tem na sua base imigrantes vindos de diversas localidades e até de outras regiões, em busca de formas de sobrevivência, do que decorre também a forte presença do mercado informal na compra e vendas de produtos e serviços em ruas, praças, mercados e feiras do bairro.

Brito, Steinbrenner e Cunha (2017) examinaram o desenvolvimento de ações de comunicação contra-hegemônicas realizadas pelas comunidades periféricas de Belém, sobretudo, em uma atividade no bairro da Terra Firme. As autoras destacam a questão do lugar em que um processo contínuo de interação entre os sujeitos, uma experiência de comunicação realizada no contrafluxo da lógica das redes de informação, reforçando, assim, os laços sociais entre os indivíduos que partilham o mesmo mapa de significações.

Essa percepção nos leva a retomar a concepção de Santos (2010) sobre o lugar ser o seu (do indivíduo) mundo, tendo as suas próprias especificidades. Ou seja, por mais que alguns bairros periféricos se identifiquem entre si por meio de algumas características (no caso, a falta de serviços públicos), cada um tem uma individualidade que se sobrepõe à globalidade. Dessa forma, sobre a Terra Firme, um elemento de identidade presente na percepção dos moradores refere-se ao sentimento de pertencer ao bairro enquanto seu lugar/mundo, estreitando os laços sociais entre eles. (BRITO; STEINBRENNER, CUNHA, 2017, p. 26).

Constatamos que a Terra Firme se constitui como bairro que tem uma expressão política muito grande, pois é um território marcado pela história de resistência e lutas através das ocupações e dos enfrentamentos que existem, sobretudo, na luta pela moradia, por saúde, lazer e segurança, o que faz com que a juventude da Terra Firme sempre se mobilize para reivindicar políticas públicas para o bairro.

A feira da Terra Firme foi espaço de resistência, mesmo que na década de 80 os feirantes tenham sido perseguidos pela “rapa” (fiscais da Secretaria Municipal de Economia -

Secon) que usavam carrinhos de mão e, ao menor anúncio do rapa, saiam correndo e conseguiam salvar suas mercadorias.

Imagem 13 - Feira da Terra Firme

Belém, terça-feira, 28 de março de 1989

Jornal dos Dairros

LIBERAL

Feirantes formam o "sacolão do povo" e lutam por espaços

Com o apoio do Departamento de Feiras e Mercados, ligado à Secretaria Municipal de Economia (Secon), 15 homens, incluindo alguns policiais, estão de plantão na praça Ólavo Bilac, na Terra Firme, enquanto outros fazem ronda na rua São Domingos, para impedir o surgimento de outra feira livre, fora do Hortomercado Municipal.

A questão já foi motivo de conflito, na segunda-feira passada, dia 20, entre ambulantes e locatários do hortomercado. Estes últimos realizaram um protesto, no meio da avenida Celso Malcher, e chegaram a ensaiar uma greve, revoltados com a concorrência de outros feirantes, não cadastrados, na rua São Domingos. A calma parece ter voltado ao lugar, mas a situação dos irregulares não foi definida e os feirantes do hortomercado permanecem vigilantes.

Cerca de 50 ambulantes haviam se instalado do lado de fora do hortomercado, há dois meses atrás, conforme contou Agostinho Matias de Castro, da Comissão dos Feirantes. Agora, com as barracas destruídas e proibidos de continuar na São Domingos, os ambulantes estão abrigados no prédio da escola de Reforço Educacional, localizado na travessa Lauro Sodré, bem próximo ao hortomercado. Eles formaram o que chamam "sacolão do povo", organizado com a ajuda de Francisca Carvalho Góes, ex-integrante da Associação dos Feirantes da Terra Firme.

O grupo todo tem agora um único

Em 1986, foram construídos os hortomercados, como tentativa de eliminação das feiras livres ilegais.

Nos bairros do Benqui e na Terra Firme, muitos feirantes alegam que não conseguiram o tão sonhado espaço dentro dos hortomercados. Alguns passaram a reativar as antigas feiras, desobedecendo as leis municipais que proíbem a instalação de feiras livres a menos de dois quilômetros de outras.

Segundo Agostinho Castro, os ambulantes foram apoiados por lideranças cujos interesses são outros. No caso da Terra Firme, o problema se desenvolveu a partir da desestruturação da Associação dos Feirantes. Essa entidade, segundo ele, passou a sofrer a ação de "corruptos como Francisca Góes". A verdade é que a desorganização no meio da rua, até então contornada, novamente tomou conta do cenário. Em frente aos hortomercados, as sombrinhas, tabuleiros e muito lixo reapareceram, em desafio à legislação municipal.

Queda e taxas

Os 350 locatários do hortomercado, se sentindo prejudicados, conforme relatou Agostinho Matias, saíram para a rua, com um único propósito: "sensibilizar as autoridades para o problema". O comércio livre fora do hortomercado é ilegal, e já prejudicava as vendas no mercado coberto. "O



Os feirantes temem a concorrência desleal



Fonte: O Liberal, 1989.

Entre lutas e resistências, a Terra Firme, em sua atualidade, abriga duas feiras: na Avenida Celso Malcher, e no Tucunduba às margens do rio de mesmo nome. Ambas sempre movimentadas e fornecendo uma variedade de pontos de vendas e abastecimentos para a sua população.

O lazer também cumpre um papel muito importante na sociabilidade do bairro, quando os moradores, livres do trabalho ou obrigações, podem desfrutar de momentos de distração, entretenimento e descanso. O indivíduo é livre para desenvolver qualquer atividade que proporciona prazer e satisfação, segundo sua própria vontade.

Estas atividades podem ser realizadas em espaços abertos, como praças, ou em interiores, como uma casa de festa, ou mesmo no conforto de nossa casa. Estes são elementos importantes que permitem o acesso a experiências culturais e de lazer.

Quando dizemos que somos da TF, não só nos referimos ao nome do bairro, mas mostramos o orgulho de uma população que vive nele e se atreve a mostrar a outra história da periferia, uma população numerosa que, mesmo diante de dificuldades e até mesmo o abandono do poder público, permanece firme na luta pelo seu bem-estar.

Imagem 14 – Escola de samba da Terra Firme



Fonte: Diário do Pará, 1985

Imagem 15 – Teatro na Terra Firme



Fonte: Diário do Pará, 1989.

A este respeito, a Terra Firme, bem como outros bairros nos arredores de Belém, tem seus espaços de lazer, mas no que diz respeito a esta área há poucas alternativas em termos de lazer, se considerarmos os espaços abertos para isso.

Tem três praças: a Tenente Souza, conhecida como pracinha; a Helena Coutinho na rua Roso Danin e a Olavo Bilac, mais conhecida e popular no bairro. No entanto, a última pertencente à igreja é cercada por bares, com horário de abertura e fechamento. Estes acabam por ser o foco da multidão, especialmente os jovens que costumam usar esses espaços para encontrar amigos, caminhar, conversar, socializar em geral. Ruas, devido à falta de espaços abertos e adequados, estão se tornando alternativas para o lazer, enquanto é comum encontrar nas crianças do distrito, jovens e adultos apropriando-se desses espaços em busca de entretenimento, na prática de futebol, muito intensa no bairro.

Além do futebol, o voleibol é um jogo amplamente praticado nas ruas da Terra Firme, assim como a queimada, ou cemitério, como é comumente chamado. Também é possível, durante uma caminhada no bairro, encontrar uma atividade tão comum que eu posso dizer que é o rosto da periferia, jogos de cartas ou dominós. À noite, as pessoas se reúnem na frente de suas casas para se divertir jogando cartas, dominós ou simplesmente conversar. Carrinhos de lanche espalhados pelas ruas são outro ponto marcante no cotidiano dos moradores.

Quanto aos espaços de lazer fechados, a Terra Firme tem muitos deles: bares, festas, pizzarias, lanchonetes, arenas e campos esportivos, espaços de trabalho de grupos culturais como grupos de teatro, incluímos aqui igrejas que, além de desenvolver o trabalho espiritual, podem ser vistos como espaços recreativos, como a atuação de grupos e ministérios que os compõem.

Há um número significativo de bares e/ou salas de festas, variando de restaurantes pouco conhecidos aqueles já preferidos por moradores. Vale ressaltar aqui os mais populares: o bar Jabiraca, o complexo Bombar, o bar Dinho (um dos mais antigos do bairro), o cantinho da saudade, todos localizados na rua de São Domingos.

Logo, uma pesquisa realizada em uma página dos moradores da Terra Firme presente no *Facebook*, a fim de fazer uma pesquisa sobre os bares/salas de festa que existiam no bairro, podemos aprender com os comentários dos participantes do grupo. O que atraiu a maior atenção foi o número de relatos e saudades de casa em relação aos bares e salas de festas que marcaram outro tempo do bairro e ainda permanecem na memória daqueles que são moradores há mais tempo.

Também é importante ressaltar os circuitos locais do bairro da Terra Firme, que têm características próprias e abrigam vários tipos de iniciativas. Dentre as iniciativas, podemos

destacar o Tela Firme, coletivo de comunicação alternativa do bairro, do qual faço parte, que por meio do audiovisual procura dar visibilidade às questões identitárias do bairro, às lutas sociais que acontecem no cotidiano dessa comunidade, valendo-se da internet, canais e redes sociais, que permitem uma maior inserção e projeção pública dos interesses da comunidade.

No próximo capítulo, partimos do acontecimento da chacina de 2014 para discutir o significado da violência na vida cotidiana do bairro, que, entre outras respostas e mudanças que provocou na vida da comunidade, levou à produção do minidocumentário “Poderia ter sido você”, do coletivo Tela Firme, foco da análise neste trabalho.

3 “MATARAM UM POLICIAL NOSSO E VAI TER UMA LIMPEZA NA ÁREA”: A IRRUPÇÃO DA CHACINA DE NOVEMBRO DE 2014

A Chacina de 2014 e as demais já ocorridas na cidade são fruto da produção desigual do espaço urbano de Belém que vem ao longo do tempo contribuindo, em certa medida, para a configuração dos enclaves territoriais do tráfico de drogas e da violência em várias capitais brasileiras, algo que se expressa de maneira evidente no bairro da Terra Firme. Belém no anos de 2018 registrou 76,1 homicídios por cada grupo de 100 mil habitantes (CERQUEIRA et al., 2018, p. 25), conforme mencionado antes.

Naquela manhã do dia 5 de novembro de 2014 o medo, e até mesmo o pânico, tomaram proporções inéditas em Belém, com a disseminação viral, pelas redes sociais, da informação de que assassinatos em série haviam ocorrido em diversos bairros entre o final da noite do dia anterior e a madrugada daquele dia. Em um intervalo de quatro horas, nove pessoas haviam sido assassinadas, outras duas mortes viriam a se confirmar a seguir. Ocorrida principalmente nos bairros da Terra Firme e Guamá, a chacina também repercutiu nos bairros do Jurunas, Marco, Parque Verde e Tapanã.

A palavra “*chacina*” quer dizer, em linhas gerais, “a execução seriada de várias pessoas como forma de intimidação ou retaliação, sendo um recurso tão comumente utilizado entre nós que até temos um nome específico para designar esse tipo de morte: chacina” (SILVA; SANTOS; RAMOS, 2019, p. 12).

Na a periferia, o extermínio de jovens provoca um sentimento ao mesmo tempo de profunda revolta e de impotência junto aos moradores. Como uma espécie de disciplina, os moradores sentem-se amedrontados e acuados diante da violência que irrompe de forma inesperada e os faz reviver o pânico que os acompanha há muito tempo. Cada vez que os fatos violentos ocorrem novamente desestruturam a vida local em forma de alarme. “Nesse sentido, as chacinas podem ser interpretadas como mensagens públicas, com intuito de criar medo e temor a um público mais ampliado, e uma demonstração de poder e autoridade conquistado e/ou garantido por meio da violência letal”. (SILVA; SANTOS; RAMOS, idem, 2019).

O “racismo que se pretende racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, transforma-se em racismo cultural” (FANON, 1968, p. 36). Expressa em jornais, falas cotidianas, acontecimentos violentos nas periferias, as chacinas são o reflexo da desse racismo cultural, vista pelas narrativas jornalísticas sobre o acontecimento chacina, uma das mães da vítima, relata:

A Terra Firme e o Guamá, na verdade, são o centro dos jornais. A imprensa precisa criminalizar alguém. Ela não denuncia quem está por trás da violência, que está dentro dos quartéis e dos Ministérios Públicos. Essa violência vem dos altos escalões, mas a imprensa não tem como ir lá em cima. Ela só vai quando já é inevitável e o mais fácil para eles é criminalizar o filho do pobre e a periferia. Pegar o filho do pobre botar, fazer dele um soldado do crime para que eles fiquem sempre na linha de frente. Sinceramente é uma palhaçada. A imprensa para mim é uma palhaçada. Eu digo isso porque tem coisas que quando eu vou falar na imprensa eles nunca mostram, principalmente as minhas críticas. Eu represento o grupo de mães que perderam os seus filhos, brutalmente assassinados nas periferias. A imprensa faz dos moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, uma militância com droga, botando jovens na linha de frente para que criminalizem eles, porque a partir do momento que eles não têm dinheiro para comprar droga eles começam a roubar e daí vai aumentando, mas os grandes estão sempre atrás e a imprensa sabe quem está atrás e os governantes também sabem. Simplesmente nenhuma das mídias locais nos deram o direito e a ajuda para luta por Justiça. A própria Justiça não obrigou eles a nos receber para nós falarmos dos meninos e dizer que os meninos não estavam envolvidos com a morte do policial. (informação verbal).¹⁶

A política do extermínio de jovens negros nas periferias da capital Belém está diretamente relacionada ao exercício do biopoder, conforme examina Mbembe (2018), ao interpretar, partindo dos conceitos de Foucault de estado de exceção e estado de sítio, categorias que ele identifica com a base do direito de matar pelo estado. Segundo Mbembe (2018, p. 17) o biopoder “parece funcionar mediante a divisão de pessoas que devem viver e as que devem morrer”.

Na análise do autor sobre a necropolítica, os critérios do estado para determinar quem deve morrer para que outros possam viver baseia-se em uma relação biológica, isto é, uma divisão de grupos e subgrupos que se estabelecem como população. No centro dessa divisão, encontra-se a categoria raça ou o racismo, que demarca as relações do biopoder, Mbembe revisita esse conceito em Foucault e também estabelece essa ponte com o pensamento de Arendt em *Origens do totalitarismo*, sobre as ações de extermínio praticadas sob o nazismo, ao categorizar-se a “raça judia”, assim como a “raça negra”, referindo-se aos estrangeiros como aqueles que devem ser exterminados. A memória do Nacional Socialismo, a miséria comum de diferentes homens, a escravidão comum de importantes grupos sociais, o aparecimento de “colônias europeias” com o estabelecimento de um regime colonial no centro da Europa, a consciência dos trabalhadores dos países coloniais e racistas, o desenvolvimento de técnicas, tudo isso mudou fundamentalmente o aspecto do problema. Precisamos olhar para as consequências culturais desse racismo, segundo Fanon (1968).

Para Arendt (2013, p. 23), a “raça é, do ponto de vista político, não o começo da humanidade mas o seu fim [...] não o nascimento natural do homem mas a sua morte

¹⁶ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020

antinatural”. De acordo com autora, o racismo como instrumento de dominação foi usado na sociedade de brancos e negros antes do imperialismo explorá-lo como uma ideia política (ARENDR, 2013). Já em Fanon (1968, p. 35), o “racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada”.

De acordo com Mbembe (2018, p.18) o “racismo é uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. O racismo tem a tarefa de regular a distribuição da morte e possibilitar as funções assassinas do Estado. A soberania da força executada pelo estado, que se arvora direito de matar, está claramente na cobertura que os jornais paraenses fizeram da chacina de 2014. A necropolítica é o pré-requisito para a aceitação de “deixar morrer”, diz respeito à morte política e à ascensão da soberania com o direito de matar, aponta Mbembe (2018), ao interpretar Foucault. Dessa forma, assim como foi o regime nazista, os estados modernos tornaram-se o arquétipo de uma formação de poder que combinava as características de um estado racista, um estado assassino e um estado suicida (MBEMBE, 2018).

Conforme o autor, o extermínio de pessoas está muito à frente do Nacional Socialismo com o Imperialismo. Com este último, se deu a serialização de mecanismos técnicos para levar as pessoas à morte, que foram desenvolvidos entre a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial.

A instrumentalização das raças, mecanizada, a execução em série transformou-se em um procedimento puramente técnico, impessoal, silencioso e rápido. Esse processo foi, em parte, facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo de classe que, ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos racistas, acabou comparando as classes trabalhadoras e o "povo apátrida" do mundo industrial aos “selvagens” do mundo colônia. (MBEMBE, 2018, p. 21).

As chacinas, desse modo, “visam não só “civilizar” as maneiras de matar, mas também eliminar um grande número de vítimas em um espaço relativamente curto de tempo” (MBEMBE, 2018, p. 22). Ao mesmo tempo, uma nova sensibilidade cultural emerge, na qual matar o inimigo do Estado é um prolongamento. O racismo vulgar em sua forma biológica corresponde ao tempo da exploração brutal de armas e das pernas do homem. A perfeição dos meios de produção fatalmente causa a camuflagem das técnicas. (FANON, 1968). A violência letal é parte dessa tecnificação, “ao mesmo tempo, caracteriza-se como uma nova sensibilidade cultural emergente, na qual matar o inimigo do Estado é um prolongamento do jogo. Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas.” (MBEMBE, 2018, p. 23).

Os meios de comunicação, que estão lado a lado com o Estado no fazer morrer, e fazer morrer socialmente, dissolvem a vida por meio das coberturas jornalísticas, colocam o fato com estilo de “teatralização”, e projetam o estigma sobre o outro. Ao mesmo tempo em que se confirma a desigualdade de poder sobre a vida das pessoas nas periferias, esse poder sobre a vida do outro toma a forma de comércio, pode ser visto nas narrativas dos jornais. Os jovens que perderam suas vidas na chacina e seus familiares tiveram a sua humanidade dissolvida na medida em que eles se tornaram produtos dos *media*, sua existência é figurada em uma perfeita sombra de personificação. Nas entrevistas feitas com moradores da Terra Firme, eles comentam criticamente a cobertura jornalística da chacina de 2014.

Bom, os jornais falaram bastante sobre a criminalidade no bairro. Eles mostravam a Terra Firme como um bairro só de criminosos. Não mostravam o lado bom, que tem! Era bem complicado ver essas notícias e até hoje ainda é. Na verdade, existem vários casos de violência, os jornais, nas imagens e noticiais, aumentaram os fatos. Eles enfeitaram demais o fato. (informação verbal).¹⁷

Outro morador ao ser perguntado sobre a cobertura da chacina disse que,

Nos jornais, víamos as imagens dos familiares chorando as suas perdas e aquela preocupação vinha sempre à tona, uma vez que tudo aquilo estava acontecendo ali, bem perto de nós. Lembro da minha mãe dizendo para eu não demorar quando fosse sair e fazendo eu pegar os documentos para não sair sem eles e mesmo assim ela ficava esperando nós voltarmos. Só se recolhia depois que todos chegassem em casa e depois olhava se todas as trancas da casa estavam fechadas corretamente. Foram momentos de pânico. (informação verbal).¹⁸

Nas **imagens**, a seguir, é possível visualizar as manchetes dos jornais O Liberal e Diário do Pará de Belém no dia seguinte à chacina, focalizando, sobretudo, o bairro da Terra Firme.

Imagem 16 – Assassinatos no bairro da Terra Firme após morte de policial



Fonte: O LIBERAL, 2014.

¹⁷ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

¹⁸ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

Imagem 17 – Medo nas ruas

VIOLÊNCIA SEM CONTROLE

MEDONAS RUAS

O clima de medo tomou conta da cidade logo após o assassinato do cabo Figueiredo. Ao todo, dez pessoas foram mortas após o crime. **A3, A4 E POLÍCIA**

1 **Parentes de mortos lamentam perdas** **2** **Universidades e escolas não abrem** **3** **Comércio fecha portas mais cedo**

Fonte: O LIBERAL, 2014.

Imagem 18 – Massacre nas ruas de Belém

6 Fale com a redação (91) 3084 0126

MASSACRE NAS RUAS DE BELÉM

Dez pessoas são assassinadas em três horas

ONDA DE MORTES COMEÇOU APÓS O ASSASSINATO DO CABO PM ANTÔNIO FIGUEIREDO

FABRÍCIO NUNES

Nove corpos em via pública, nove assassinatos a tiros e todos com características semelhantes. O homicídio do cabo PM Antônio Figueiredo, conhecido como "Pety", da Ronda Ostensiva Tática Metropolitana (Rotam) da Polícia Militar, na noite da última terça-feira (4) desencadeou uma onda de crimes na Região Metropolitana de Belém (RMB) que durou cerca de três horas, até o início da madrugada de ontem (5).

A realidade na madrugada foi a de quem estava nas ruas. Os inúmeros boatos invadiram até mesmo as redes sociais da polícia, relatando casos de outros policiais mortos, de mais de cem pessoas assassinadas, além de listas de mortos e fotos de cadáveres que não tinham qualquer relação com os nove homicídios registrados na capital paraense, após a morte do policial militar.

Foi necessária uma verdadeira força tarefa dos remocistas do Instituto Médico Legal (IML), da Divisão de Homicídios (DH) e dos peritos criminais do Centro de Perícias Renato Chaves. Os dois rabecões – que possuem quatro máscaras vagas – disponíveis para a capital estavam de plantão nas ruas.

Além disso, devido à grande demanda de assassinatos, uma segunda equipe de peritos criminais foi acionada. Todos os locais de crime

foram acompanhados pela reportagem do DIÁRIO.

A Divisão de Homicídios e a Corregedoria vão investigar a suposta participação de policiais nos crimes. O fato foi denunciado por testemunhas.

TERRA FIRME

No bairro da Terra Firme, somente na Rua São Domingos havia dois deles. O primeiro era do cobrador de van Bruno Barroso Gemaque, de 20 anos, que estava morto com pelo menos oito tiros de pistola Ponto 40, na esquina da Passagem Trindade. O crime foi por volta das 23h de terça-feira.

Segundo relatos de testemunhas, ele foi morto por homens encapuzados que estavam em dois veículos, um de cor preta e outro de cor prata, além de motocicletas. A vítima estava caminhando na rua quando foi abordada pelo grupo. A família relata que ele não possuía envolvimento no mundo do crime.

A menos de 300 metros, na Passagem Gabriel Pimenta, um homem que possuía deficiência física na perna e na mão esquerda, Jefferson Cabral Reis, de 27 anos, que trabalhava como serviços gerais de uma rede de supermercados da capital, havia acabado de deixar a esposa na casa de sua mãe.

Conforme informações, ele retornava de bicicleta, quando o mesmo grupo que assassinou o cobrador de van passou por ele e efetuou em média seis tiros de pistola Ponto 40. Assim como no primeiro homicídio, Jefferson era visto como um homem trabalhador e não teria envolvimento com crimes.

O terceiro homicídio no bairro da Terra Firme foi no cruzamento

A sequência de assassinatos colocou a população de Belém em pânico. Madrugada de ontem foi de terror para moradores

Fonte: Diário do Pará, 2014

POPULAÇÃO CONTESTA ÓRGÃOS DE SEGURANÇA

Moradores vivem momentos de terror e se escondem

PESSOAS RELATAM MOMENTOS DE AFLIÇÃO E DIZEM QUE TIVERAM MEDO DE SEREM MORTAS

ROBERTA PARAENSE

“É difícil ver o coronel da PM ir dizer que a segurança na nossa capital está sob controle. Mentira isso”. A declaração é de uma moradora que viu a morte de perto na noite de terça-feira, na Terra Firme. Por razões óbvias, ela não quis se identificar, mas relatou os momentos de pânico que passou na noite passada, juntamente com outras pessoas que tiveram que se esconder em um templo evangélico. “Eu estava na rua Rui Barbosa, em um culto em uma igreja evangélica, e ouvimos os barulhos das motos e tiros, bem na esquina da rua Liberdade, aí corremos para ver. Eram umas 10 motos e mais um carro preto. Fechamos a porta da igreja e ficamos trancados até às 23h”, conta.

A moradora afirma que os ocupantes das motos e do carro pararam na frente das casas e faziam barulho com os veículos, numa atitude intimidadora para fazer reinar a lei do silêncio entre os populares. “As pessoas estavam apavoradas, com muito medo. Algumas estavam combinando de passar a noite trancadas no escritório da igreja”, completa.

Mesmo com diversos comentários postados nas redes sociais sobre arrepios no bairro da



O dia de ontem foi de pouca movimentação de pessoas nas ruas da Terra Firme. Muita gente delou de sair com medo de ser vítima de violência

Terra Firme, os estabelecimentos comerciais funcionaram normalmente durante a manhã de ontem. Porém, nas ruas do bairro, o clima de medo era intenso entre os moradores, que apesar do terror em relação à noite anterior, procuravam seguir com suas atividades normais.

As faculdades também abriram os portões, mas a frequência

dos alunos foi abaixo do esperado. “Estamos funcionando desde a manhã, mas o movimento é fraco. Os alunos estão com medo do que está falando por aí”, contou o porteiro de uma universidade, que preferiu não se identificar.

Quem seguiu ao meio-dia, pela rua da feira, uma das principais do bairro, também notou um movimento abaixo do normal. Um morador da passagem Celso Malcher, que preferiu manter o

anonimato, disse que o medo no local é constante, mas que desde a noite da última terça-feira ficou ainda pior. “Não é mentira, passaram aqui algumas viaturas dizendo que era melhor as pessoas ficarem em casa, recolhidas. Nós vivemos sobressaltados aqui. Ládrão tem os montes, mas hoje estou me sentindo mais prisioneiro do que quem está atrás das grades. Esperamos que todos sejam presos”.

No final de uma linha de ônibus, na Perimetral, um grupo de policiais militares fazia varredura nos coletivos, automóveis, motocicletas e pedestres que levantavam alguma suspeita. “Vamos parar todos que levantarem algum tipo de suspeita. O que tem sido propagado nas redes sociais é uma própria tentativa de desmobilização da segurança pública dos bandidos. Eles querem amedrontar a sociedade”, disse o major Jairo Dias.

Fonte: Diário do Pará, 2014.

Homem que matou militar em Curuçá é preso. Página 6.

Boatos suspendem aulas

MEIO
Arrepios de ataques
deixa a população
em estado de
medo e
cancela
aulas em
diversas
escolas

A Universidade Federal do Pará (UFPA) suspendeu as aulas nesta quinta-feira (5) em diversas unidades acadêmicas em Belém, após relatos de ataques e boatos de que ocorreriam ataques terroristas em várias instituições de ensino. A suspensão ocorreu em diversas unidades acadêmicas, incluindo a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Ciências Exatas e a Faculdade de Letras. Os relatos de ataques e boatos começaram a circular na noite de quarta-feira (4), quando se alegou que ocorreria um ataque a uma das unidades acadêmicas da UFPA. Os boatos se espalharam rapidamente, levando a uma situação de pânico entre os estudantes e funcionários das instituições. Como resultado, as aulas foram suspensas em várias unidades acadêmicas da UFPA e em outras instituições de ensino da cidade.

Segundo fontes próximas à administração da UFPA, os boatos começaram a circular na noite de quarta-feira (4), quando se alegou que ocorreria um ataque a uma das unidades acadêmicas da UFPA. Os boatos se espalharam rapidamente, levando a uma situação de pânico entre os estudantes e funcionários das instituições. Como resultado, as aulas foram suspensas em várias unidades acadêmicas da UFPA e em outras instituições de ensino da cidade.

Os boatos começaram a circular na noite de quarta-feira (4), quando se alegou que ocorreria um ataque a uma das unidades acadêmicas da UFPA. Os boatos se espalharam rapidamente, levando a uma situação de pânico entre os estudantes e funcionários das instituições. Como resultado, as aulas foram suspensas em várias unidades acadêmicas da UFPA e em outras instituições de ensino da cidade.

Os boatos começaram a circular na noite de quarta-feira (4), quando se alegou que ocorreria um ataque a uma das unidades acadêmicas da UFPA. Os boatos se espalharam rapidamente, levando a uma situação de pânico entre os estudantes e funcionários das instituições. Como resultado, as aulas foram suspensas em várias unidades acadêmicas da UFPA e em outras instituições de ensino da cidade.

Os boatos começaram a circular na noite de quarta-feira (4), quando se alegou que ocorreria um ataque a uma das unidades acadêmicas da UFPA. Os boatos se espalharam rapidamente, levando a uma situação de pânico entre os estudantes e funcionários das instituições. Como resultado, as aulas foram suspensas em várias unidades acadêmicas da UFPA e em outras instituições de ensino da cidade.

Clima de medo e tensão esvazia o trânsito da avenida Almirante Barroso

MEIO
Arrepios de ataques
deixa a população
em estado de
medo e
cancela
aulas em
diversas
escolas

A Avenida Almirante Barroso, uma das principais vias de acesso ao centro de Belém, ficou praticamente vazia nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. O trânsito normal foi interrompido, com muitos veículos parados e pessoas evitando sair de casa. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.



Boatos de ataques terroristas deixam a população em estado de medo e tensão, esvaziando o trânsito da Avenida Almirante Barroso

A Avenida Almirante Barroso, uma das principais vias de acesso ao centro de Belém, ficou praticamente vazia nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. O trânsito normal foi interrompido, com muitos veículos parados e pessoas evitando sair de casa. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

A Avenida Almirante Barroso, uma das principais vias de acesso ao centro de Belém, ficou praticamente vazia nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. O trânsito normal foi interrompido, com muitos veículos parados e pessoas evitando sair de casa. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

A Avenida Almirante Barroso, uma das principais vias de acesso ao centro de Belém, ficou praticamente vazia nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. O trânsito normal foi interrompido, com muitos veículos parados e pessoas evitando sair de casa. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

Escolas de Marituba fecham os portões após recomendação da Seduc

MEIO
Arrepios de ataques
deixa a população
em estado de
medo e
cancela
aulas em
diversas
escolas

As escolas de Marituba fecharam os portões nesta quinta-feira (5) após uma recomendação da Secretaria de Educação (Seduc) de Belém. A recomendação foi feita devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.



Na escola Fernando Cabral, em Marituba, professores e alunos se escondem em salas após recomendação da Seduc

As escolas de Marituba fecharam os portões nesta quinta-feira (5) após uma recomendação da Secretaria de Educação (Seduc) de Belém. A recomendação foi feita devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas de Marituba fecharam os portões nesta quinta-feira (5) após uma recomendação da Secretaria de Educação (Seduc) de Belém. A recomendação foi feita devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas de Marituba fecharam os portões nesta quinta-feira (5) após uma recomendação da Secretaria de Educação (Seduc) de Belém. A recomendação foi feita devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

PM orienta e escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abrem

MEIO
Arrepios de ataques
deixa a população
em estado de
medo e
cancela
aulas em
diversas
escolas

As escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abriram nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abriram nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abriram nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abriram nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

As escolas do Guamã, Terra Firme, Cremação e Jurunas não abriram nesta quinta-feira (5) devido ao clima de medo e tensão gerado pelos boatos de ataques terroristas. As escolas foram fechadas para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. A situação de pânico se refletiu em toda a cidade, com muitas pessoas se escondendo em locais seguros e evitando sair de casa.

Fonte: O LIBERAL, 2014.

A Tabela 1, a seguir, permite visualizar os altíssimos índices de mortes violentas na capital paraense e os indicadores socioeconômicos que apontam um quadro de extrema vulnerabilidade social.

Tabela 1 – Taxa de Mortes Violentas do município de Belém e indicadores socioeconômicos

Município	População	Taxa de Homicídios	Educação		Pobreza			Trabalho		Habitação		Gravidez na Adolescência	Vulnerabilidade Infantil
			Taxa de atendimento escolar da população	Renda per capita dos 20% mais pobres	% de crianças pobres	% de crianças vulneráveis à pobreza	Taxa de desocupa-ção - 15 a 17 anos	Taxa de desocupação - 8 a 24 anos	% da população em domicílios com densidade > 2	% de pessoas em domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitários inadequados	% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos		
			0 a 3 anos	15 a 17 anos									
Belém	1.446.042	76,1	22,2	87,2	182,0	21,4	47,6	32,3	23, 2	43,2	4,7	3,0	12,5

Fonte: Ipea, 2018.

No bairro da Terra Firme, após a divulgação do áudio contendo o grito de guerra, que circulou em escala viral pelo Whatsapp em toda a cidade, os leitores buscaram avidamente os jornais no dia seguinte para se informar sobre o acontecimento. A ânsia pela compra dos exemplares atendeu uma demanda significativa, em um dos bairros atingidos, pois que são “as narrativas jornalísticas que agenciam, que inscrevem, que mobilizam compreensões ao mesmo tempo em que explicam aquilo que está no desenrolar de sua textura causal e das ações postas em intriga” (FERREIRA JUNIOR, 2019, p. 34).

As narrativas ilustram nada mais que o cotidiano das regiões metropolitanas do Brasil que vivem uma guerra “fratricida e autofágica”, cujas vítimas letais se distribuem desigualmente, conforme a pirâmide social e o local de moradia. São principalmente os jovens do sexo masculino, pobres e negros, moradores de bairros periféricos, os alvos preferenciais dessa guerra, como destaca Luiz Eduardo Soares (2004) e como já assinalamos antes.

Essas mortes decorrem de várias matrizes de criminalidade, difíceis de serem apreendidas de maneira genérica, dada a diversidade da realidade do país, conforme o antropólogo. Sem dúvida, o tráfico de armas e drogas responde pela dinâmica criminal que mais cresce no Brasil, organicamente articulada à rede do crime organizado, “tiranizando comunidades pobres e recrutando seus filhos” (SOARES, 2004, p. 132).

As ações são a morte, decorrente da violência dos indivíduos que encarnam os contrários a esses mortos, bem como o lamento de testemunhas e parentes. Do ponto de vista da morte normalizada do mau, é algo de caráter familiar aos contextos periféricos, fruto das sociabilidades violentas desses espaços, que se abate aos indivíduos desviantes, moral e legalmente, definida como “acerto de contas”, indicador somente do desalinho dos indivíduos e de que a morte é esperada para esses indivíduos. É um homicídio, mas a culpabilização oscila em torno da própria vítima, que por escolhas próprias se pôs no caminho cujo fim é a morte, indicadora nas páginas dos jornais, da completa barbárie que se tornou a periferia. (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2016, p. 124).

Conforme os autores, as representações da violência se sobrepõem à experiência da violência. No Brasil, portanto, há uma lógica industrial de violência na mídia, cuja prioridade é produzir textos e histórias imaginárias de morte. A narrativa sobre a chacina faz parte de uma realidade desumana que, inclui o deslocamento e as interpretações da violência e das realidades sociais (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2016).

O que se percebe é que a violência tornou-se fato comum, notícia corriqueira, com o interesse de comover, mexer com os sentimentos, não importando de que forma está sendo apresentada a informação. O importante é padronizar comportamentos, tratar as notícias como “produtos” sujeitos à “lei de mercado”, recorrendo dessa forma ao sensacionalismo e à violência, glamourizando o crime e criando estratégias de sedução para os telespectadores [e leitores], aproximando e eliminando as fronteiras entre jornalismo, entretenimento e publicidade. Como mercadoria, a violência passa a ser consumida, integrando o processo de sua produção, ainda que como

representação. Os fatos são tirados de seu contexto concreto e transmitidos como se fossem eventos fragmentados (COSTA, 2011, p. 180).

É nesse cenário dramático que um jovem pobre e negro se torna um ser socialmente invisível ao se deslocar pelas ruas da cidade, segundo Luiz Eduardo Soares. De acordo com o autor, há muitas maneiras de ser invisível e diferentes razões para sê-lo. Uma das maneiras ao mesmo tempo mais perversas e eficientes de tornar alguém invisível, como ele aponta, é projetar sobre essa pessoa o estigma e o preconceito. “Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância” (SOARES, 2004, p. 132). Isso faz com que todos os traços distintivos da pessoa, em sua singularidade, desapareçam, conforme acentua o autor.

O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos [...] Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de existir. Prever seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas [...] Quer dizer, o preconceito arma o medo que dispara a violência, preventivamente. (SOARES, 2004, p. 132-133).

Goffman (2008), ao descrever o estigma social, observa que a atitude dos que se consideram normais é de projetar sobre o outro o estigma, nesse caso jovens negros e pardos das periferias. Há uma depreciação em torno do *status* moral do sujeito, que deixa de ser visto como completamente humano. Aquele que pratica o estigma nem sempre tem consciência da imagem depreciativa que constrói do outro.

Para o autor, o fato é que há indiferença projetada sobre jovens negros periféricos, gerando preconceito e não-reconhecimento. “Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos acolhe e salva da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade e falta de sentido de valor” (SOARES, 2004, p. 137).

Nesse contexto, a falta de oportunidade para a juventude é um dos fatores agravantes da violência urbana. “Dados do Atlas da Violência de 2018 mostram que em 2016 a cidade de Belém, com uma população em torno de 1.446.042 habitantes, registrou 76,1 homicídios por cada grupo de 100 mil habitantes” (CERQUEIRA et al., 2018, p. 25). Esses dados levaram Belém a assumir o posto de capital mais violenta do País. Isso repercute entre as várias reflexões sobre as mudanças na vida cotidiana, e diferenças daqueles que residem em diferentes bairros das periferias de capital paraense, tendo como foco neste trabalho, sobretudo o bairro da Terra Firme.

Ao se observar a imagem dos jovens desses bairros na mídia, verifica-se claramente que os jornais e demais meios de comunicação criminalizam grupos minoritários. Sobre isso, Haroche (2008) observa que a mídia propõe um estímulo descontínuo aos sentidos, sob uma

superficialidade de sensações que incitam o receptor a buscar fatos fortes e inéditos. Na visão da autora, os feitos da mídia validam a cultura dos sentidos, pois ela dissemina a atenção e a desatenção controlando os estímulos dos sujeitos, por intermédio de imagens, informações, espetáculos, acontecimentos e representações visuais e auditivas, assegurando a ausência de reflexão, razão pela qual a violência que criminaliza o outro acaba por ser um fator de excitação dos sentidos.

Costa (2020) descreve a mídia como sensacionalista. Para a integrante do Cine Clube TF, “[...] a mídia busca por audiência, muita das vezes acaba deturpando os fatos [...]. A mídia hegemônica alimenta o olhar racista e estereotipado sobre os jovens da periferia.” (Informação verbal)¹⁹.

Van Dijk (2018, p.147) assinala que a mídia intensifica “o crime, ou os tópicos relacionados ao crime, tais como as drogas, são quase sempre os primeiros cinco retratos das minorias”. Em outras palavras, conforme a perspectiva do autor, a mídia só descreve o que convém, ignorando, discriminando e tratando as pautas sob o ponto de vista do racismo. Para o autor, a mídia hegemônica²⁰ tende a criminalizar as minorias (VAN DIJK, 2018).

Os meios de comunicação produzem e reproduzem diferenças sociais, raciais, étnicas, de gênero, geracionais, de acordo com Brito (2014), estabelecendo padrões de normalidade e desvios como contraponto a esses padrões. Essa linha divisória que separa o normal do desviante afeta os modos de subjetivação e os processos identitários de atores de diferentes segmentos sociais.

A maneira pela qual a mídia - em seus diferentes meios, do cinema ao jornal, do rádio à televisão, a que se soma hoje a internet - tratou aqueles que elegeu como seus *outros*, os *estranhos*, os *diferentes* foi, historicamente, construir estereótipos, amplificando e reiterando estigmas presentes no espaço social. (BRITO, 2014, p. 175).

Para a filósofa Hannah Arendt (1999), a “principal característica do homem de massas não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais.” (ARENDDT, 1999, p. 367). Segundo Arendt, o mal é banal porque é dotado de uma normalidade assustadora, sem nenhum brilho ou diferença particular. Este mal se faz sobre uma dimensão demoníaca da qual todo o mal foi removido e do qual a necessidade foi abandonada e a realidade removida é cometida por indivíduos comuns sem intenções profundas (ARENDDT, 1999).

¹⁹ COSTA, J. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020.

²⁰ “[...] a mídia hegemônica reflete e é o reflexo das elites intelectuais, econômicas, políticas e militares. No Brasil não foi ou é diferente, os meios de comunicação atuam de forma a legitimarem os ideais dessas camadas. (KISHI, 2013, p. 13).

O exemplo a seguir, na Imagem 21, mostra uma manchete que busca chamar a atenção do leitor, de uma forma estereotipada e banal. Mesmo que outros bairros, Guamá, Tapanã, Jurunas, Sideral estivessem envolvidos na chacina, as manchetes que se fixaram no bairro da Terra Firme, como pode ser visto na Imagem 21.

Imagem 21 – Moradores da Terra Firme viram reféns do medo



Fonte: O LIBERAL, 2014a.

Este é um dos muitos exemplos da maneira como o bairro da Terra Firme é retratado, carregando consigo o peso de ser associado quase que unicamente à marginalidade. O episódio da chacina deu abertura para que a juventude do bairro, de modo geral, fosse associada à marginalidade e criminalidade.

Eu, por exemplo, tive muitas experiências dolorosas quanto a isso, pois a sociedade se mostra indiferente ou profundamente preconceituosa com quem mora na Terra Firme, como destaquei no capítulo anterior. Como cidadão do bairro, muitas vezes sinto o mundo indiferente a mim. Quando eu era criança, a realidade do bairro era pacífica, muitos moradores do bairro relatam isso. Houve uma época em que não existiam assassinatos, chacinas e só bem mais tarde a criminalidade foi recrutando jovens.

Na Terra Firme, eu morava com meus pais na Passagem São Jorge, uma vila, diga-se, entre a rua Lauro Sodré e a rua São João, e sempre foi muito forte para mim o sentimento de pertencimento ao meu lugar. É uma coisa tão visível para mim e ao mesmo tempo tão simples. De vez em quando, mergulho no passado para lembrar dos tempos de criança, quando brincava

na rua, corria naquela vila, brincava de peteca, de fura-fura, de tacobol, jogava futebol na infância, adolescência e juventude.

Na Vila São Jorge há muitas famílias de baixa renda, existem contradições, dissensões familiares, casos e casos de abandonos, violências, mortes – muitas mortes.

Imagem 22 – Passagem São Jorge -Terra Firme



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Imagem 23 – Passagem São Jorge - Terra Firme



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Imagem 24 – Passagem São Jorge -Terra Firme

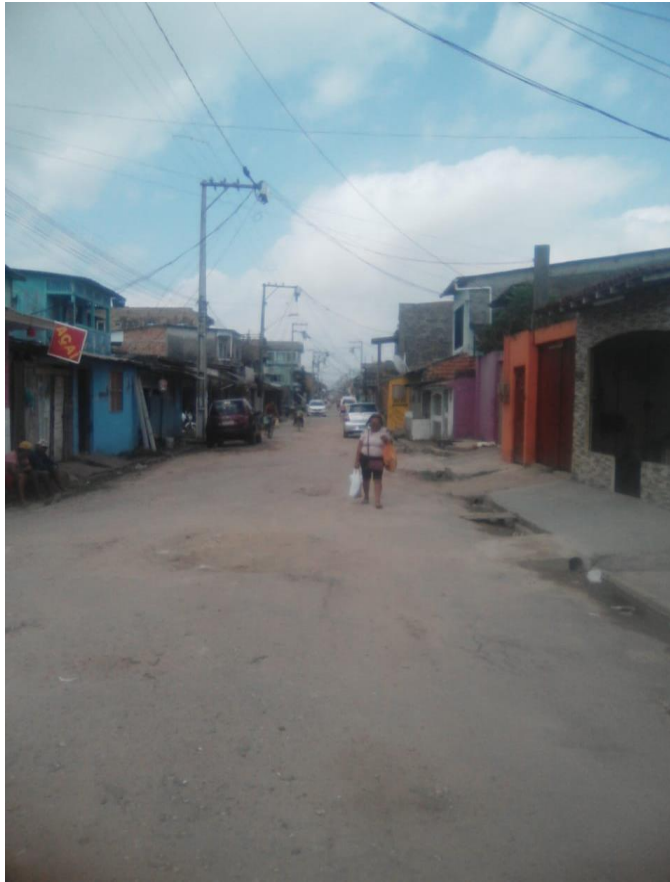


Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A questão é que os garotos e garotas do bairro cresceram sofrendo tais violências desde a infância, passando pela adolescência, salvo aqueles que tiveram boa base de incentivo. Muitos trilharam caminhos sem volta ou sem terem chances de mudar e continuar suas histórias de vida, muitas amizades e amigos de infância se foram por coisas, por experimentações da vida.

Teve um dia que aconteceu comigo quando estava vindo da rua Lauro Sodré para casa, fui comprar um lanche - na Terra Firme tem lanches, várias lanchonetes de rua - e eu saí para comprar um. Quando estava vindo para casa com uma sacola branca com os lanches, pendurada na mão, assim que entrei na vila a polícia parou e me mandou parar e perguntou o que tinha no saco. Falei que era um lanche e aí eles tentaram me colocar na parede, eu falei – “olha vocês não podem fazer isso, aqui não tem nenhum ladrão, entendeu? Não tem nenhum marginal” Aí eles falaram, “meu amigo, isso aqui é o meu trabalho, tem que compreender isso”. Ao que eu retruquei – “está escrito aqui na minha cabeça que sou ladrão, marginal?”. Com muita brutalidade e com a maior arrogância esses policiais fizeram isso. E falaram: se você quiser pode anotar a placa do carro, vai lá fazer a sua denúncia.

Imagem 25 – Rua Lauro Sodré - Terra Firme



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Porque eu tinha falado para ele que ia denunciar esses abusos. A polícia que está do lado do Estado nunca vai entender o cidadão da periferia, porque que qualquer pessoa que está na rua andando é ladrão, é um cara que está maquinando o mal, ou que vai fazer algo ruim com a vida.

Na pesquisa de Oliveira (2015, p. 169) evidencia-se a cena quando ele ressalta “[...] os policiais classificam e hierarquizam os jovens de acordo com o local em que residem. Os policiais militares compartilham de representações socialmente construídas sobre os jovens com outros grupos sociais.” Para o autor, as representações compartilhadas pela polícia associam jovens das classes mais baixas e moradores de favelas com o tráfico de drogas, enquanto os jovens de classe média são considerados viciados em drogas.

Esse negócio de “território da paz” que está tendo aí, está tendo agora aqui na Terra Firme, a cavalaria da Rotam direto, vários carros de polícia, várias viaturas para deste modo intimidar-nos, o “Estado” quer mostrar que isso é que é segurança, mas ainda não entendeu na verdade que isso traz mais insegurança, porque a ideia de quem mora aqui, para alguns é, que

“a polícia movimenta mais a marginalidade”, para algumas pessoas ter mais polícia é uma questão de insegurança.

Imagem 26 – Rua São Domingos esquina com São Pedro



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Uma parte das pessoas do bairro não se sente segura com a prática da polícia, muitos policiais intimidam as pessoas olhando-as com um olhar que recrimina e ameaça a priori. Quanto às execuções, ninguém sabe quando elas vão acontecer, são sempre inesperadas. Posso dizer isso, porque quando eu morava ainda na casa dos meus pais, teve um episódio de um amigo que foi morto, logo do lado de casa, os executores simplesmente chegaram apontaram a arma para a cabeça dele, deram uns quatro a cinco tiros e o menino caiu e lá ficou.

A gente só ouviu os barulhos né! Porque a gente não pode falar nada diante de uma cena como essa. Os moradores do bairro conhecem essas relações que desembocam na chacina, só que não falam nada, porque a questão é que vão de alguma forma descobrir e a coisa vai pegar para o lado de quem falar. É algo muito cotidiano, como se fosse normal na verdade, essa vivência de um matar o outro na Terra Firme, o policial foi morto, o fulano de tal foi morto vira manchete nas ruas. Sabe o fulano? Aquele filho da fulana, mataram ele ali na rua tal.

Esses fatos soam bem naturais, quando se fala em mortes na periferia, elas são naturalizadas por quem sofre e vive na própria pele a violência, não só física, mas também simbólica. Calar-se diante disso muitas vezes é uma estratégia de sobrevivência também.

Imagem 27 – Rua Liberdade, Salão e Barbearia



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Imagem 28 – Celso Malcher na feira livre da Terra Firme



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Isso é o que ressalta Lage (2018) ao interpretar Butler (2007, 2011, 2015), quando trata das vidas que são matáveis. Para os dois autores, há vidas que não são passíveis de luto, vidas abjetas, isto é, rejeitadas sem qualquer atributo de dignidade humana, em síntese. Lage (2018) assinala que a corporeidade abjeta se refere à desqualificação de corpos e de seus significados, quem tem direito de viver e que não o tem? Butler (2015) mostra, que essas vidas são um objeto precário e vulnerável. A vida, instituída por uma normatividade do corpo, torna-se precária pela instituição da externalidade ao mundo, ou seja, por uma aparência em um contato fragmentado ou total com o mundo. Descreve a autora o corpo com fenômeno social que “[...] está exposto aos outros, e que é vulnerável por definição”. (BUTLER, 2015, p. 57 – 58)

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos [mas também políticos, econômicos, religiosos, de gênero], então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras. (BUTLER, 2015, p. 13).

Portanto, há condições que distinguem e definem quais vidas são concebidas e reconhecíveis como vida, e quais aquelas que nunca terão condições de serem reconhecidas como tal. Com base no enquadramento das condições disponíveis, entendemos a precariedade da vida (LAGE, 2018; BUTLER, 2011, 2015).

Outro ponto importante que Butler (2015) enfatiza que a vida tem valor apenas quando é digna de despertar tristeza, que surge por causa da perda de algo que tem valor afetivo ou correspondência, caso contrário, torna-se indiferente.

A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado, que com frequência não têm a opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção. Em outras palavras, elas recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo de que elas precisam ser protegidas. (BUTLER, 2015, p. 47).

Trata-se de uma divisão do sensível na qual esses sujeitos não são contados como vidas, nem ao menos são considerados sujeitos – “são o refugio que precisa ser mostrado para que seja evitado de qualquer jeito” (LAGE, 2018, p. 74). Em outras palavras, a violência gera mais violência e pelo fato de as vidas, sobretudo de jovens negros e pardos das periferias estarem numa condição precária, elas se tornam mais expostas a todo tipo de violência, inclusive a violência justificada que é reconhecida como digna de consideração (LAGE, 2018).

3.1 Juventude e Violência

A investigação e o trabalho científico não são os responsáveis pela formação da representação dos jovens. Os meios de comunicação são os principais representantes que transmitem e veiculam a imagem de jovens e juventudes contemporaneamente. Eles assumem a hegemonia nas representações da sociedade sobre a juventude.

Só que esse cenário tem mudado, os jovens hoje valorizam seu lugar, sua fala, sua identidade, lutam e buscam por seus direitos, buscam desmitificar a imagem julgada por muitos de que a juventude não presta, os jovens não entendem nada, não têm responsabilidades. De outra forma, os meios de comunicação têm que se dirigir ao público juvenil, tratando de temas ligados a seu universo, como cultura e comportamento, incluindo a criação de ideais que são considerados positivos sobre o “ser jovem”.

Por que é importante falar disto? Porque há dados assustadores sobre casos de violência, morte, homicídios e chacinas no segmento jovem da população brasileira. Dados do IPEA (2017)²¹ mostram que no Brasil mais de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015. O Atlas da Violência demonstra que o assassinato de homens jovens entre 15 e 29 anos equivale a 47,85% do total de óbitos no período investigado. Na região Norte, há uma enorme disparidade entre as taxas de mortalidade de jovens negros e brancos. Quando a taxa de homicídios de jovens brancos está em 26,8 %, a taxa entre jovens negros corresponde a 92%. (CERQUEIRA et al., 2017; BRASIL, 2017).

Ainda de acordo com o Atlas da Violência, jovens negros e pardos do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra, as mortes respondem por 78,9% dos indivíduos pertencentes ao grupo dos 10% com mais chances de serem vítimas fatais. Em comparação com a média nacional de homicídios e mortalidade de jovens, confirmou-se a hiperconcentração da violência entre os negros jovens como evidência que esse grupo populacional se encontra em situação de vulnerabilidade. Conforme o estudo estima-se que o cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência. (CERQUEIRA et al., 2017; CERQUEIRA et al., 2018).

No Pará, a taxa é discrepante, pois a taxa de homicídios de jovens brancos está em 25,3 %, enquanto a taxa entre jovens negros soma a 106,4%, e o risco relativo de um jovem negro ser vítima de homicídio em relação a um jovem branco equivale a 4,2% quatro vezes mais. Isso

²¹ Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 15 abril. 2020.

é uma discrepância enorme entre os grupos étnicos. (CERQUEIRA et al., 2017; BRASIL, 2017). Esses indicadores revelam o caráter discriminatório em relação à juventude negra e parda, que também foi documentado no estudo “Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade”²². O estudo esclarece que tanto as taxas de desemprego quanto a taxa de homicídios entre os jovens são mais representativas, refletindo a maior vulnerabilidade e intimidação dessa faixa etária em relação às faixas etárias adultas. (CERQUEIRA et al., 2017; CERQUEIRA et al., 2018).

No mundo adulto, os jovens são tratados muitas vezes como um “problema social”, seja por estarem ligados a temas como drogas, comportamento de risco e atenção à violência e ao crime, especialmente os jovens que cometem crimes. Assim, a cena midiática trata a juventude de acordo com o interesse do mercado consumidor, sem levar em conta a desigualdade existente entre os diferentes segmentos desse mercado, ou o problema social efetivo de uma imensa parcela de jovens em situação econômica muito precária. (ABRAMO, 1997).

A ideia de precariedade da vida está em Butler (2015), quando aponta que a vida requer apoio e condições de habitação para existir. Portanto, a precariedade da vida, sobretudo, de jovens negros e pardos da periferia consiste no “fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro” (BUTLER, 2015, p. 31). Conseqüentemente, dizer que a vida é precária “[...] é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver [...]” (BUTLER, 2016, p. 40).

A precariedade tem de ser compreendida não apenas como um aspecto *desta* ou *daquela* vida, mas como uma condição generalizada cuja generalidade só pode ser negada negando-se a precariedade enquanto tal. E a obrigação de pensar a precariedade em termos de igualdade surge precisamente da irrefutável capacidade de generalização dessa condição. (BUTLER, 2015, p. 42).

De acordo com a filósofa (2015), a questão se coloca do ponto de vista normativo. Ela questiona que deve haver uma forma mais inclusiva e igualitária de reconhecer a incerteza da vida e que esta deve ser moldada como uma política social concreta em matéria de moradia, trabalho, alimentação e cuidados de saúde buscando ser reconhecidos e seus estatutos conforme a leis de jurisdição e de que modo elas produzam ações democráticas.

²² Disponível em: <http://www.portalodm.com.br/dnfile/647-indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017-12-12-2017/pdf/publicacoes/1/indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017.pdf>. Acesso em: 15 abril. 2019.

A questão é por que a vida de jovens da periferia, negros e pardos é dada como precária? Por que os jovens da periferia são tratados pela mídia como drogados, problemáticos, mas principalmente como potencialmente violentos?

Como já foi exposto, a mídia costuma enquadrar os jovens conforme os interesses de mercado, desconsiderando as desigualdades e o poder de consumo deles, porque atos de violência causados por jovens de classe média e média alta não são alvos de sanção por meio do aparelho do Estado, ou não costumam chegar aos meios de comunicação. Só o jovem preto e pardo de periferia recebe maior atenção midiática.

O destaque da ação deste grupo social é a dramatização midiática que comemora esta notícia e contribui para a impressão geral da população de que as crianças e os jovens, especialmente os pobres, são responsáveis pelo surgimento da violência, sobretudo, notícias de atos violentos, como assassinatos, chacinas etc (ADORNO, 2012), a população compreende que tais fatos acontecem com mais frequência do que eles efetivamente ocorrem.

O que realmente importa na vida de um jovem de periferia? Esses cujas “[...] vidas não são “consideradas” potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e a morte” (BUTLER, 2015, p. 46).

Nas discussões acima, há uma correlação entre pobreza e violência, especialmente o caráter dos jovens que muitas vezes se torna o principal ator nessa relação. Os meios de comunicação ocupam um lugar especial na expansão desta imagem à população geral, deixando de lado questões sociais e políticas estruturais que estão por trás dos fatos relatados.

Este debate está muito presente na produção acadêmica, geralmente discutindo questões urbanas e pobreza, atribuindo ao conjunto de condições de exclusão e vulnerabilidade as causas de violência. É o caso da tese “Diferentes, desiguais e conectados(?) Vivências juvenis, representações midiáticas e negociação de sentidos na cena metropolitana, de Rosaly Brito (2014).

Na tese a autora, propôs-se a discutir as diferentes formas de ser jovem e os marcadores sociais da diferença que as envolvem. Teve como interlocutores jovens da classe média e das classes populares de Belém ao Pará, procurando entender como diferentes aspectos de suas experiências diárias contradizem e desconstruem imagens homogêneas em torno de jovens que circulam em diferentes campos discursivos, com especial ênfase à mídia. Ela constatou que os seus interlocutores jovens produzem ativamente e intersubjetivamente seus significados e tecem projetos, negociando e, às vezes, opondo-se aos significados atribuídos a eles por sistemas institucionais e simbólicos.

Na visão de Brito (2014, p. 128), a associação entre jovens e violência urbana é inequívoca, e esta afeta esses jovens em várias dimensões e de diferentes maneiras. A “violência está de tal forma banalizada que eliminar o outro muitas vezes é tomado como um gesto banal, quase como apertar um botão em um controle de videogame”.

Esses sentidos criam imagens dos jovens e corpos que são marcados por limitações de exclusão, expulsos de uma estrutura que define uma vida cuja perda se pode lamentar, digna de proteção e apoio.

Vista no plano da cidade, a violência é vivida de diferentes maneiras, cumulativamente ao que é vivido no plano individual. Os jovens que moram em bairros de classe média têm medo de assalto e até mesmo de transitar pela rua. Os que moram nos bairros ditos periféricos vivem lado a lado com as pessoas envolvidas diretamente com a criminalidade, muitas das quais foram por vezes amigas de infância, cooptadas pelo tráfico, por gangues violentas, *remoçadas*. O fato é que todos, sem exceção, se defrontam com a questão da violência urbana e a maioria tem uma percepção crítica disso. (BRITO, 2014, p. 132).

A problematização da violência contra jovens, sobretudo, jovens das periferias e a insegurança de suas vidas contribui para a invenção de outros dispositivos disciplinadores, por meio dos quais se dá o controle e intimidação desses sujeitos.

Nesse aspecto Brito (2014, p. 133) ao recolher o depoimento de um jovem da periferia da capital Belém, descreve:

Morador do bairro da Terra Firme e estudante universitário, Pedro é um dos que percebem claramente o uso simbólico da criminalização da pobreza e o quanto ela vai sendo naturalizada pelas próprias pessoas dessa condição social. Como uma de suas formas de lazer favoritas quando adolescente era jogar bola com os amigos, algumas vezes se defrontou, em arenas no seu bairro e no Jurunas, ou mesmo no Telégrafo, onde mora a família de seu pai, com a situação de discriminação nas *batidas* da polícia nesses espaços.

O jovem, embora agente de sua vida cotidiana, compreendido em sua subjetividade, não é isolado no tempo e no espaço. As diferenças sociais entre classe, gênero e etnia significam variações dentro dessa condição. A condição precária, assim, “também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações”, que não tendo outra opção a recorrer ao não ser os serviços públicos, ficam “expostas à violência arbitrária do Estado [...]” (BUTLER, 2015, p. 47).

A concepção de que os “jovens no Brasil não são levados a sério”, conforme a música da Banda Charlie Brown Junior, faz uma crítica contundente a um fenômeno nefasto, decorrente em grande medida da falta de políticas públicas capazes de atenderem às múltiplas demandas da juventude, que acaba sendo criminalizada injustamente.

As mortes dos jovens na região metropolitana, que se relacionam com milícias, dizem respeito a um cenário resumido no relatório da (OAB-PA, 2017) e bem delineado no trabalho de Ferreira Júnior (2019), segundo o qual os grupos de extermínios estão cada vez mais ativos no Estado, vestidos como “limpadores”.

Na sociedade em que o mal se banaliza e naturaliza, é imperativo que a pesquisa social ajude a desvelar os mecanismos pelos quais esse fenômeno se dá. A criação de diferentes formas de engajamento juvenil na prática de produção audiovisual nas periferias pode ser entendida como uma “política cultural da diferença”. Desse modo, podemos entender, a produção audiovisual de grupos periféricos como um “agenciamento, manifestado como resistência e reconhecimento, que emerge a partir da experiência do oprimido e de sua aversão ao sistema coercitivo de dominação (FREIRE FILHO, 2007).

A resistência se dá a partir do protagonismo juvenil no manejo dos meios hoje disponíveis para contar as histórias do que se passa nas periferias das cidades é uma forma de concretizar seu direito à expressão e participação efetiva na cena urbana, como forma de se contrapor à invisibilidade e à falta de legitimidade que marca a sua existência como sujeitos sociais (SILVA, 2014). Sob esse ponto de vista, o protagonismo juvenil nas periferias passa a ter um movimento cultural, movimento de muitas produções, em comunidades que são marcadas por estigmas, em que emergem iniciativas de vários atores, grupos e coletivos que lutam pela ampliação de suas representatividades.

A expressão da cultura periférica é essencial na produção audiovisual, uma vez que se destaca como instrumento reorganizador do território, compondo-se como uma contranarrativa, em que há a criação de redes de interlocução política e cultural que contrariam as estruturas hegemônicas. De acordo com Wilq (2014, p. 14), a prática audiovisual nas quebradas constitui-se como “[...] um instrumento de mudança na cidade, um instrumento de criação de redes de interlocução política e cultural, articulando uma postura de luta de classes, por vezes buscando uma inserção ainda que marginal nas disputas pelos significados”. O autor destaca que o audiovisual periférico “surge como uma prática social que em sua forma se desenvolve através da arte e exercício da linguagem. De toda forma, a ideia de “nossa realidade representada por nós mesmos” se coloca o tempo todo como pauta da ação, apontando sobretudo para uma disputa cultural por representatividade”. (WILQ, 2014, p.17).

Embora os jovens estejam entre os grupos sociais mais atingidos pela violência, eles são os mesmos que se encontram ativos na esfera pública. Não existem estruturas institucionais ou programas políticos consistentes para melhorar as condições de vida e a emancipação dos

jovens no Brasil, mas eles têm ocupado a cena pública das cidades de maneira a confrontar a ordem urbana desigual.

Como parte desta intervenção pública com os jovens, algumas políticas públicas centraram-se principalmente em atividades recreativas, educativas (por exemplo, programas de mobilidade para a aprendizagem de línguas estrangeiras) e atividades preventivas (em termos de drogas e doenças sexuais), visando reafirmar a juventude como um estado e não como um “processo para se tornar um adulto”. No entanto, o que poderia ser a tríade de condições para a possibilidade de emancipação é a inter-relação entre formação, trabalho e habitação abordado a partir de iniciativas políticas que não são muito poderosas e fragmentadas em termos de território.

O fato é que os próprios jovens entram na cena e emergem como segmento importante, que se apropria e se fortalece dentro desse novo marco de direitos, reivindicam o reconhecimento público, traduzido em respeito às suas identidades e demandas e na abertura de espaços para que estas se revelem. Assim é que vemos crescer um processo de grupalização em sua diversidade de formas e estilos que se constituem em espaços privilegiados de sociabilidade, negociação de identidades e participação social e política. (SILVA, 2014, p. 75).

O Tela Firme²³ busca em suas reivindicações obter “reconhecimento” ou respeito à “diferença”, e para isso, as ações do coletivo, como proposta de comunicação alternativa do bairro, promovem, no nosso entender, uma ação emancipatória dos moradores, um fluxo em permanência que dissolve e cria novas realidades, as quais são fundadas no mundo da vida²⁴ (MAGALHÃES, 2005). Sendo o diálogo comunicativo envolvido em narrativas, a verdade sobre determinada realidade depende, assim, dos fatos, das expectativas, das vivências e das convicções que são experimentadas individual ou coletivamente.

Os jovens do Coletivo Tela Firme se mobilizam a partir de várias ações no seu território. Ao contextualizar a interação política e o seu protagonismo juvenil, é possível identificar formas de participação popular que buscam a inclusão, o pluralismo de vozes, a igualdade participativa e a autonomia. Essas práticas políticas, em suas dimensões comunicativas, foram potencializadas pela facilidade de acesso e circulação das redes sociais na internet.

O Tela Firme destaca-se por ser uma mídia alternativa no bairro. De acordo com Peruzzo (2009, p. 132), os meios alternativos de comunicação, “representam uma contracomunicação

²³ O Tela Firme surgiu no contexto de 2014, em um cenário em que emergiram várias mídias alternativas no Brasil. Para exemplificar, podemos ver a própria Mídia Ninja, que ganhou alcance nacional depois das Jornadas de Junho, em 2013, no Brasil, quando a juventude foi às ruas e teve muita repercussão, denunciando a velha tática das mídias tradicionais de criminalizar os movimentos.

²⁴ O mundo da vida pode ser entendido como aquele em que “os atores comunicativos situam e datam seus pronunciamentos em espaços sociais e tempos históricos” (HABERMAS, 1987, p.136).

ou outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e das comunidades”. Em outras palavras, o grupo decorre da relação de pertença à comunidade e é reconhecido como um movimento popular.

Nesse sentido, observamos que o Coletivo Tela Firme propõe uma conscientização do poder de participação, opinião e decisão, das pessoas que residem no bairro como um meio de resistência e dessa forma promover a emancipação individual e coletiva e maior inserção das vozes dos moradores sobre sua realidade. (LIRA; AMORIM; COSTA, 2017 p. 48).

Por meio da produção audiovisual, trazem as demandas imediatas ao bairro, ecoando as vozes dos moradores numa relação de dentro para fora. Tais concepções são consideradas nas práticas audiovisuais do coletivo Tela Firme, as quais constituem uma ação discursiva dotada um grande poder de transformação social, por meio da visibilidade que ela é capaz de alcançar, em busca do reconhecimento.

3.2 Tela Firme: luta por reconhecimento e visibilidade

Em Luta por reconhecimento, Axel Honneth (2003) avalia a luta social do ponto de vista normativo. Baseia-se na dinâmica social do reconhecimento (como se vê nos escritos do jovem Hegel), no escopo e na luta pelo reconhecimento e no conceito tradicional de ética ou no conceito formal de boa vida pelo qual ele pode justificar um padrão normativo que corresponde à sua teoria do reconhecimento. Nas últimas décadas, Axel Honneth construiu o pensamento crítico que começou com a análise do trabalho de Habermas, com o objetivo de destacar as regiões fronteiriças na abordagem linguística do paradigma da intersubjetividade e seus efeitos na teoria crítica.

Honneth (2003) assinala que a abordagem de Habermas era uma excelente maneira de evitar a lógica de racionalizar a própria vida, porque sua intenção não era negligenciar fenômenos em favor das estruturas sociais. Para construir sua teoria, ele recorre aos textos de Hegel “Maneiras científicas de tratar o direito natural”, de 1802, “Sistema da eticidade” 02/1803, e “Sistema da filosofia especulativa” ou “Realphilosophie de Jena” de 1805/1806, para ancorar suas formulações.

Honneth aperfeiçoa a teoria do reconhecimento do jovem Hegel e vê através da prática “subjéctiva do desrespeito a necessidade não satisfeita de reconhecimento; e no protesto dos humilhados e ofendidos aquela relação assimétrica, em que um lado priva o outro do devido reconhecimento” (HABERMAS, 2011, p. 339). Na luta pelo reconhecimento, constrói os fundamentos da teoria, levando em conta a nova conceituação dos espaços sociais, de maneira

a quebrar o que considera o déficit sociológico da teoria crítica, focando nas hipóteses psicológicas e sociológicas da intersubjetividade. É uma questão de filosofia social, capaz de explorar a realidade interativa.

Para enfrentar esses desafios, Honneth utiliza a teoria da comunicação da psicologia social de George Herbert Mead, que, a seu ver, tem uma base empírica ou naturalista mais desenvolvida, ao partir do pressuposto de que o reconhecimento mútuo é a fonte da constituição da identidade dos sujeitos. Segundo Honneth (2003), é Mead quem pode reconstruir a intuição de Hegel de intersubjetividade em um ambiente pós-metafísico e também explicar o desenvolvimento moral da sociedade através da luta pelo reconhecimento, até porque ele dedica grande parte de sua pesquisa psicológica ao esclarecimento de problemas filosóficos não especulativos para compor um conceito mais amplo de comunicação e experiência social.

Honneth busca fazer o que deve ser visto como um processo de reconstrução através da “atualização” sistemática da luta pelo reconhecimento tal como enunciada pelo jovem Hegel. Apoiado pela psicologia social de Mead, esse processo envolve o que Honneth chama de “transformação naturalista” da luta pelo reconhecimento. Transformação que acaba por ser o coração de todo o livro de Honneth. Interpretar a luta pelo reconhecimento de forma “naturalista” sem implicar, no entanto, naturalizações reducionistas do conhecimento universal e das reivindicações humanas, significaria escrever uma teoria da comunicação que incluía as dimensões física e social “naturais”, além dos limites linguísticos de consenso e compreensão. (HONNETH, 2003).

Sem negar a legitimidade de uma dimensão “metódica” da linguagem, segundo a qual as experiências interativas são “acessíveis” apenas como fatos linguísticos, é obviamente uma questão de olhar para a dimensão interativa na qual ela não se limita ao que é apenas linguisticamente articulado. Em outras palavras, há uma dimensão para a própria linguagem que precisa ser estudada para entender a comunicação em sua totalidade. Nessa perspectiva, qualquer interação física e gestual pode ser estudada para criar um conceito mais amplo de comunicação e experiência social. Esta formulação de Mead fornece a Honneth uma concepção intersubjetiva da autoconfiança humana.

O filósofo alemão explica que sem um parceiro na interação seria impossível para um indivíduo experimentar suas próprias ações como pertencentes à sua própria pessoa, uma vez que ele pode construir uma autorreferência por causa dos problemas e conflitos que surgem na própria interação. Os aspectos cognitivos da interação são, assim, revelados pelo surgimento da autoconfiança.

O caminho para o desenvolvimento da autoconfiança é revelado pela auto-relação do indivíduo consigo mesmo em um ambiente de conflito. Para Honneth (2003), esse modelo explica os aspectos cognitivos que compõem a interação de forma adequada e natural. Embora ainda seja necessário caracterizar plenamente a interação comunicativa para decifrar a auto-relação prática do homem através do conceito de formação moral e prática do sujeito, todo o processo de formação da identidade é construído por Honneth a partir do modelo básico de auto-relação.

Para Honneth, Mead ilustra, além da autocorreção, o desenvolvimento da praticidade da autorregulação humana e a formação da identidade prática e moral do sujeito. Segundo o pensador de Frankfurt, Mead utiliza o conceito de “outra generalização”, um verdadeiro princípio da socialização “o processo de socialização em geral assume a forma de uma internalização dos padrões de ação, que resulta da generalização das expectativas comportamentais de todos os membros da sociedade. (HONNETH, 2003, p. 135).

Uma prática pelo qual o indivíduo entende de forma a internalizar as perspectivas normativas daqueles com quem constrói uma interação, a fim de obter a representação das normas sociais definidas pelo grupo de forma intersubjetiva. Este é o segundo momento no processo de construção da autoestima 'eu', uma relação prática como tal (HONNETH, 2003). Estes, expressos na linguagem ou com a possibilidade de generalização, podem se tornar uma mobilização e protagonismo nos movimentos coletivos e nas lutas sociais.

Quanto mais os movimentos sociais conseguem chamar a atenção da esfera pública para a importância negligenciada das propriedades e das capacidades representadas por eles de modo coletivo, tanto mais existe para eles a possibilidade de elevar na sociedade o valor social ou, mais precisamente, a reputação de seus membros (HONNETH, 2003, p. 207-208).

A dinâmica social do reconhecimento, ou seja, a “gramática dos conflitos sociais, corresponde à relação: desrespeito, reconhecimento e mudança social. O elemento final dessa dinâmica trata-se do conceito de ética formal, o padrão normativo que se baseia na compreensão intersubjetiva dos sujeitos, a fim de fazer julgamentos sobre suas capacidades em assumir papéis e conscientemente terem a responsabilidade de escolherem a trajetória de suas vidas. O termo refere-se a todas as circunstâncias intersubjetivas que podem ser comprovadas para servir como premissas individuais de emancipação, o reconhecimento de sua conexão é evidenciado pelo fato de que a possibilidade de um auto-ser positivo é dada apenas através da experiência de reconhecimento, porque este é uma “prova da autorrealização individual”. A ideia de Axel Honneth, portanto, se relaciona a todas as condições intersubjetivas que podem servir como

autorrealização individual como pré-requisitos normativos (HONNETH, 2003), um conceito original que integra o pensador ao atual debate sobre filosofia política e justiça.

Honneth esclarece que o discurso é apenas uma dimensão da crítica social normativa. Mas ancora-se na antropologia filosófica para discutir sobre como o reconhecimento permite o autodesenvolvimento autônomo, e sociologicamente permitir que se reconstruam padrões que legitimam instituições e práticas sociais específicas (HONNETH, 2003). Sob tal enfoque, a luta pelo reconhecimento está por detrás dos conflitos sociais, marcados por tensões constantes entre a questão da liberdade individual e da ética e das relações comunitárias. “O conflito social só ocorre porque houve uma desconsideração do acordo intersubjetivo, no qual os sujeitos haviam se reconhecido como parceiros de interação” (HONNETH, 2003, p. 25).

Na visão de Honneth, a reflexão se baseia na experiência moral da maior negação do reconhecimento, que mostra como o conflito realmente se desenvolve na luta pelo reconhecimento e, portanto, possui uma composição moral que promove a ideia da lógica e da moralidade do conflito social. Para o filósofo, a tipologia do reconhecimento visa explicitamente desenvolver o desenvolvimento pessoal subjetivo no paradigma discursivo da negligência. No entanto, Honneth (2003), propõe uma estratégia única e crítica, que visa articular padrões críticos que ultrapassam o nível relativamente estreito e discurso “ideal”, em que capta vozes tímidas ou marginalizadas que o sistema exclui.

A partir disso, entendemos que a teoria de Honneth (2003), discutida por Zanneti (2010) oferece aportes para pensar as possibilidades de autorrepresentação como um instrumento na luta pelo reconhecimento social. Além disso, de maneira coletiva, promover a circulação de diferentes perspectivas sobre o contexto das periferias, que mais adiante discutiremos por meio das narrativas audiovisuais do coletivo Tela Firme, na busca de evitar padrões reducionistas e imagens estereotipadas difundidas pela mídia hegemônica sobre o caso da chacina de 2014, que se constituiu em “formas de desrespeito e de não-reconhecimento. Se este outro “periférico” não pode se autorrepresentar – e falar em nome de si mesmo – restam somente representações construídas em torno deles pelos “outros” [...] (ZANETTI, 2010, p. 69).

Conforme o depoimento de Serrão (2020) membro do Tela Firme, “a construção das imagens e narrativas através do grupo mostra que se quer disputar a circulação da imagem do bairro da Terra Firme, que por muitos anos foram contadas por outros”. Para ela, questionar as decisões hegemônicas vindo do centro desse poder, é como Stuart Hall pontua: “É necessário minar essa lógica até que ela se imploda”. (informação verbal)”²⁵. Iniciativas como a do Tela

²⁵ Depoimento concedido por Isabela Serrão. Belém, 2 de julho. 2018.

Firme ajudam a combater o estigma contra as pessoas que moram nas periferias e o racismo, aumentando a autoestima dessa população, mas também buscam fazer um contraponto as narrativas da mídia sobre a violência (ROCHA, 2011). Para a autora, ações de grupos que atuam nas periferias ganham legitimidade para falar publicamente de sua comunidade. Tal legitimidade resulta da contranarrativa que os jovens do coletivo Tela Firme fazem ao mostrar, por meio da produção audiovisual as representações culturais e sociais da Terra Firme, os circuitos de um viver que só se vê no cotidiano de quem mora nos bairros periféricos de Belém.

Para Souza, o debate sobre a política cultural aponta para um duplo aspecto no sentido de compreender o surgimento da produção audiovisual nas periferias. Por um lado, ela é pautada pela valorização das culturas periféricas com seus novos agentes e protagonistas. Por outro, as mudanças trazidas pela tecnologia digital desempenham um papel importante na circulação ampliada de bens culturais e simbólicos. Portanto, as mudanças resultantes das novas tecnologias de comunicação não podem ser negligenciadas. A produção audiovisual do Tela Firme evidencia a Terra Firme como um lugar identitário, uma vez que por meio das produções do grupo:

Tal identidade comunitária pode ser identificada tanto como origem quanto como uma das consequências da receptividade que toda a produção percebida como “periférica” tem tido por parte dos canais hegemônicos da mídia, e da sociedade em sentido amplo, na forma de diversos outros segmentos como a academia e o governo. São, ao mesmo tempo, “representadores”, “representantes”, e “representados”, na medida em que produzem representações de seus territórios, e de outros; e autorrepresentações de si mesmos, e dos demais habitantes das comunidades por onde transitam, assumindo alternadamente os papéis de autores, personagens e divulgadores das obras. Ao se apropriarem de plataformas na internet para difundir sua produção, tornando-a pública, estão automaticamente se inserindo como autores, e, portanto, fontes, no memorial de produções midiáticas que esta rede configura. (SANTOS, 2014, p. 201).

Ao nos reportarmos ao Tela Firme vemos que a motivação original da produção audiovisual está fortemente ligada ao desejo de realização pessoal, uma necessidade de expressão de subjetividade, mas manifestado com um sentimento carregado de comunidade, identidade territorial (SANTOS, 2014). Em Zanetti (2010), podemos entender que a produção audiovisual de grupos periféricos, como discutiremos mais a fundo no próximo capítulo, promove uma reflexão do reconhecimento de si a partir do lugar. Segundo ela, a autorrepresentação de si constitui-se como um processo de produção ao alcance dialógico pertencente a um reconhecimento individual e coletivo com o lugar. Além disso, ela entende que a produção audiovisual produzida por coletivos se constitui como uma investida,

[...] num discurso da valorização dos espaços da periferia, da favela, do morro. Esta valorização emerge da fala de certos personagens (“reais” ou ficcionais) que, como moradores (ou frequentadores) de territórios periféricos, valorizam suas raízes, seus

vínculos afetivos com o lugar, as atividades do cotidiano de trabalho e de lazer. (ZANETTI, 2010, p.75).

Para Souza (2013), a produção audiovisual reforça e amplia a importância do documentário como artefato cultural e promove novos arranjos em sua prática. Isso permite que os jovens se aproximem de uma língua já tradicional, recriem regras diferentes sobre práticas e formatos documentais e promovam a natureza coletiva das atividades. Para Zanetti (2010), são iniciativas da sociedade civil que recorrem ao audiovisual como ferramenta de resistência e contraposição à versão hegemônica dos acontecimentos que lhes dizem respeito.

Como veremos de maneira mais contextualizada no próximo capítulo, há nas últimas duas décadas no Brasil uma intensa produção de curtas-metragens de vários gêneros, que podem ser vistos em favelas, aglomerações e bairros, geralmente propiciados por projetos sociais e culturais que promovem oficinas de inclusão audiovisual para jovens de baixa renda, por meio de ONGs, pontos culturais, associações, projetos, grupos, oficinas e escolas públicas (ZANETTI, 2010). Ressalta Souza (2013), que o acesso a dispositivos digitais permite que a produção documental nas periferias, favelas e subúrbios desencadeie políticas representativas que não encontram um lugar na mídia hegemônica

De raízes periféricas, os jovens do Tela Firme mobilizam-se a partir de várias práticas de ação no território. Longe de equipamentos profissionais, mas com uma câmera na mão e um microfone, chamados de “tecnologia do possível”, isto é, com os suportes que têm em mãos, o Coletivo Tela Firme é organizado pelos próprios moradores. De acordo com Aderalto (2017, p. 2) “as experiências audiovisuais permitiram a esses jovens redefinir o sentido da paisagem urbana, na medida em que eles romperam com a linguagem institucional que os concebe somente como sujeitos tutelados”. Desse modo, no espaço audiovisual, o Tela Firme busca reconhecimento do Estado para cobrar ações imediatas capazes de enfrentar a “onda” de extermínio de jovens negros nas periferias de Belém e denunciar a imagem estigmatizada do bairro, com destaque para acontecimentos violentos e mortes.

A juventude do bairro da Terra Firme também faz uso desse recurso como um “grito de liberdade” de um bairro estigmatizado como violento, que, até então, não tinha a oportunidade de mostrar sua voz, sua representatividade, o seu lado cultural e diverso, por meio da mídia. A ideia de visibilidade também é desencadeada quando o que se propõe são performances nas favelas e bairros (e seus habitantes), com sua projeção simbólica de visibilidade pública no campo. Várias vozes e diversidade de performances estão relacionadas exclusivamente com a indústria audiovisual, que reconhecidamente, no sentido de propostas amplas e derivadas em todo o país, é limitada à produção cultural de experiências especiais localizadas nas favelas, nas

regiões ultraperiféricas, e nas áreas de educação para jovens de baixa renda (ZANETTI, 2010). Para Claudine Haroche “a visibilidade apresenta-se como sinônimo de legitimidade” (HAROCHE, 2005, p. 35).

A produção audiovisual de grupos periféricos, conforme Souza (2013), evidencia uma disputa sobre o que precisa de visibilidade, em que espaços, pessoas e experiências se tornam matéria-prima para a construção do conhecimento e da representação. Para ele, se as produções hegemônicas da televisão e cinema dependem da prevalência de representações socioculturais que formam uma realidade social comum, o cinema periférico precisa de diferentes métodos de elaboração da experiência para destacar as periferias além da homogeneidade.

Para Batista (2020) “o Tela Firme existe em função da autorrepresentação, da contraposição à narrativa hegemônica aos meios de comunicação de massa, que tem como principal objetivo o lucro, e nossa intenção é ser voz na quebrada, denunciar a injustiça e divulgar as belezas na periferia. (informação verbal)”²⁶.

A insatisfação com esse tipo de situação, ressalta Aderaldo (2017), é um dos fatores que levaram diversos jovens, especialmente aqueles com mais educação ou histórico de participação em movimentos sociais, a se organizarem em torno de grupos voltados à produção audiovisual independente, conhecimento que vai além do escopo de organizações do terceiro setor. Segundo o autor, o conceito de periferia, que geralmente é apresentado na mídia corporativa como sinônimo de áreas fixas caracterizadas por uma situação de emergência, deu lugar a novas representações. Nesse sentido, o Tela Firme (Nós na Tela) se insere no contexto das práticas audiovisuais de visibilidade, amplificando a cultura do bairro da Terra Firme e fazendo da denúncia um instrumento de transformação social.

Para o pesquisador (2017), a periferia passou a identificar processos móveis em que pessoas e lugares estão conectados por causa do acesso desigual aos direitos. A seu ver, a experiência audiovisual permitiu que esses jovens redefinissem a importância da paisagem urbana rompendo com a linguagem institucional, que eles entendem apenas como disciplinas ensinadas. Segundo ele, o significado das palavras “periferia e favela” muda dependendo do contexto em que são utilizadas. Enquanto alguns agentes institucionais falam da 'periferia' como o equivalente a lugares carentes e violentos, um rapper usa um termo para denotar termos como luta, honra ou resistência” (ADERALDO, 2017, p. 3).

Já para Belletati (2008), as reivindicações coletivas audiovisuais são a possibilidade de que a própria periferia tenha uma iniciativa em relação à sua representação e receba total

²⁶ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

reconhecimento por ela. As pessoas da periferia, que, segundo ela, são vistas pelo senso comum como pacientes pelas representações que circulam, tornam-se agentes e comunicam o que consideram necessário comunicar pela via do audiovisual. Na visão da autora, as novas práticas fazem uma desintoxicação da imagem do periférico frente à mídia hegemônica.

O Coletivo²⁷ Tela Firme iniciou suas ações em 2014, como uma TV comunitária para mostrar “as coisas boas que existem no bairro Terra Firme como o carnaval de rua, por exemplo, mas mesmo para começar um projeto pertinente como o proposto por Francisco Batista, exigiria organização, tempo e recursos” (LIRA, 2018, p. 37). Para Mendes (2020) membro do coletivo a autorrepresentação do coletivo Tela Firme sempre foi o objetivo do grupo, segundo o seu relato:

Não era do coletivo, mas lembro que acompanhei quando Francisco estava fazendo o projeto. Já conhecia o Francisco há algum tempo. Ele disse que ia lançar o projeto. Logo, vi que a ideia do coletivo era de uma mídia alternativa que poderia falar da Terra Firme de forma diferente dos noticiários de polícia, que retratavam o bairro como um lugar perigoso, violento e de área vermelha, como costumam chamar. Um lugar onde as pessoas não têm paz, e que as pessoas de fora sofrem o perigo de vir até aqui. Penso que essa perspectiva é muito importante porque são as pessoas daqui falando que existem as contradições no bairro, que são frutos da ausência de serviços públicos de instituições. A violência é fruto da ausência do Estado. A falta de saneamento básico é fruto da ausência de serviços do Estado, assim como a falta de educação pública, as condições para que feirantes possam desenvolver sua atividade remuneratória com mais qualidade e as condições de infraestrutura, que nós não temos aqui. Apesar disso, somos um povo que brinca e que também se importa com o outro. Tem muitas pessoas que estão envolvidas com esporte. Tem teatro, dança, música, etc. Toda essa diversidade foi retratada através do Tela Firme. Isso surgiu em um momento em que crescia o número de mídias alternativas no mundo inteiro. Fez parte dessa geração (o vídeo) cumpre um papel de autorrepresentação, questionando a mídia e, muitas vezes, fazendo com que a mídia tradicional reconheça algumas das nossas produções, porque várias vezes já saíram no O Liberal e no Diário. (informação verbal).²⁸

O descontentamento com a falta de políticas por parte do Estado e o questionamento contra a mídia hegemônica, é apresentada nas práticas e produções do Tela Firme, Belletati (2008) esclarece que essas configurações não se limitam à disputa sobre a constituição de representação, mas são um ato de esperança e indignação, de encontrar e trocar novas perspectivas sobre o cotidiano e a expressão, a mudança e a criação de perspectivas. Para a autora, as políticas culturais, sobretudo do audiovisual, buscam transformar infâncias e motivar

²⁷ O termo “coletivo” refere-se às ações/atividades realizadas por agrupamentos de indivíduos, o que não altera, contudo, o caráter privado dos interesses e objetivos envolvidos. Desse modo, as associações e “outros tipos de organizações” (não se mencionam os movimentos, partidos e sindicatos) tornam-se o meio pelo qual os atores sociais podem alcançar seus objetivos particulares ou coletivos. (SOUZA, 2008, p. 65).

²⁸ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

os adultos, ecoando vozes daqueles que são silenciados e erradicar um monopólio da produção que segue uma forma de consumismo e alienação conforme visto nas falas de Mendes, Batista e Serrão (2020).

De acordo com Belletati (2008) trata-se, além disso, de uma tentativa de fazer arte ou melhor, fazer as mais diversas artes, simplesmente ter o prazer de fazer, expressar, compartilhar, refletir e mudar a visão da periferia sobre si mesma, a fim de buscar melhorias sociais. A visibilidade, então, é sinônimo de existência. A produção audiovisual do coletivo Tela Firme mostra a existência dos moradores da Terra Firme, na valorização da cultura periférica.

Zanetti (2010, p. 123-124) elenca aspectos analisados nas práticas audiovisuais que emergem nas periferias:

- a) Valorização da cultura enquanto campo de transformação social e “ativismo” político, e ênfase no caráter múltiplo e diversificado da cultura na contemporaneidade (“diversidade cultural”, “peculiaridades culturais”, “nova ordem cultural e artística”, “evento de caráter social, político e cultural”);
- b) Constituição de um movimento cultural através das práticas audiovisuais entre os jovens moradores de favelas e periferias, que poderiam ser chamados de “cineastas da periferia”;
- c) Tendência para atitudes propositivas e papel ativo no processo, ao invés de um posicionamento passivo. Ser protagonista, ao invés de ser “incluído”. Estar atuando por trás das câmeras, como realizadores, e não apenas na frente das câmeras, como personagem retratado, de modo a “dominar processos de produção e difusão”; 124
- d) Ampliação dos espaços de exibição de novos produtos audiovisuais (“democratização do audiovisual”, “abrir espaço”);
- e) Afirmação de identidades coletivas;
- f) A existência de um “novo olhar”, de um novo ponto de vista sobre a realidade;
- g) A ação de retratar, de criar representações através do audiovisual.

A injustiça social em relação aos discursos do vídeo “Poderia ter sido você” conecta-se com a ideia de reconhecimento social. Neste sentido, os requisitos de autorrepresentação (que não é a representação dominante), através de atividades artísticas (audiovisuais), visam combater o mundo conforme a ‘leitura’ que dele é feita por meio de modelos hegemônicos, que têm se cristalizado em preconceitos em relação a um grupo social particular - neste caso moradores das periferias e os habitantes das favelas (ZANETTI, 2010). A seu ver, quando o discurso enfatiza que “é hora da periferia se retratar”, o que é lido é o desejo de mudar a forma como esses grupos são representados no domínio público. O Tela Firme, em processo relacional e intersubjetivo de comunicação com os moradores, busca mostrar as particularidades do bairro e evidenciar uma identidade positiva por meio da prática audiovisual.

Segundo Honneth (2003, p. 364), “os sujeitos dependem do reconhecimento tanto de suas necessidades quanto de suas crenças e habilidades para participar de forma autônoma na vida social” para que o indivíduo possa ser integrado aos grupos sociais, como é o caso de um espelho refletindo as experiências primárias do reconhecimento. Quando este assunto é

importante por sua capacidade de julgar e por suas outras habilidades, esse processo é reconstruído na convivência em grupo e, assim, permanece vivo. Deste modo, as narrativas do Tela Firme podem ser pensadas como ação de mudança social e de sentidos. Recorre-se a novas formas de participação política ao proceder, desenhando o papel social dos sujeitos, sobretudo nas redes sociais, buscando o pluralismo, a igualdade participativa e a autonomia.

Nosso entendimento aqui é que as características próprias da internet a convertem num ambiente de comunicação propício para vozes que não costumam ser ouvidas no madrigal considerado socialmente relevante (GOMES, 2005). A inserção de vozes de moradores por meio da prática do audiovisual como produção própria da comunidade, não apenas “se dá em torno de uma concepção estética unitária da produção, mas está ancorada na participação das camadas populares no processo de feitura e no engajamento que o vídeo pode agregar às lutas sociais e às reivindicações políticas” (WILQ, 2014, p. 24), e configuram-se em ações deliberativas e de redistribuição que, ao nosso ver, contribuem para fortalecer relações de pertença, uma vez que os sujeitos podem valorizar e se tornarem mais interessados e comprometidos com o lugar em que estão localizados.

No próximo capítulo, em que serão discutidos de forma mais extensiva os dados coletados nas entrevistas feitas com treze interlocutores da Terra Firme, retomaremos a discussão aqui iniciada sobre o papel do Tela Firme no bairro e a maneira como a narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” foi apreendida pelos moradores. No último capítulo, é central também a discussão sobre a dinâmica de autorrepresentação que, pelo menos desde a década passada, emergiu de forma intensa nas periferias brasileiras, aprofundando a discussão apresentada preliminarmente aqui.

4 NÓS NA TELA: A DIMENSÃO SENSÍVEL E POLÍTICA DA AUTORREPRESENTAÇÃO NO VÍDEO PODERIA TER SIDO VOCÊ

Neste último capítulo, a partir dos dados coletados nas entrevistas, são discutidas as formas de apreensão que os moradores da Terra Firme têm da chacina de 2014 e da narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” e de que maneira ela reverbera e se entrelaça e com o seu cotidiano. Tal como fora planejado desde o início, a pesquisa de campo seria realizada, primordialmente, por meio de grupo focal com pessoas do bairro, que assistiriam ao vídeo em conjunto e a seguir o discutiriam.

Desde o mês de fevereiro de 2020, vários contatos e articulações vinham sendo feitos com vistas à realização do grupo focal, que estava programado para março. Quando o mês de março chegou, no entanto, o país foi surpreendido e se deparou com a dura realidade da pandemia da Covid 19, provocada pelo novo coronavírus. A grande maioria das pessoas anteriormente contactadas desistiu de participar do grupo focal, por ser presencial, já que todos tiveram que se recolher em casa para não se expor à contaminação pelo vírus, seguindo a orientação das autoridades sanitárias.

Foi um momento de grande tensão, que impôs uma reorientação na técnica de pesquisa a ser utilizada e, portanto, a reorganização do trabalho de campo. De comum acordo com minha orientadora, concluímos que a única maneira viável para coletar os dados seria por meio do aplicativo Whatsapp, de fácil acesso para os interlocutores já articulados para o grupo focal. Novamente contactados para saber se estariam dispostos a participar da pesquisa por essa via, mostraram-se disponíveis e acolheram a proposta²⁹, o que foi fundamental para dar andamento à pesquisa e permitir a sua conclusão.

Creio que esse relato é importante para que tenhamos, também, a dimensão dos impactos da pandemia junto às pesquisas sociais, algo que talvez só sejamos capazes de avaliar mais plenamente após o término do isolamento, quando formos capazes de fazer um balanço reflexivo e crítico sobre uma das mais duras experiências já vividas pela humanidade. Foram feitas, então, pelas entrevistas individuais via *WhatsApp* com treze (13) interlocutores, conforme descrito a seguir.

²⁹ As novas circunstâncias impostas à pesquisa não permitiram que pudessem ser recolhidos os termos de consentimento, cujo modelo integra os anexos do trabalho, devidamente assinados pelos interlocutores, o que seria feito inicialmente durante a realização do grupo focal. Em vista disso, e considerando que a maioria dos participantes da pesquisa não dispõe de assinatura digital e tem dificuldade de acesso à internet, buscaremos viabilizar a coleta dos termos assinados a partir do momento em que for suspensa a determinação de isolamento social. Todos os interlocutores deram consentimento para o uso dos dados gerados pelas entrevistas concedidas.

a) Os interlocutores

Treze pessoas foram convidadas a participar das entrevistas, dentre elas, destacam-se cinco moradores do bairro da Terra Firme, dois jovens integrantes do Projeto Cine Clube TF, três integrantes do coletivo Tela Firme, um policial e dois familiares das vítimas da chacina de 2014 – dentre essas últimas uma foi feita presencialmente e a outra pelo *WhatsApp*.

Para todos eles, foram enviados o vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme, e algumas imagens dos jornais *O Liberal e Diário do Pará* que tratam sobre o acontecimento da chacina de 2014, imagens que se encontram no corpo do texto. A faixa etária dos entrevistados vai de 19 a 60 anos. Nove deles situam-se na faixa de idade entre 19 e 32 anos, que podendo ser entendidos como “jovens”.

Primeiramente entrevistei os moradores da Terra Firme, pessoas que moram perto da minha casa na passagem Comissário e amigos, jovens conhecidos da comunidade que penso ter um acúmulo de experiência para falar de acontecimentos como esse no bairro. Para preservar a identidade dos participantes utilizaremos seus sobrenomes, quando nos referirmos a relatos e apresentações.

O primeiro morador entrevistado é Silva (2020), ele tem 31 anos participa de um grupo de jovens da paróquia São Domingos de Gusmão e assim como eu gosta muito de jogar bola na quadra poliesportiva do curture e se define como preto. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

O segundo entrevistado é Aviz (2020), um amigo que considero muito, ele tem 40 anos, e se define como pardo, é músico do bairro e integra uma ONG que busca promover a inclusão e a justiça social através da arte, cultura e música no bairro da Terra Firme. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

O terceiro entrevistado é Costa (2020), 24 anos. Morador do bairro, veio morar no bairro desde os quatro anos de idade gosta muito de estudar e jogar bola. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

A quarta entrevistada é Assunção (2020), ela tem 27 anos, se definiu como parda. Vendedora de roupas, jovem mãe e estudante. A entrevista com ela foi realizada via *WhatsApp*.

O quinto entrevistado é Santos (2020), morador do bairro, tem 43 anos, é turismólogo recém-formado, se definiu como branco. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

O sexto entrevistado é o Policial Militar (2020), tem 31 anos, e também militante do Psol, se definiu como pardo. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

O sétimo entrevistado é Souza (2020), morador do bairro, tem 19 anos, estudante e integrante do Projeto Cine Clube TF, se definiu como preto. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

A oitava entrevistada é Modesto (2020), jovem poetisa do bairro, tem 32 anos, é formada em pedagogia e integrante do Projeto Cine Clube TF onde desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso, se definiu como branca. A entrevista com ela foi realizada pelo *WhatsApp*.

A nona entrevistada é Amaral (2020), tem 51 anos, se definiu com preta e militante. Coordena o coletivo de mães vítimas do extermínio de jovens da periferia de Belém e trabalha na Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH). A entrevista com ela foi realizada pelo *WhatsApp*.

A décima entrevistada é Cruz (2020), 60 anos, moradora do bairro da Terra Firme a 50 anos, membra do coletivo de mães vítimas do extermínio de jovens da periferia de Belém, se definiu com preta. A entrevista com ela foi realizada de forma presencial em sua residência na rua da ligação na Terra Firme, foi a única entrevista que conseguimos realizar presencialmente.

A décima primeira entrevistada é Serrão (2020), 26 anos, estudante de Cinema e audiovisual da UFPA, integrante do coletivo Tela Firme e do Êê, Mana, se definiu como preta. A entrevista com ela foi realizada pelo *WhatsApp*.

O penúltimo entrevistado é Batista (2020), morador do bairro, tem 38 anos, geógrafo formado pela UFPA e idealizador do coletivo Tela Firme, se definiu como branco. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

O último entrevistado é Mendes (2020), 29 anos, se definiu como preto. É estudante de direito na UFPA, integrante do coletivo Tela Firme, Militante do Movimento Juntos e Diretor da UNE - União Nacional dos Estudantes. A entrevista com ele foi realizada pelo *WhatsApp*.

Abaixo um quadro no qual é possível visualizar melhor o perfil de cada interlocutor:

QUADRO 2 – Interlocutores (as) da pesquisa

SOBRENOME **IDADE/** **BAIRRO/** **COR/** **INTEGRANTE DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL**
ESCOLARIDADE

<i>SILVA</i>	31 anos Terra Firme Preto Ensino Médio completo	Grupo de jovens da paróquia São Domingos de Gusmão	
<i>AVIZ</i>	24 anos Terra Firme Pardo Ensino Médio completo	ONG	
<i>COSTA</i>	31 anos Terra Firme Preto Ensino Médio completo	Não	
<i>ASSUNÇÃO</i>	27 anos Terra Firme Parda Ensino Médio completo	Não	
<i>SANTOS</i>	43 anos Terra Firme Branco Ensino superior completo	Não	
<i>POLICIAL</i>	31 anos Não declarou Parda Ensino superior completo	Militante do Psol	
<i>MODESTO</i>	32 anos Terra Firme Branca Ensino superior completo	Poetisa do bairro, integrante do Projeto Cine Clube TF	
<i>SOUZA</i>	19 anos Terra Firme Preto Ensino Médio incompleto	Integrante do Projeto Cine Clube TF	
<i>AMARAL</i>	51 anos Terra Firme Preta Ensino Médio completo	Militante. Coordenadora do coletivo de mães vítimas do extermínio de jovens da periferia de Belém	
<i>CRUZ</i>	60 anos Terra Firme Preta Ensino Médio completo	Integrante do coletivo de mães vítimas do extermínio de jovens da periferia de Belém	
<i>SERRÃO</i>	26 anos Terra Firme Preta Ensino Superior (cursando)	Integrante do coletivo Tela Firme e do Êê, Mana	
<i>BATISTA</i>	38 anos Terra Firme Branco Ensino Superior (cursando)	Idealizador do coletivo Tela Firme	
<i>MENDES</i>	29 anos Terra Firme Preta Ensino Superior completo	Integrante do coletivo Tela Firme, Militante do Movimento Juntos e Diretor da UNE - União Nacional dos Estudantes.	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

b) As entrevistas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com um roteiro de perguntas abertas e algumas questões socioeconômicas para conhecer melhor o perfil de cada entrevistado. Nosso objetivo foi a recolha de relatos e percepções dos interlocutores sobre a chacina e a violência no bairro da Terra Firme, em Belém, no sentido buscar compreender a dimensão sensível dessa narrativa no minidocumentário “Poderia ter sido você.

Foram formulados três questionários que se encontram nos apêndices da pesquisa, um primeiro para os interlocutores com perguntas abertas, sendo o primeiro questionário foi direcionado aos moradores do bairro da Terra Firme, o policial e aos membros do Cine Clube TF; o segundo dirigia-se ao coletivo Tela Firme e o terceiro, aos familiares das vítimas. As perguntas formuladas em todos os questionários seguiram um padrão de organização, apenas duas perguntas foram acrescentadas nos questionários direcionados aos familiares e ao coletivo Tela Firme.

c) A análise

A leitura de inspiração etnográfica dos dados encontrados em campo em pesquisas no ambiente urbano, de acordo com Magnani (2002), tem como base o *insight* do pesquisador/analista, que permite reorganizar os dados, que à primeira vista possam parecer fragmentários e dispersos, em um novo arranjo, que não é mais aquele do qual ele partiu ao iniciar a pesquisa, tampouco é o arranjo “nativo”, embora seja por ele suscitado. E sim um arranjo que traz a marca de ambos, “mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto [...] no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o ‘concreto vivido’” (MAGNANI, 2002, p. 17)

Naquilo que é apreendido do “concreto vivido” pelos interlocutores, do ponto de vista do autor, é necessário identificar regularidades, padrões e dissonâncias ou incompatibilidades como condição para a análise de dados de campo. Para ele, torna-se necessário “poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado” (MAGNANI, 2002, p. 20). Uma totalidade consistente, no exercício etnográfico, a seu ver, é aquela que, vivida e reconhecida pelos atores sociais, é percebida e captada pelo pesquisador, que pode descrevê-la a partir de categorias que ele identifica e que funcionam como chave de inteligibilidade da realidade estudada.

Não é uma totalidade dada a priori, mas apreendida da experiência dos atores e orientada pelas hipóteses de trabalho e escolhas teóricas feitas pelo pesquisador. Do mesmo

modo, não é uma totalidade vista como um todo orgânico, funcional e sem conflitos, e sim percebida em múltiplos planos e escalas. Em uma alusão que faz a diferentes pesquisas de cunho etnográfico realizadas em contextos urbanos, em terreiros de candomblé, grupos de jovens, escolas de samba, torcidas organizadas de futebol, entre outras, Magnani ressalta que “há uma totalidade vivamente experimentada tanto como recorte de fronteira, quanto como código de pertencimento pelos integrantes do grupo” (2002, p. 19) e chama atenção que, se não é possível se delimitar uma única ordem, isso não significa que não haja nenhuma. Pelo contrário, há que se identificar ordenamentos e regularidades.

Com base no que propõe Magnani, foi possível identificar nos dados coletados pelas entrevistas um conjunto de regularidades que traduzem tanto essa totalidade “vivamente experimentada” pelos moradores do bairro da Terra Firme, quanto formas de pertencimento em um sistema simbólico e de trocas intersubjetivas partilhadas em sua vida cotidiana. Desse modo, foram identificados eixos temáticos em torno dos quais se desenvolve o percurso interpretativo neste capítulo.

Assim, partindo dos dados coletados nas entrevistas, foi possível inferir três grandes eixos que são desenvolvidos neste capítulo. Em primeiro lugar, abordamos a maneira como a chacina afetou a vida dos moradores do bairro, o pânico que disseminou e a alteração imposta à sua rotina, brutalmente marcada pela experiência da violência e das mortes que dela decorreram. Em segundo lugar, discutimos a maneira como os entrevistados analisam as representações que circulam em torno do bairro e de seus moradores na esfera discursiva midiática. A última parte do capítulo dedica-se a apresentar a experiência do coletivo Terra Firme e seu propósito de, por meio da linguagem audiovisual, construir contranarrativas capazes de mostrar outra imagem do bairro e de seus atores, como foi com o minidocumentário “Poderia ter sido você”, que foi produzido para contar a história da chacina de 2014 sob a perspectiva da autorrepresentação.

Observa-se que nosso objetivo de análise é, sobretudo, a compreensão das falas e percepções dos interlocutores sobre o acontecimento chacina 2014 e a violência no bairro Terra Firme, em Belém, a fim de buscar entender a leitura que fazem da narrativa sensível do minidocumentário: “Poderia ter sido você” e qual a relação que estabelecem entre ela e a trágica realidade por eles vivida com a chacina. De outra maneira, a análise também se articula com as observações feitas no decorrer do processo da pesquisa, considerando meu lugar de fala explicitado desde a introdução, aliadas ao diálogo teórico e desencadeadas sob a perspectiva dos meus interlocutores, os sujeitos da pesquisa.

4.1 Medo de sair, medo de morrer: as marcas de dor, pânico e impotência deixadas pela chacina

Foram momentos de pânico. Esses acontecimentos trouxeram o medo de andar nas ruas; nos privou da nossa liberdade e tranquilidade por certo tempo. (informação verbal).³⁰

Como sabemos, o medo é talvez um dos sentimentos mais profundos do ser humano, pois está relacionado à preservação da vida e, portanto, é natural e necessário. Uma incômoda pergunta se coloca diante do cenário vivido atualmente nas grandes cidades: as habilidades emocionais diminuiram com a disseminação de formas extremas do individualismo?

A incompreensão induzida por sensações contínuas teria ao mesmo tempo descaracterizado “a expressão de sentimentos em relação aos outros e a si mesmos, a capacidade de experimentar sentimentos? O sentimento atualmente está mais confuso com a sensação, o fluxo?” (HAROCHE, 2003, p. 38). “A chacina me afetou psicologicamente. Eu estava trancado na casa da minha madrastra e o medo me corroía, por mais que meus irmãos brincavam e descontraíam, eu pensava nos meus amigos e colegas e não podia sair de casa para nada. Foram dias horríveis”, diz Silva (2020) (informação verbal)³¹.

A forma como a chacina afetou meus interlocutores, reporta ao que Deleuze (2005b) afirma sobre a ressonância do poder sobre aqueles que são por ele afetados, “a força afetada não deixa de ter uma capacidade de resistência” (p. 80). Segundo o autor, cada força tem o poder de afetar e ser afetada e cada força tem sua relação de poder que é dividida por variações que adquirem um novo sentido entre a espontaneidade e a receptividade. Ainda de acordo com ele, “as relações de força constituem o poder, o poder de ser afetado é como uma matéria de força e o poder de afetar é como a função da força” (p. 81).

Só que, para ele, trata-se de uma força normalizadora, isto é, forças que deformam o sentir a partir dos meios que se empregam, como exemplo a violência brutal das chacinas, espetacularizada pelos jornais, que, segundo Deleuze (2005b), são tomadas além das substâncias, uma progressão disciplinadora, pois, objetiva o controle de corpos, um *status quo* em que, no caso da chacina, os jornais recriam “a verdade a seus moldes e segundo seus interesses e necessidades” (BERG, 2002, p. 54), isto é, a disciplina é executada a partir do medo que tem como propósito manter esses corpos sob vigilância.

Pode ser observada, na chacina, como aponta Costa (2020) ao experimentar a sensação de medo daquele dia, retoma a caracterização daquele acontecimento, “[...] corpos no chão,

³⁰Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

³¹ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

mães chorando e sangue no asfalto” (informação verbal)³². Foi um momento de medo e pânico na periferia de Belém, sobretudo nos bairros da Terra Firme e Guamá. O jovem relata que viu “o desespero de pessoas gritando”. E as consequências disso afetaram seu cotidiano, no que concerne o “hábito de sair para rua, de sentar na frente de casa, jogar bola na arena e frequentar certos lugares. Até mesmo para ir à escola ficava com medo. Tinha medo de ir. Tinha medo de sair”. (informação verbal).³³

Pode ser observado na fala de Costa (2020), um contexto disciplinador que simbolicamente se apresenta pela imposição do medo, ameaças e punições daqueles que “descumprirem” a ordem disciplinadora efetuada pela informação vazada nos grupos de *WhatsApp* que falavam para as pessoas de bairros periféricos que não saíssem e ficassem em casa por que teria uma retaliação por causa da morte do policial.

Ao serem indagados sobre a chacina de 2014 no bairro e qual a imagem que vinha à sua cabeça ao lembrar daquele dia, assim como de que maneira eles se sentiram afetados pelo acontecimento, todos os interlocutores, sem exceção, apontaram de forma contundente o medo como a expressão que melhor define o que sentiram naquele dia, e daí em diante, ficaram traumatizados e atormentados pela lembrança do que foi vivido. Uns contam como foi afetado seu cotidiano, outros através de jornais relembra o acontecimento trágico, conforme Aviz (2020) “nos jornais, víamos as imagens dos familiares chorando as suas perdas e aquela preocupação vinha sempre à tona, uma vez que tudo aquilo estava acontecendo ali, bem perto de nós”. (informação verbal)³⁴. Já Assunção (2020) afirma que a chacina trouxe, em síntese, três sentimentos: de medo, dor e impotência. Ela afirma que “foi um cotidiano que foi mudado pela onda de medo. As pessoas tinham medo de sair na rua, não por estarem envolvidas com o fato, mas por causa da preocupação de serem pessoas do nosso bairro ou de serem os nossos amigos”. (informação verbal)³⁵.

O medo tomou conta da população da cidade naquele dia, principalmente nas comunidades mais vulneráveis, as periferias. Podemos entender o infortúnio do crime, essa faceta como esclarece Corrêa et al., (2019) sob os efeitos do medo e da criminalidade nas periferias da cidade. Os autores assinalam que a divisão das cidades implica também a concentração dos riscos em áreas mais vulneráveis, sendo as vítimas preferenciais de violência

³² Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

³³ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

³⁴ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

³⁵ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

e do medo as pessoas que convivem com as escassas possibilidades e condições materiais nos bairros pobres e que são socialmente estigmatizadas. (CORRÊA, et al, 2019).

Silva (2020) temia era morrer inocentemente. Segundo ele, havia jovens que morreram e não tinham nada a ver com tráfico, morte de policiais ou roubos. Ele afirma que, depois da chacina, foi muito difícil aceitar essas mortes, uma vez que as vítimas eram jovens que trabalhavam, que tinham suas profissões e estudavam em sua maioria.

O policial (2020), que continua em atividade, resume o contexto em que se deu a chacina “Nós estávamos numa situação em que dezenas de assassinatos estavam sem resposta, incluindo os de vários policiais, sendo que eu mesmo fui vítima de uma tentativa de homicídio no final daquele ano e até hoje sofro com as sequelas”, diz ele. (informação verbal)³⁶. Mas, é importante observar, na fala do policial, que seu ponto de vista é radicalmente distinto do das mães, que tiveram seus filhos mortos por milicianos, das pessoas que vivem nas periferias, da(o)s jovens, negr(a)os que estão frequentemente sendo abordad(a)s violentamente pelos policiais.

Amaral (2020), mãe de uma das vítimas, carrega no corpo as marcas do trauma vivido. Diz, ao lembrar daquele dia - “Meu corpo treme todo. Hoje, eu penso que vai tremer para sempre.” (informação verbal)³⁷. A vida dela e de sua família foi atravessada de maneira irreversível pelo trágico acontecimento.

Eu não tinha noção de nada. Vivia para os meus filhos, para minha casa, para meu marido e para meu trabalho. Sabia exatamente o que meus filhos faziam e não faziam. Por isso, quando se fala dos dias 4 e 5 de novembro de 2014, volta uma sequência de coisas na minha cabeça que eu nunca imaginava que aconteceria, entende? Eu pensava que a polícia e o Estado existiam para proteger e não para matar. (informação verbal).³⁸

O depoimento de Amaral evidencia, de maneira contundente, como o Estado determina um critério racial para definir um corpo matável, conforme podemos ver em Butler (2015), quando se refere às vidas precárias e aos enquadramentos do poder por parte do aparato estatal. Segundo ela, esses enquadramentos conduzem “a uma potencialização da violência”, uma percepção da vulnerabilidade daquele grupo de vidas precárias que incitaria a vontade de destruí-las”. (BUTLER, 2015, p. 55).

Também podemos observar esses enquadramentos em Mbembe (2018) e Fanon (2008), quando discutem o processo de colonização. Eles argumentam que a sociedade era dominada por hierarquias, e que todas as formas de violência e segregação que a população negra havia

³⁶ Depoimento concedido pelo Policial. Belém, 29 de março. 2020.

³⁷ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

³⁸ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

experimentado antes serviram para legitimar o sistema capitalista atual. Fanon (2008) mostra a negação do racismo por muitos negros, que preferem às vezes a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco (p. 15). Muitos brancos também preferem ver a si mesmos como não racistas. O autor aponta que “a liberdade requer um mundo de outros” (p. 16), mas o racismo acaba por ser a negação da alteridade, da relação Eu e o Outro, base ética da vida social. Aos negros é negado participar dessa relação de alteridade, o que faz com que quase tudo seja permitido contra essas pessoas, desumanizadas, tratadas não como o outro a quem devo respeito (FANON, 2008).

Em seu outro trabalho, *Os Condenados da Terra*, Fanon (1968), esclarece os conflitos associados ao colonialismo e lutas anticoloniais, alegando que a violência é uma parte fundamental da sociedade colonial e existe em todas as suas expressões materiais e simbólicas. Fanon (1968), dessa maneira, escreve principalmente para os filhos da colonização e revela os mecanismos que criam a alienação do sujeito no sistema capitalista. No prefácio do livro, escrito por Jean-Paul Sartre, o filósofo francês denuncia esses mecanismos de violência como parte inseparável da relação de dominação colonial, quando diz que “a violência colonial não se propõe apenas manter, em atitude respeitosa, os homens submetidos, trata também de os desumanizar” (FANON, 1968, p. 9).

Em sua aguda crítica à relação estabelecida entre os europeus e os povos subjugados pelo poder colonial, Sartre afirma que “o europeu não pôde fazer-se homem senão fabricando escravos e monstros [...] os nossos mais queridos valores perdem as suas asas; se os contemplarmos ao redor, não encontraremos um só que não esteja manchado de sangue” (idem, p. 15). As palavras de Sartre e as formulações de Fanon no livro nos fazem refletir sobre como são remotas as origens dessas formas de violência até hoje reproduzidas à exaustão.

A desumanização de corpos negros no acontecimento disruptivo da chacina deixa clara, mais uma vez, essa relação entre soberania do estado para matar e ser violento com jovens negros e pardos de periferias. Esclarece Mbembe (2018, p. 5) que “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder”. Dessa forma, o fenômeno da colonização é utilizado para destacar a projeção do poder sobre a vida. E quando o autor se refere ao processo de violência que os negros vivenciaram durante esse período histórico, mostra a extensão dessas desigualdades na formação de estados-nação. A política implementada por um Estado que, de acordo com Mbembe (2018, p. 33), “se comprometeria a civilizar os modos de matar e atribuir objetivos racionais ao ato de matar”. Ilustramos os enquadramentos da necropolítica imposta pelo próprio Estado, com outro trecho do relato de Amaral (2020):

Os outros foram executados porque todos sofreram agressões e levaram vários tiros. Eles não conseguiram chegar perto do meu filho e meu filho foi alvejado pelas costas. Por isso, a promotoria me disse: “seu filho foi executado numa via pública por agentes do Estado disfarçados ou milicianos”. Por quê? E até agora, o caso do Márcio não tem esclarecimento. (informação verbal).³⁹

Como se pode ver no depoimento, fica evidente o conceito de necropolítica que Mbembe (2018), formula sobre o direito soberano de matar e os mecanismos do biopoder que estão inscritos no funcionamento de todos os Estados modernos. Eles podem ser considerados como elementos constitutivos do poder estatal nos tempos modernos. Para Ferreira Junior (2019), trata-se de como a política e o exercício do poder hoje estão relacionados principalmente com o direito de matar e decidir quem deve ser morto e ferido e, em contraponto, quem pode viver. Para ele, a necropolítica é uma forma de exercício contemporâneo da soberania que visa destruir corpos negros e expropriá-los em um nível extremo, com indivíduos não simplesmente excluídos da vida política, pois sua morte e exposição ao abandono permitem a manutenção da soberania do Estado.

Somam-se a isto os jornais, que estimulam a vontade de consumo ao criminalizar as pessoas, estimulam isso no inconsciente da sociedade. Melhor dizendo, a mídia e o Estado incitam a violência como uma consequência da escolha individual. Diz Mendes (2020), a propósito, que “o Estado precisa criminalizar as pessoas e individualizar os problemas” (informação verbal)⁴⁰. A mídia mostra esse problema tratando-o como responsabilidade individual de cada pessoa, isso ilustra a violência não só nas diferenças de renda, mas também das diferenças sociais.

Mbembe (2018) argumenta que “o Estado nazista foi o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. Esse Estado tornou a gestão, a proteção e o cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar”. (MBEMBE, 2018, p. 19). Ferreira Junior (2019) vai assinalar que as mortes pelo Estado sinalizam um campo problemático, uma vez que a definição do valor da vida e morte das vítimas com base em um condicionamento biopolítico e necropolítico, tão importante para os acontecimentos reais da chacina, diz respeito à elaboração pública vista pela mídia.

As mães contam que a chacina trouxe inúmeras dores para elas. Cruz (2020) afirma foi “malvadeza e crueldade” (informação verbal)⁴¹, o que fizeram com o seu filho. Ela esclarece que durante suas lutas por justiça viu muitas coisas e teve que usar vários recursos para cobrar

³⁹ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁴⁰ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

⁴¹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

do Estado justiça diante da chacina. Já outra mãe, relata que a chacina se resume em um “conjunto de desumanidade, desigualdade de poder e principalmente, de omissão do Estado” (informação verbal)⁴², diz Amaral (2020) sobre a morte brutal de seu filho por agentes de segurança pública do Estado. A violência imposta pelo Estado e encenada pela mídia foi tão avassaladora para as mães que, em certo momento, ela chegou a questionar a conduta do próprio filho, são os reflexos impostos pelo racismo de Estado:

Até cheguei a pensar que meu filho tivesse fazendo algo de errado, mas mesmo se ele tivesse fazendo algo de errado, o certo não seria chegar e matar e sim corrigir. Eu fiquei totalmente sem chão nessas setenta e duas horas”. (informação verbal).⁴³

Na fala de Cruz (2020), outra mãe, também é possível dimensionar a extensão das marcas deixadas pela chacina na vida das famílias.

Foi algo que abalou muito a minha vida espiritual. Eu fiquei em desespero. Se não fosse as pessoas me ajudando eu não sei o que seria de mim. Muitas famílias já morreram. Uma senhora que era avó morreu de depressão. Muitas pessoas desse acontecimento morreram. Não aceitaram aquilo. (informação verbal).⁴⁴

A violência, conforme Ferreira Junior (2019), constitui um continuum que, em sua própria manifestação, desfoca esse estado de coisas para impor a sua onipresença, a naturalidade de certas mortes, “é relegado o lugar de aquiescência a essa condição de matável e aniquilável – na realização última dessa forma de existir socialmente.” (p. 60). De acordo com Fanon (1968), o racismo vem à tona justamente por fazer parte de uma frase bem reveladora: a exploração descarada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior. E para que, na maioria dos casos, a opressão militar e econômica possibilite e legitime o racismo. A violência, como se pode ver, é o ódio racial projetado pelo Estado sobre a classes subalternizadas, como pessoas negras, pardas e periféricas, tanto no sentido de viverem nas bordas das cidades, como no sentido simbólico.

Arendt (2010) afirma que o ódio não é de forma alguma uma resposta automática à miséria e sofrimento como tal. Segundo ela, ninguém responde com um sentimento de ódio a uma doença incurável ou a um terremoto ou condições sociais que parecem imutáveis.

Dizer que a violência origina-se do ódio é usar um lugar-comum, e o ódio pode certamente ser irracional e patológico, da mesma maneira que o podem ser todas as demais paixões humanas. É possível, indubitavelmente, criar condições que desumanizam o homem – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome – porém, isto não significa que se tornem semelhantes aos animais; e nestas condições,

⁴² Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁴³ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁴⁴ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

não é o ódio ou a violência, mas a sua ausência conspícua, que constitui o mais claro sinal de desumanização. (ARENDDT, 2010, p. 39).

As consequências da violência tiveram proporções de desumanização e dor inimagináveis para Cruz (2020):

Depois que ele morreu, ele (o pai) disse que essa casa foi feita com o dinheiro que eu ganhava da justiça e não era verdade. Eu chamei a doutora Celina e falei isso. Eu estou recebendo 98 reais da baixa renda. Às vezes me dão cesta básica, na igreja. Passamos fome quando não dão. O meu esposo não tem emprego e trabalha fazendo bicos. Eu sou guerreira. (informação verbal).⁴⁵

Portanto, é possível dimensionar a extensão das marcas deixadas pela chacina na vida da família de Cruz (2020), ela conta sobre a perda de mais um jovem, seu sobrinho, que também morreu com um tiro em seus dezenove anos de vida e chegou a fazer treze cirurgias decorrentes das infecções que sofreu. Observa-se outra vida interrompida de um jovem que passou a viver em uma cama e depois morreu.

Amaral (2020) diz que “a chacina é muito presente em todos os dias da minha vida. Me afetou totalmente e a vida da minha família”.

Segundo Sarti (2001), embora a dor seja única para aqueles que a sentem, como qualquer experiência humana, traz a oportunidade de ser compartilhada em seu significado, que é uma realidade coletiva. “A dor, como o amor, remete a uma experiência radicalmente subjetiva. Aquele que sente a dor, dela diz, eu é que sei. Frente à dor do outro, há comoção, sofrimento (ou, mesmo, gozo), com maior ou menor distância e intensidade”. (SARTI, 2001, p. 4). A dor da mãe é uma dor radicalmente subjetiva, que sai das entranhas. É uma marca que essa mãe irá levar para sempre. Mas é também uma dor vivida de maneira intersubjetiva, compartilhada com outras mães que foram violentadas para sempre com a morte brutal de seus filhos.

No caso dos negros, expostos por toda vida à discriminação e ao preconceito, essa dor vivida subjetiva e intersubjetivamente pode ser traduzida, como propõe Fanon (2008, p. 17), pela melancolia da existência negra, que “situa o negro como sofrendo uma perda antes mesmo que ele comece a lutar pela existência”, melancolia segundo a qual o negro sofre a perda do eu, e não pode ser quem é.

Quando não digerido e elaborado, o luto resulta na melancolia, já que o sujeito não é capaz de absorver ou lidar com ele. Percebe-se que os relatos das mães são atravessados pela melancolia, pelo insuportável de saber que seus filhos foram chacinados em uma ação violenta e injustificada. Explica Sarti (2001, p. 6) “não apenas o sentimento, mas também a expressão

⁴⁵ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

da dor, regem-se por códigos culturais, constituídos pela coletividade, que sanciona as formas de manifestação dos sentimentos”. Nesse sentido, conforme a autora, “considerar a dor como um fenômeno sociocultural supõe considerar o corpo como uma realidade que não existe fora do social, nem lhe antecede” (idem, p. 2).

Os efeitos desastrosos da chacina alcançaram outros membros da família. Interessante destacar que a entrevistada Amaral (2020) disse que mataram não apenas de forma direta o seu filho, mas ela ressalta que os seus demais familiares morreram também, de forma indireta, aos poucos, decorrente da dor que ficou por essa perda.

“A singularidade da dor como experiência subjetiva torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade. Toda experiência individual inscreve-se num campo de significações coletivamente elaborado” (SARTI, 2001, p. 5). Esse campo coletivo de significações vem claramente à tona pelo que revelam meus dados de campo. Após a experiência brutal da chacina, embora cada um viva à sua maneira seu luto, torna-se evidente sua dimensão coletiva, seja pela sensação de desamparo e impotência ante o aparato da violência do Estado e das milícias, seja pela partilha de um luto que não é sequer reconhecido socialmente, seja pela própria desvalorização da vida das vítimas e desprezo pela dor de seus familiares e amigos.

Ao mesmo tempo em que Amaral (2020) relata as marcas de sofrimento deixadas pela chacina, recordou da dor de outra mãe que havia sofrido muito com a morte de seu filho, outra vítima da chacina. A mãe do Alex. Amaral diz que essa mãe, não aguentou a dor e o sofrimento de ver seu filho morrer, acabou tendo depressão e morreu alguns meses após a chacina.

Do mesmo modo, a pós a chacina, a tia-avó do Márcio um ano e meio depois teve depressão porque o jovem assassinado tinha sido criado com ela. Ela não aguentou a dor, conta Amaral (2020) a “Tia Neuza morreu um ano e meio depois e o tio dele também. Todos os dias todos eles morrem um pouquinho porque ele era a vida dele. O tio dele não teve tempo de criar os filhos dele e de conviver com os próprios filhos”. (informação verbal)⁴⁶.

Descreve Amaral (2020) em seu depoimento sobre a sobrevivência do tio do Márcio após a sua morte:

Ele convivia pouco com os filhos. Por isso, quando ele se aposentou, criou o Márcio, e o Márcio era a estrutura dele. Quando perdeu ele e, em seguida, a tia Neuza, perdeu a vontade de viver. Ele está em uma cama e só Deus sabe quando vai levantar. Ele pede todo dia para ir embora porque não aguenta, apesar de ter sete filhos biológicos, mas a perda do Márcio para ele é irreparável. (informação verbal).⁴⁷

⁴⁶ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁴⁷ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

É importante que se entenda essa dimensão do sofrimento, pois é a partir dessa visão que se torna possível ver as marcas da violência presentes, também, no depoimento de outra mãe Cruz (2020), ao ser perguntada sobre como a chacina lhe afetou ela responde: “Eu fiquei em desespero. Muitas pessoas ficaram trancadas em casa com medo. Depois eles foram para o Guamá e foram matando mais pessoas. Foi um desespero”. (informação verbal)⁴⁸. Segundo ela, muitas famílias morreram. Uma senhora que era avó morreu de depressão. Para Cruz muitas pessoas desse acontecimento morreram, por não aceitaram a morte prematura dos jovens.

De acordo com Sarti (2001, p. 5) “a forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social”. Segundo essa mesma autora as experiências que os indivíduos têm, seu modo de ser, sentimento ou atuação, estão constitutivamente relacionadas à sociedade à qual pertencem.

Embora subjetivamente traduzido e compreendido, o significado de todas as experiências humanas é sempre elaborado de forma histórica e cultural, passado através da socialização, iniciado ao nascer e renovado no curso da vida. Cruz (2020) nos recebeu em sua, meados do mês de abril (início da pandemia na cidade de Belém), uma senhora simples e humilde carrega em seu rosto um sorriso e a marca da dor e sofrimento da perda do filho Eduardo, ela disse que muitas famílias morreram por conta da chacina.

E esse significado que traz Cruz (2020) quando conta que seu filho, era um menino que convivia muito com ela e sempre foi um grande amigo. Ela o criou desde bebê. E sempre se dedicou aos estudos “Quando eu ia para a escola à noite, ele sempre me acompanhava. Os professores gostavam muito dele, inclusive, aquela professora que ganhou em primeiro lugar e foi minha professora gostava muito do Eduardo porque ele ia para lá e frequentava, mesmo não estudando lá. Ele era um jovem muito querido”. (informação verbal)⁴⁹.

“Eu vou morrer porque eu não vou deixar fazerem isso com ele”, mas eu não vi que já haviam matado ele. Ela correu porque eles (os bandidos) mandaram. Eles disseram: “Não mexe comigo, vai embora”. O Eduardo disse: “Não atira em mim, eu não sou bandido”. Uma pessoa viu e disse: “Não façam isso com ele porque eu conheço esse menino, deixa ele”. Ele (o bandido) apontou pra essa pessoa e disse pra ela não abrir a boca senão ele atirava. Nessa hora eu não quis me aproximar. Eu corri e lembrei do meu irmão e fui na vila onde ele morava. Ele perguntou: “O que tu está fazendo aqui? Por que está chorando? Eu disse: “Mataram o Eduardo, meu irmão”. Quando eu voltei, eu andava me segurando no muro de uma casa. Cheguei lá e tirei a bolsa dele, o cordão que ele estava usando do pai dele, o relógio e fui embora pra casa. O meu esposo foi ao ProPaz mas não tinha ninguém. Depois chegou o carro da polícia, da Rotam e da imprensa. O meu esposo estava desesperado e na hora que ele veio do ProPaz apareceu

⁴⁸ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

⁴⁹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

uma senhora bem idosa e morena e disse pra ele: “Meu senhor, não se aproxime mais dele porque não adianta mais. Meu esposo disse “Não, me deixa. Eu quero ver meu neto”. (informação verbal).⁵⁰

O fragmento acima trata-se do dia da tragédia e do que Cruz (2020) vivenciou, isto é, o momento terrível que passou quando se deparou com o corpo do seu filho estendido no chão. São evidentes os efeitos do preconceito racial por parte das milícias e do aparelho policial, que fazem com que o negro esteja em permanente estado de suspeição, como se pode ver na fala acima de Cruz (2020) narrando o acontecimento. A perda da vida desses jovens está sujeita ao luto eterno dessas mães, o que significa que esta será uma vida preservada primordialmente nas memórias revisitadas dessas mães.

Como podemos ver em Butler (2015) a condição de estar de luto remete à presença de uma vida, mas não é a vida em si. É algo que transparece na fala das mães, sobre o luto que diz ser o lugar em que há uma vida que nunca terá sido vivida e que por meio dessa lembrança está sendo preservada. O luto de uma vida interrompida, que leva à depressão e à morte, da ordem do insuportável. No entanto, socialmente, não há reconhecimento desse luto, pois são vidas que não importam, descartáveis, não passíveis de luto, como assinala a Butler (2015).

Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida. Em seu lugar, "há uma vida que nunca terá sido vivida", que não é preservada por nenhuma consideração, por nenhum testemunho, e que não será enlutada quando perdida. A apreensão da condição de ser enlutada precede e torna possível a apreensão da vida precária. A condição de ser enlutado precede e torna possível a apreensão do ser vivo como algo que vive, exposto a não vida desde o início. (BUTLER, 2015, p. 33).

A condição da vida que deve ser vivida e a de outras que podem ser tiradas para que aqueles vivam, como assinalam Butler (2015) e Mbembe (2018), é um discurso que se apoia em certo tipo de esforço de guerra, ou violência imposta pelo Estado. A partir disso, faz-se a distinção entre vidas valiosas, que podem ser enlutadas e, por outro lado, as vidas sem valor que não são passíveis da angústia pela perda de um ente amado. Pensando com Mbembe (2018), há uma escolha dos que devem morrer para que outros possam viver. Isto é, como destaca Butler (2015, p. 32) “não pode haver celebração sem uma compreensão implícita de que a vida é passível de luto, de que seria enlutada se fosse perdida, e de que esse futuro anterior está estabelecido como a condição de sua vida”. Essa configuração, conforme a autora, no entanto, serve a vida que já foi vivida supondo que essa vida já foi interrompida e se impõem quando se considera o que é uma vida digna de ser vivida.

⁵⁰ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

Pode ver na fala de Cruz (2020) narrando o acontecimento “Ela pegou no braço dele e quando ele caminhou, um cara veio, colocou a arma na costa dele e disse: “Se você der um passo para ir lá você vai morrer. Foi um terror. Os caras (os bandidos) ainda estavam na rua. Estavam ameaçando e mandando fechar as portas”. (informação verbal)⁵¹.

No depoimento de Serrão (2020), outra interlocutora, destaca-se o medo e pânico no dia da chacina, ela lembra era um dia de ensaio teatral em sua casa. Na época, seu pai tinha um projeto social que promovia aula gratuita para crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Ela explica: “começou a chegar muitas mensagens no meu celular e avisei ao meu pai que havia ocorrido a morte de um policial e que estavam avisando sobre o toque de recolher. Meu pai liberou os alunos um pouco mais cedo” (informação verbal)⁵². Ela afirma que logo após a dispensa dos alunos começaram os primeiros tiros e recorda que homens em motos, encapuzados, passaram na rua onde a jovem reside. “Havia umas três motos. Ouvimos alguns outros tiros e chegaram muitas mensagens no meu celular. Fiquei muito nervosa e preocupada. A comunidade ficou bem diferente durante uma semana.” (informação verbal)⁵³.

Pode-se observar Santos (2020) narrando as cenas de terror que ele e seu filho presenciaram no dia da chacina:

A primeira imagem que vem na minha cabeça é de quando eu estava andando em uma rua aqui do bairro da Terra Firme, a São Pedro, com meu filho. Naquela ocasião, ele iria fazer nove anos. Então, vimos uma ação de duas pessoas cercando um jovem e ele tentou se esconder atrás do carro. Eles atiraram e meu filho e eu estávamos bem próximos deles. Meu filho me perguntou se eram bandidos e eu respondi que eram. Depois falei: “vamos nos proteger que são bandidos sim”. Nunca esqueci isso, pois foi muito marcante para mim. Depois eu soube dos episódios da chacina e aquele momento me marcou profundamente. (informação verbal)⁵⁴.

Podemos ver também as cenas de terror no depoimento de Modesto (2020), ela recorda “o desespero das pessoas nas ruas, a alteração da rotina do bairro”. Segundo ela, as escolas liberaram os seus alunos mais cedo no turno da noite, ela viu “a praça vazia, os estabelecimentos fechados e os poucos que ficavam abertos, restringiam seus atendimentos pelas grades” (informação verbal)⁵⁵. As cenas de terror descritas acima lembram o que diz Ferreira Junior (2019) sobre como as milícias agiram, com brutalidade e intimidação na chacina de 2014. Ele destaca que a dinâmica das milícias parte da ideia do “bandido” como inimigo, “bandido bom é

⁵¹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

⁵² Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

⁵³ Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

⁵⁴ Depoimento concedido por Santos, S. Belém, 28 de março. 2020

⁵⁵ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

bandido morto”, “as milícias são compostas por policiais militares, que são parte do aparato da segurança pública” (FERREIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Para Ferreira Junior (2019), as milícias são os esquadrões da morte, que realizam assassinatos nos arredores das cidades, sobretudo as periferias. As práticas das milícias ainda segundo o autor, decorrem de um processo de criminalização de populações periféricas propensas à morte e que cercam esses espaços e ocorrem na interface com um estado de emergência, em que a vida dessas pessoas é vista irrelevante e percebida publicamente como uma questão problemática, a partir do momento em que se tornam numerosas, mesmo que este seja parcialmente o caso. (FERREIRA JUNIOR, 2019).

Cruz (2020) descreve um pouco sobre a ação das milícias daquele dia:

Tem uma moça aqui que tem um filho especial e nessa hora colocaram a arma em cima dela e o filho dela caiu. Essa criança poderia ter morrido porque ela estava em uma cadeira de rodas. Foi uma coisa horrível. O Eduardo foi o primeiro que eles mataram. Depois eles foram pro Guamá e foram matando mais pessoas. Foi um desespero. Nesse dia em que ele (o Eduardo) estava no ensaio, ele falou pra mim: “Olha vó, eu gosto muito desse hino, 39.” Eu não esqueço isso. Eu falo pra todos que vêm aqui fazer pesquisa comigo que eu não esqueço porque foi um terror. Espero que vocês nunca passem pelo o que eu passei. Aquelas pessoas não têm coração; não têm amor. Foram cinco tiros e foi um desespero. Até hoje eu não posso ouvir barulho de moto. (informação verbal).⁵⁶

Tal rotina de mortes violentas nos leva à compreensão de como durante o episódio as milícias queriam dizer o quanto são donas do poder e se sentem autorizadas a matar qualquer pessoa, isto é, de como a violência é uma ação que conta com a conivência do governo. Soares (2004) observa que as instituições públicas estão envolvidas na criminalização, pois os discursos dizem que os jovens pobres e negros são vulneráveis. Nesse sentido, o autor enfatiza que as instituições públicas os condenam à morte simbólica e moral excluindo seu futuro, sem antes terem a chance de poder concebê-lo (SOARES, 2004).

Quando a polícia chama as pessoas de “vagabundos”, esse estigma fere a sua identidade, que se dissolve e é substituída por uma identidade estereotipada. Como afirma Batista (2020) em sua fala sobre a imagem dos moradores da Terra Firme “Me vem à cabeça a cena de um bairro sitiado por forças ilegais, com alto poder de letalidade. O medo, a insegurança e a preocupação com os vulneráveis, jovens pretos e favelados, que os agentes de segurança consideram como “vagabundos” (informal verbal)⁵⁷. O preconceito moral, o racismo, como destacado por Soares (2004), se refletem na atuação das milícias em áreas periféricas, e as

⁵⁶ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

⁵⁷ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

consequências esmagadoras dessa violência recaem de maneira seletiva, embora não exclusiva, sobre jovens negros e pardos.

A imagem estereotipada do jovem negro periférico norteia de maneira flagrante a prática dos milicianos que, por meio desses estereótipos, destroem a identidade dos sujeitos e suas qualidades, dentro das estruturas dinâmicas do sistema, que reforçam os papéis do Estado e da mídia que se pautam pela natureza ideológica da estigmatização.

Fanon (1968) explica que a estratégia do colonizador é destruir as referências dos colonizados. A paisagem social dos sujeitos é desestruturada, valores ridicularizados, deprimidos, esvaziados (FANON, 1968). Isso faz com que as práticas de grupos de extermínio incidam mais nas periferias, onde já há uma desumanização do outro. O estigma, como aponta Goffman (2008), forja a identidade deteriorada. O autor afirma que a palavra “estigma” representa algo ruim, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, ou seja, uma identidade degradada pela ação social. Para Goffman (2008, p. 11), “a sociedade define os meios de caracterizar as pessoas e complementar atributos que são percebidos como correntes e tons naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

Para as pessoas estigmatizadas, a sociedade reduz oportunidades, esforços e movimentos, não as aprecia, o que leva à perda da identidade social e à definição de uma imagem deteriorada de acordo com um modelo adotado pela sociedade. Aponta Goffman (2008) que os esforços sociais para manter uma imagem deteriorada são esforços constantes, de modo a assegurar a eficácia do simbólico e esconder coisas importantes, mantendo o sistema de controle social. Isso pode ser visto no relato de Mendes (2020) quando afirma que “tudo que era mais ou menos oculto antes, ficou mais evidente, como a discussão sobre a existência de grupos de extermínios nos bairros periféricos; a discussão sobre os assassinados, e o nome “chacina” se popularizou mais” (informação verbal)⁵⁸.

É evidente na exposição de Mendes (2020) a enunciação do estigma no bairro da Terra Firme, por meio da repercussão que a chacina trouxe. Sua fala mostra que aquele dia foi um marco, que expôs claramente o que até então existia nas sombras, estava escamoteado, que é a ação dos grupos de extermínio. Importante destacarmos que a chacina marcou mesmo o Estado do Pará, tendo uma repercussão nacional. Assinalou Mendes (2020) “como o próprio filme, “Poderia ter sido você” ressalta, não foi uma novidade, mas isso repercutiu nacionalmente e teve um impacto muito grande. Me afetou porque faço parte de movimentos sociais de juventude” (informação verbal)⁵⁹.

⁵⁸ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

⁵⁹ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

4.2 Closes mórbidos: a recusa da construção midiática da chacina

A partir do pensamento de Fanon (1968) observa-se as sociedades modernas, os povos oprimidos, que são violentados a submeter ao pensamento de rigor disciplinar e hierárquico do colonizador para com o colonizado. A imposição de costumes coloniais, são violentamente impostos como formação moral para que o colonizado faça de forma planejada pelo poder instituído do colonizador a sociedade.

A força da ordem disciplinadora do que seja o estético, de como o comportamento e suas formas de se portar em sociedade e do que seja a moral do agir. Segundo o autor, constituem-se uma das forças intermediadoras da colonização em que o poder não se mostra de forma física como nas aldeias colonizadas, em que as coronhadas de revólveres eram uma ameaça para os colonizadores e ainda hoje perpetuam como prática opressora.

Pressupomos a partir do pensamento de Fanon (1968), que os intermediários do poder sejam a própria mídia e Estado que utiliza “a linguagem da pura violência. Exibe-as, manifestadas com a boa consciência das forças da ordem. Leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado” (FANON, 1968, p. 28). As manifestações da violência efetuada por eles, “não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação” (idem). Como força normalizadora, impõem a inferioridade moral através da violência exercida pelo Estado as comunidades periféricas.

A penetração da violência no inconsciente dos povos oprimidos se dá por meio de rupturas e práticas brutais, desse modo, só é possível entender a descolonização por meio da forma e conteúdo entre o colonizador e o colonizado permeado pela violência. Essa dimensão de violência contra jovens negros e pobres traduz a irrelevância de suas mortes mostrada pelas narrativas midiáticas. “É evidente que os estratos sociais aos quais a vítima pertence predominam pela excitação social que sua morte causou”. (OAB-PA, 2017, p. 7-8). Dessa maneira, é notória a maneira como a chacina é retratada nos discursos midiáticos tende a criminalizar os jovens que foram mortos.

Nessa perspectiva, as narrativas midiáticas aparecem como um lugar de repetição do *status* em que estão inscritas e da forma como a presença de suas mortes integra a economia de uma visibilidade que também faz com que essas vítimas sejam minimizadas, tanto quanto o Estado postula (FERREIRA JUNIOR, 2019).

Por isso, durante o percurso das entrevistas com meus interlocutores e após lembrarem o dia da chacina ao folhearem as páginas dos jornais, disseram não se reconhecerem nas

imagens da cobertura da chacina na Terra Firme, pois os jornais colocaram em primeiro plano a criminalidade no bairro, negligenciando a vida e o perfil de seus moradores. Eles mostravam a Terra Firme como um bairro só de jovens criminosos. Deixam de explicar como os moradores do bairro são desfavorecidos e não aceitam o baixo *status* social de criminosos atribuído pela mídia. Recorremos às lutas por reconhecimento em Honneth (2003) que se refere à autorrealização dos sujeitos nas suas condições sociais, aos seus significados culturais e às suas práticas intersubjetivas nas quais se reconhecem. De outro modo, é importante ressaltar que o projeto de reconhecimento de Honneth (2003) nos permite entender como a gramática moral dos conflitos sociais ocorre por sujeitos que foram desmoralizados e como o poder está incorporado nessas práticas, a partir de experiências negativas de exclusão, opressão e degradação cultural.

Desse modo, o estigma projetado no discurso midiático sobre os moradores da Terra Firme constitui um aspecto central nessa parte da análise, bem como a recusa, por parte deles, da imagem que foi projetada na cobertura que a mídia fez da chacina de modo geral, em especial em torno dos jovens que foram mortos.

A imprensa, como de costume, noticiava a chacina valorizando as cenas impactantes de violência deixadas pelos assassinos, buscando a melhor cena e ângulo para estampar as capas dos jornais no dia seguinte, com as suas caixas altas e *close*s mórbidos. De alguma forma, a imprensa transmitia a ideia **de que a Terra Firme era** o pior lugar do mundo para se viver; que era um lugar sem valor algum e que serve somente de abrigo para a marginalidade e a violência, ignorando o valor do cidadão de bem morador deste bairro, que não tem os seus feitos ou ações evidenciadas e retratadas pela mídia, porque para ela só importa a cena violenta. (informação verbal).⁶⁰

Segundo a repercussão que os jornais trouxeram sobre a chacina, “a Terra Firme é o pior lugar do mundo para se viver, um lugar sem valor algum”, diz Aviz (2020). O normal e o estigmatizado, esclarece Goffman (2008), não são pessoas e sim perspectivas sociais, que são geradas em situações sociais. O estigma que o “TerraFirmense” carrega, pode ser distinguido entre a identidade pessoal e a identidade social - esta última diz respeito a definições de outras pessoas em relação ao indivíduo.

A identidade que é atribuída ao bairro e moradores da Terra Firme apresenta-se deteriorada e estigmatizada socialmente, em especial nas representações midiáticas. Modesto (2020) em seu relato, afirma que particularmente não se reconhece ali naquelas imagens. Segundo ele, “a mídia é responsável por modelar o imaginário das pessoas, criando estereótipos,

⁶⁰ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

rotulando o bairro como um bairro violento. Nós temos nossas dificuldades, mas também somos um bairro que respira arte”. (informação verbal)⁶¹.

As narrativas dos meios de comunicação priorizam a detecção oportuna de fatos criminosos ou violentos, afastando-se de qualquer debate sobre o tema e ignorando completamente outras formas de violência, como violações de direitos humanos, violência causada por conflito ou mesmo violência de gênero (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2015). “A própria ação da mídia, por meio da exposição de cadáveres, a desumanização de mortos e de pessoas envolvidas em crimes, acaba engendrando e reiterando violências simbólicas em relação, principalmente, às populações periféricas” (p.112).

Butler (2015) afirma que esses enquadramentos estruturam modos de reconhecimento da precariedade. Segundo a autora “a condição compartilhada de precariedade conduz não ao reconhecimento recíproco, mas sim a uma exploração específica de populações-alvo, de vidas que não são exatamente vidas, que são consideradas “destrutíveis” e “não passíveis de luto”. (BUTLER, 2015, p. 53).

Sobre a maneira como foi exposta a chacina na Terra Firme, Serrão (2020), integrante do Tela Firme, tem duas leituras em relação ao tratamento dado pela mídia:

Acho que as pessoas estão acostumadas a assistirem esses jornais, mas sei que muitos moradores também sabem que a comunidade não é só aquilo. Acredito que algumas nem sabem que somos criminalizados constantemente nas notícias divulgadas, sejam elas na época da chacina ou depois”. (informação verbal).⁶²

De um lado, os moradores sabem que o bairro não pode ser reduzido à maneira estereotipada com que é mostrado nos jornais. Outros, porém, segundo essa visão, não chegam sequer a perceber a criminalização que é feita. Acredito ser o primeiro grupo de moradores bem mais expressivo numericamente falando uma vez que o estigma, nos termos de Goffman (2008), de forma muito forte sobre o pobre, preto e de periferia. Há um conjunto de sinais sociais que historicamente foram construídos para a subjugação de indivíduos que são considerados fora do padrão social. Nas palavras do autor, o estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p. 7).

Butler (2015) enfatiza também o poder da mídia de rotular o pobre, negro e periférico, estigmatizando-os. Conforme a autora, essas populações são “perdíveis”, ou podem ser sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas; são consideradas como ameaças à vida humana como as conhecemos, e não como

⁶¹ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

⁶² Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

populações vivas que necessitam de proteção contra a violência ilegítima do Estado, a fome e as pandemias.

Ao chamar atenção para as discrepâncias entre as identidades social real e virtual, Goffman assinala que o indivíduo estigmatizado pode apresentar a outras pessoas um eu precário, sujeito ao insulto e ao descrédito.

Sob o ponto de vista de Ferreira Junior (2019), pode-se dizer que as narrativas da mídia se referem a aspectos como a “disponibilidade” da vida dessas pessoas, que são processadas do ponto de vista de que aparecem nas narrativas e como são retomadas nos discursos dos atores institucionais. As narrativas e os modelos midiáticos de violência reproduzem e potencializam representações segundo as quais a realidade das cidades é palco de uma violência cotidiana, onipresente, periférica, destrutiva, ameaçadora, incontrolável, dentre outras características. (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2015).

Mendes (2020) descreve com clareza as formas de criminalização e exclusão a que são expostos por parte do Estado e reforçada pela mídia, segundo ele:

Além disso, a situação de criminalidade reforça o controle que o Estado quer ter das pessoas mais pobres e negras, principalmente porque, como são vidas que importam menos para o Estado, ele executa ou encarcera. Precisa de justificativas para isso e ele justifica com antecedência porque quando o homicídio acontece, as coisas já estão justificadas com antecedência. A pessoa que foi assassinada teve uma morte física, mas ela já teve uma morte social muito antes, no momento em que a cor dela é descartada, rejeitada, criticada; quando a cultura dela é criminalizada ou quando a religião dela é criminalizada. Portanto, já existe uma situação de exclusão total. (informação verbal).⁶³

Em outras palavras, a morte social dos jovens baleados está associada ao racismo escancarado na cor de sua pele, que produz exclusão e estigma. “A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento.” (MBEMBE, 2018, p. 32), uma vez que isso foi narrado e visto no conteúdo de jornais em os jovens negros e pessoas periféricas são criminalizados.

Como ser pode ver nos depoimentos de Modesto, Souza e Santos (2020) sobre a maneira como a chacina foi retratada nos jornais de Belém:

Sensacionalistas! A mídia, na busca por audiência, muitas vezes fica deturpando os fatos [...] A mídia hegemônica alimenta o olhar racista e estereotipado sobre os jovens da periferia. (informação verbal).⁶⁴

Os jornais ocultaram muitas mortes da periferia e ainda diziam que era acerto de contas ou bandidos, e não era isso! Uma família foi assassinada inocentemente e não foi noticiado isso. (informação verbal).⁶⁵

⁶³ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

⁶⁴ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

⁶⁵ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

O jornal retrata de maneira muito natural a chacina, como se fosse um episódio comum aqui no bairro da Terra Firme. Tem um pouco de sensacionalismo no texto. Tratam como mais um episódio, uma cena qualquer de um assassinato, como se estivessem tratando de uma situação, um problema do bairro ou alguma outra situação. (informação verbal).⁶⁶

Como ser pode observar os discursos midiáticos criminalizam a partir de estereótipos de pessoas de comunidades étnicas. Então, a criminalização por parte da mídia é vista pelos meus interlocutores como racistas uma vez que se servem de práticas racistas em pautas jornalísticas, nos enunciados sutis que são construídos na dinâmica de narrativização midiática quando estereotipam pessoas negras e pardas como marginais, uma vez que considerada a partir das falas dos interlocutores, os discursos midiáticos não só são formas de práticas interacionais ou sociais, mas também expressam e transmitem sentidos e influenciam crenças na dimensão cognitiva do racismo.

Mbembe (2018) descreve o racismo como um elemento de controle e dominação nas relações de poder. Reitera-se, aqui, que o racismo estrutural se movimenta na mídia ao veicular cenas de rebaixamento e exclusão dos corpos negros. Serrão (2020), integrante do Tela Firme, ressalta em seu depoimento esse percurso narrativo da violência pelo modelo midiático, que reproduz todo tempo o racismo estrutural. Sua angústia é ver que nos jornais são expostos corpos negros e periféricos em troca de audiência ou de maiores vendas.

Segundo a jovem militante Serrão (2020), a cobertura dos jornais é racista e visa o lucro por meio da violência. Para ela a cobertura dos jornais que criminalizam os moradores da Terra Firme são:

Reflexo de discussões que são ignoradas. O racismo estrutural é refletido nesses jornais. Não são só jovens, são negros e as periferias foram criadas dentro de uma parte histórica do Brasil. Vejo uma cobertura racista, que visa o lucro através da violência, e o que me deixa mais chateada é que são corpos negros e periféricos que eles vendem. (informação verbal).⁶⁷

As formas de não reconhecimento são recusadas por parte dos moradores do bairro da Terra Firme, que não aceitam as imagens estereotipadas sobre o seu lugar, seu cotidiano, imagens que subjugam suas identidades e que são, conforme Honneth (2003), impedimentos para as possibilidades de sua autorrealização. Elas remetem a formas de desrespeito (discriminação, exclusão, exploração marginalização) reiterando padrões institucionalizados de

⁶⁶ Depoimento concedido por Santos, S. Belém, 28 de março. 2020.

⁶⁷ Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

desvalorização cultural que minam a condição intersubjetiva de participação dos sujeitos (MAIA, 2018; FRASER; 2003).

A *dinâmica do desrespeito* é aquela “cuja experiência pode influir no surgimento de conflitos sociais na qualidade de motivo da ação” (HONNETH, 2003, p. 24). Um exemplo que foi possível perceber sobre como a mídia expõe os acontecimentos e o quanto isso é doloroso para os moradores ocorreu na entrevista com uma das mães, quando ela rememorou as manchetes e imagens que os jornais que estavam expondo a chacina em que seu filho foi morto. Ela se emocionou e apenas conseguiu retomar a entrevista dias depois, devido ao abalo emocional que aquelas notícias trouxeram, afetando-a profundamente. Tive que esperar mais ou menos uns três a quatro dias para ela poder se recompor e ter condições de falar sobre as imagens e a forma como a chacina foi retratada pelos jornais.

Amaral e Cruz (2020), mães de umas das vítimas expõem sobre a maneira que chacina foi retratada nos jornais:

A Terra Firme e o Guamá, na verdade, são o centro dos jornais. A imprensa precisa criminalizar alguém. Ela não denuncia quem está por trás da violência, que está dentro dos quartéis e dos Ministérios Públicos. Essa violência vem dos altos escalões, mas a imprensa não tem como ir lá em cima. Ela só vai quando já é inevitável e o mais fácil para eles é criminalizar o filho do pobre e a periferia. Pegar o filho do pobre botar, fazer dele um soldado do crime para que eles fiquem sempre na linha de frente. Sinceramente é uma palhaçada. A imprensa para mim é uma palhaçada. Eu digo isso porque tem coisas que quando eu vou falar na imprensa eles nunca mostram, principalmente as minhas críticas. (informação verbal).⁶⁸

Muitos repórteres chamaram meu filho de ladrão. Quando eu ia nas audiências eu dizia para eles: “Vocês não devem falar porque vocês não conheciam e não conviviam”, mas até eu era assim. Quando eu assistia o jornal e um jovem morria eu dizia: “Olha meu filho, tu estás vendo isso? São bandidos.” Muitas vezes as pessoas julgam, mas na prática não é assim. (informação verbal).⁶⁹

O discurso midiático coloca em primeiro plano as sensações, no sentido de Haroche (2008), em detrimento de uma narrativa capaz de exprimir a dor vivida pelos familiares e moradores do bairro ante a tragédia. A espetacularização midiática, em troca da dor das mães e seus familiares, foi o impulso para lutar por justiça diante da chacina. Ressalta Cal (2014) que a construção de um contexto social favorável à politização das demandas também é discutida por Honneth no que diz respeito à teoria do reconhecimento. Segundo a autora, por meio de lutas de reconhecimento, as esferas se desenvolveram mediante o amor (relações íntimas), a justiça e a solidariedade, os sujeitos transformam experiências de desrespeito em busca de valorização pessoal e social positiva no que diz respeito à autorrealização (CAL, 2014;

⁶⁸ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁶⁹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

HONNETH, 2003). Ainda conforme Cal (2014), em sua visão inspirada em Honneth (2003), as reações emocionais a esse desrespeito podem se tornar impulsos para lutas de reconhecimento. No entanto, essas experiências nem sempre levam a lutas políticas. Para que esse processo ocorra, deve haver um contexto social favorável, em particular por meio da comunicação de movimentos para que o desrespeito se torne uma “fonte de motivação para ações de resistência política” (HONNETH, 2003, p. 224).

Essa resistência e impulso motivacional de amor, pode ser contemplado no relato de Amaral e Cruz (2020) quando dizem:

A minha coragem, junto com o amor pelo meu filho fez eu aparecer e fazer a diferença dentro desse contexto de tanta violência que passamos em 2014. As mortes aconteceram na terça e quarta. Na segunda-feira, eu cheguei na delegacia de homicídio e a coisa começou a mudar. Os repórteres, com os meus depoimentos, começaram a ver que os meninos não eram vagabundos. (informação verbal).⁷⁰

Muitos cansaram, mas eu fui até o fim. Graças a Deus todas as pessoas que foram testemunhas ficaram presentes e eu não fiquei com medo. Eu fui até o fim. Não fiquei com medo porque eu estava mostrando quem era meu filho. Era muito meu amigo. Ele fazia uma venda de churrasco aqui em frente de casa. Ele me ajudava e antes de ir para o colégio colocava a banca. Ele gostava de me ajudar. Eu criei ele desde bebê. Sempre foi um grande amigo. Veio pessoas aqui falarem para eu sair e ir para outra cidade, mas eu não aceitei, nem meu esposo. Até hoje estou aqui. Até hoje não sai da minha casa. Se eu tivesse saído poderiam falar que eu sabia de alguma coisa ou estava escondendo algo e eu falei que um dia eu ia mostrar que meu neto era uma pessoa do bem. (informação verbal).⁷¹

É importante, aqui, destacar a consciência que estas mães têm de seu próprio poder de falar e trazer à tona uma outra visão sobre seu filho morto, que rompe com a ideia de criminoso e vagabundo estereótipos associados a pretos, pobres e periféricos. Diante da fala de Amaral (2020), acreditamos que foi a partir de seu depoimento que houve mudança na cobertura jornalística do fato.

Já Batista (2020) até admite um certo zelo na narrativa jornalística, mas reconhece que os moradores do bairro não se enxergam ali, ele disse “a maneira como os jornais trataram a chacina foi informativa, com uma carga sensacionalista, mas creio que com um certo cuidado. Não acredito que os moradores se reconheçam, pois, na maioria das vezes, sempre foram estigmatizados” (informação verbal)⁷². Ele comenta que se há um cuidado maior no trato com a cobertura de matérias sobre a periferia, isso se deve às várias iniciativas como a do Tela Firme em o audiovisual fazendo contraponto aos jornais, assim também outros coletivos o Ê Mana, Cine Clube TF, Boi Marronzinho, Instituto Amazônia Cultural dentro outros que que

⁷⁰ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁷¹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

⁷² Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

questionam a forma como a grande mídia aborda questões nos territórios periféricos, mas está longe de ser uma abordagem ideal, pois há muita discriminação e preconceito, em especial com os jovens que cometem crimes. Esclarece Batista que “esses são tratados como seres descartáveis, os “morríveis!”. (informação verbal)⁷³.

Mendes (2020), integrante do coletivo Tela Firme, acredita que os jornais e noticiários “primeiro tentaram transmitir a ideia de que as pessoas que morreram eram bandidas”. Segundo ele, é “algo que a mídia sempre noticia como se fosse uma justificativa para as mortes que acontecem”. Então, mesmo antes de os jornais da grande imprensa noticiarem o que aconteceu, já havia uma intensa repercussão do anúncio do que iria acontecer, isto é, havia áudios enviados pelos WhatsApp de dentro da polícia para fazer justiça à morte do Cabo Pet. Destacamos aqui, também, que o “justiçamento” é uma evidente violação aos direitos humanos e se revela como uma prática das milícias e que vem de dentro das instituições de segurança pública como uma forma de punição.

Como observa Mendes (2020) em seu depoimento:

A gente observava manifestações de algumas figuras públicas conhecidas da polícia, mensagens de WhatsApp, áudios falando sobre toque de recolher, informes sobre a morte do Cabo Pet, declarações dizendo que ninguém ia dormir em determinada noite e que iria ser feita justiça.⁷⁴

Desconhecendo a vida dessas jovens que tão brutalmente foram mortos, os meios de comunicação não viram nas vítimas os cidadãos, seres humanos dignos, com realidades diversas, que não tinham razão alguma para serem criminalizadas no noticiário. O cenário motivado pela chacina mais uma vez trouxe à tona a dificuldade de construir cidadania em contextos de extrema desigualdade, desvalorização da dignidade dos outros e falta de respeito (HONNETH, 2003).

Silva (2020) aponta que os jornais, nas imagens e noticiais, aumentaram os fatos. Eles enfeitarão demais um fato que é muito complicado, e que não contempla a realidade dos jovens e moradores da Terra Firme.” (informação verbal). Ainda ao falar da imagem dos moradores exposta pelos jornais, afirmou:

Ficou muito rotulado. Lembro-me que naquele momento, os bairros Guamá e Terra Firme foram associados à marginalidade e à criminalidade e até hoje é assim, mas é bem menos do que antes. No tempo da chacina, em 2014, a gente praticamente tinha que dizer o nome do nosso bairro em alguma escola. Perguntavam onde morava e o aluno respondia: “sou da Terra Firme”. Eles (os alunos) levantavam os braços e diziam: “me rouba logo”; “me mata logo”. Comentários esses que são bem

⁷³ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020

⁷⁴ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

complicados e surgiram em razão da mídia, que criou essa falsa ideia de que na periferia a maioria dos jovens é assassino ou ladrão. (informação verbal).⁷⁵

Mendes (2020) conta em detalhes quem eram os jovens de periferia que foram chacinados naquele 5 de novembro de 2014. Há um contraponto com a fala midiática que estigmatiza ou, no mínimo, deixa uma dúvida no ar, sobre o perfil de muitos dos que foram assassinados, que não tinham passagem pela polícia. Eram trabalhadores e pessoas de bem. Mas mesmo que não fossem não haveria justificativa para matá-los. Segundo ele:

Havia um estudante de dezesseis anos, uma pessoa que trabalhava como cobrador de van, outra pessoa que trabalhava numa pizzaria. Pessoas de realidades diversas, mas que não tinham passagem pela polícia, isto é, não havia nenhum motivo que justificasse a morte dessas pessoas. (informação verbal)⁷⁶

Já para o Policial (2020), embora disse que tenha vivido nas periferias de Belém, ele concorda que a mídia procurou somente o lucro como foi exposto por outros interlocutores. Segundo ele:

Os jornais, procuraram apenas se vender e atacar politicamente os inimigos de seus donos, como sempre. Acredito que os moradores não se reconhecem nas imagens. Se alguém mora na periferia, as pessoas pensam que é ladrão, traficante, etc. (informação verbal).⁷⁷

No entanto, cabe aqui ressaltar também a fala de Souza (2020), morador do bairro que afirmou sobre a ação violenta da polícia durante e após a chacina: “a forma como a mídia colocava e como a polícia abordava na entrada do bairro era prova disso. Várias vezes tive que ser revistado e abrir mochila na rua para mostrar quem eu era e poder seguir”. (informação verbal)⁷⁸. Ainda sobre os jornais, outra interlocutora Assunção (2020) afirma que:

Nem tudo que foi falado nos jornais é verdade. Sempre fica no ar um ponto de interrogação em relação a essas pessoas que foram executadas. Sabemos que isso não é verdade. Os jovens executados eram pessoas do bem e todos que moram na periferia sabem que mesmo se eles tivessem envolvidos com alguma coisa, esses jovens não mereciam ser assassinados. (informação verbal).⁷⁹

Para ela a mídia deixava sempre uma dúvida sobre a imagem dessas vítimas, como se fosse uma tentativa de justificar a morte delas. Só que o impacto nas mídias sociais sobre a chacina foi tão grande, de acordo com Mendes (2020), que houve um questionamento por parte

⁷⁵ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

⁷⁶ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

⁷⁷ Depoimento concedido pelo Policial. Belém, 29 de março. 2020.

⁷⁸ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

⁷⁹ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

da população, com intensos protestos contra essa forma bárbara de extermínio. Segundo ele, muitas pessoas defenderam e até concordaram com a lógica do “bandido bom é bandido morto”, mas outra parte da população se insurgiu contra essa forma de justicamento, que afronta do Estado de direito. Em outras palavras, a opinião pública ficou dividida e se deu um verdadeiro embate popular em torno da chacina e suas repercussões na cidade.

É importante destacar que a maior parte dos jovens que foram mortos eram jovens negros e pardos, que, conforme dados do IPEA já citados neste trabalho, são alvos preferenciais de assassinatos e excessos policiais. De acordo com Brito (2014), os jovens retratados nas páginas policiais são pobres, quase sempre negros e moradores de bairros ou regiões periféricas. Segundo a mesma autora, o tratamento que recebem nas editoriais de polícia resulta de uma sociedade com senso hierarquizado de justiça e, em geral, já está automatizado nas rotinas produtivas das redações jornalísticas. Forma-se, de acordo com a autora, uma rede de micropoderes que abarca repórteres policiais, editores, postura editorial dos meios, e até a própria polícia - fonte das matérias -, que reproduz os sistemas de dominação (BRITO, 2014).

Em reação as essas formas letais de dominação, Amaral (2020), uma das mães das vítimas que representa o grupo de mães que perderam os seus filhos, se diz completamente inconformada com a forma como a imprensa expôs o caso da chacina. Ela desabafa:

A imprensa é uma mera m***. A imprensa faz dos moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, uma militância com droga, botando jovens na linha de frente para que criminalizem eles, porque a partir do momento que eles não têm dinheiro para comprar droga eles começam a roubar e daí vai aumentando, mas os grandes estão sempre atrás e a imprensa sabe quem está atrás e os governantes também sabem. (informação verbal).⁸⁰

Cruz (2020) outra mãe acrescenta em seu relato que se sentiu desamparada, desrespeitada, desconsiderada, pela imprensa, que ao invés de abrir portas, se tornou um obstáculo a mais na busca por justiça. “Simplesmente nenhuma das mídias locais nos deram o direito e a ajuda para lutar por Justiça.” (informação verbal)⁸¹. Observa-se o não reconhecimento por parte da mídia e de como ela afronta o direito humano à comunicação.

Também é importante observar aqui que a violência não se expressa somente fisicamente, mas também simbolicamente. A violência simbólica corresponde à criação contínua de crenças e valores socializados no processo de dominação/exclusão dos indivíduos que a “naturalizam”. Uma vez naturalizada, a violência simbólica faz com que o indivíduo se posicione no espaço social pautado pelos critérios e padrões do discurso dominante. Portanto,

⁸⁰ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

⁸¹ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

a violência simbólica é introduzida com o consentimento daqueles que a sofrem, pois não é percebida como tal (BOURDIEU, 2009). Essas formas de violência são apontadas na fala de Mendes (2020) quando diz que a violência é fruto de uma narrativa que a mídia precisa ter para desumanizar os moradores do bairro. Ele argumenta que quanto mais pobre um país, mais pobre um bairro periférico é. Desse modo, esses territórios às margens da cidade sofrem os reflexos da violência de forma mais dura e sob diferentes formas. Segundo ele:

São consequências mais cruéis da violência. Por exemplo, no momento em que a pessoa vai em um posto de saúde, a única forma conseguir ter um atendimento, muitas vezes é “metendo o pé” na porta, brigando com os funcionários e com o médico. Exigindo que só vai sair se tiver atendimento. Elas só conseguem ser atendidas se conseguirem expressar um problema. Nós vivemos aqui através de um enfrentamento e isso cria um ambiente de violência. As pessoas nem sempre criam a violência. Elas reagem à violência. É uma condição de saúde pública que está em calamidade. Isso é uma violência que faz com que mais pessoas morram. (informação verbal).⁸²

Segundo Bourdieu (2009), a violência simbólica parece ser igualmente eficaz em explicar o apego à dominação das regras, às sanções, à incapacidade de conhecer as regras da lei ou da moralidade, linguística e outras práticas, como pode ser visto pela mídia. Segundo o autor a violência nem sempre se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato que tem uma estrutura facilmente identificável, pois muitas vezes se assume como natural até mesmo ignorada. Em outras palavras, não é apenas o assassinato que mata ou expressa violência. São, simbolicamente, igualmente violentos a falta de cuidado no centro de saúde, a falta de respeito aos direitos fundamentais do cidadão, a falta de acesso a serviços públicos de qualidade, entre outros direitos negados à grande maioria de uma sociedade excludente como a brasileira. Há muitas formas de segregação social, que é também racial, que erguem fronteiras simbólicas com contornos muito nítidos para segmentos mais vulneráveis, como jovens negros e periféricos. Nesse sentido, destacamos que a segregação socioespacial também é um fator importante na formação de imagens de jovens da periferia de Belém nas teias discursivas midiáticas.

Por isso, é importante o depoimento de Costa (2020), jovem morador do bairro da Terra Firme no qual diz:

As pessoas que moram em Belém do Pará têm uma visão preconceituosa sobre os jovens que moram na Terra Firme. Por exemplo, tenho relatos de conversas com amigos que foram ao ‘shopping’ e o segurança ficou olhando por causa da cor e pela forma que estavam vestidos. (informação verbal).⁸³

⁸² Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

⁸³ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

. As palavras dele remetem ao episódio dos rolezinhos em 2011, em que jovens da periferia iam em grandes grupos a *shopping centers* de diversas capitais brasileiras, incluindo Belém, e a simples presença deles, sem que houvesse qualquer gesto de violência, foi o suficiente para causar pânico entre os frequentadores. Esses encontros, em geral, eram marcados por redes sociais, e suscitaram ações por vezes violentas dos seguranças desses estabelecimentos que, apesar de serem privados, supostamente são de acesso público.

Brito (2014) considera esse episódio como exemplar da clara segregação existente entre os diferentes territórios sociais e simbólicos nas grandes metrópoles do país. Segundo a autora, a juventude pobre e, em grande maioria negra, que mora na periferia, em geral está invisível na cena urbana brasileira, exceto pela sua identificação como uma ameaça. Os shopping centers, de acordo com ela, são verdadeiros templos de consumo, frequentados especialmente pela classe média e elites nas regiões centrais das cidades. “Eles não são lugares de trânsito livre para jovens de periferia com certas características, em especial a cor da pele, a forma de se vestir, de se apresentar [...] Os shoppings não são interditados [a esses jovens] do ponto de vista da regra escrita, e sim da regra social” (BRITO, 2014, p. A6). A seu ver, o escândalo causado pelos rolezinhos decorre dos mecanismos perversos existentes no Brasil de criminalização da pobreza, “uma sociedade profundamente excludente e racista”.

A esse respeito, Goffman assinala que os diferentes “ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas” (GOFFMAN, 2008, p. 5). Para os jovens e moradores da Terra Firme é preciso muito “sangue nos olhos”, ao falar que se mora no bairro perto de outras pessoas, uma vez que elas olham sempre com tom de desconfiança.

Eu trabalhava em um lugar e antes fui recrutado pra fazer entrevista. Eles perguntaram de onde eu era e onde eu morava. Eu disse: “moro na Terra Firme”. Todos que estavam presentes se assustaram e falaram: “como é que é? Terra Firme? Quantos morreram lá? Matam cinco e deixam dez para matar no outro dia é?” Por isso a imagem do bairro ficou manchada por causa dessa visão preconceituosa. (informação verbal)⁸⁴.

Em relação ao estigma, a visão preconceituosa que que uma grande parte da sociedade carrega, constrói a imagem deteriorada dos nativos “TerraFirmenses”. A identidade social é uma identidade atribuída, alguém que rotula alguém como um “desviante”. Segundo Goffman (2008) “as atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar.” (p. 8). O rótulo de “criminosos potenciais”

⁸⁴ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

atribuído aos jovens da Terra Firme está diretamente relacionada com estereótipos projetados pelos meios de comunicação sobre os moradores do bairro. Na visão de Assunção e Santos (2020) meus interlocutores:

A cobertura dos jornais locais quase sempre associa os moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, à marginalidade. É uma associação totalmente equivocada. Não é porque nós somos negros de periferia que devemos alguma coisa. A gente não pode ser visto dessa forma. Ah! Sabemos que a maioria dos moradores são pessoas do bem. São pais e mães de família. São pessoas que trabalham e que buscam seu pão de cada dia. Os que se envolvem com a violência é porque são atraídos por essa forma de oportunidade. (informação verbal).⁸⁵

É muito ruim a maneira como os jornais tratam esse acontecimento. Os moradores do bairro da Terra Firme são tratados como moradores de um bairro violento; um bairro que parece ser dominado pela violência, o tráfico e o crime. Os jovens também conseqüentemente são tratados assim, como pessoas que não trabalham ou não estudam. Alguns jornais relatam de maneira diferente, mas no geral é assim que eles que retratam, falando que é um bairro periférico, extremamente violento e que tem uma criminalidade constante. (informação verbal).⁸⁶

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano, conforme a visão goffmaniana. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, por meio das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida, diz Goffman (2008). Para desconstruir tais representações Aviz (2020) argumenta que é preciso promover ações governamentais de longo prazo para dar aos jovens acesso a programas ou projetos que os incentivem seja na aprendizagem de atividades que possam gerar renda, seja em políticas de estímulo artístico e cultural que existem no bairro. No entanto, ele reitera que “os projetos não-governamentais que existem em nosso bairro, não são contemplados pelo noticiário tradicional que, ao invés disso, alimenta a ideia de que o jovem periférico só preenche estatísticas negativas”. (informação verbal)⁸⁷.

Destaca-se no relato de Aviz (2020) que há muitas iniciativas dos próprios moradores no bairro que fazem contraponto às narrativas midiáticas tradicionais. Entre eles, pode-se citar o Instituto Amazônia Cultural (IAC), que existe já há dez anos coordenado pelos moradores do bairro.

⁸⁵ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

⁸⁶ Depoimento concedido por Santos, S. Belém, 28 de março. 2020.

⁸⁷ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

Imagem 29 - Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural



Fonte: Instituto Amazônia Cultural, 2020. ⁸⁸

Imagem 30 - Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural



Fonte: Instituto Amazônia Cultural, 2020. ⁸⁹

⁸⁸ Disponível em: <http://blogdoiac.blogspot.com/2019/06/registros-do-evento-de-10-anos-de.html>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

⁸⁹ Disponível em: <http://blogdoiac.blogspot.com/2019/06/registros-do-evento-de-10-anos-de.html>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

Imagem 31 - Evento comemoração aos 10 anos do Instituto Amazônia Cultural



Fonte: Instituto Amazônia Cultural, 2020. ⁹⁰

Trata-se de um projeto que visa promover a inclusão e a justiça social através da arte, cultura e música, cuja palavra de ordem é “A criança que toca um instrumento, jamais empunhará uma arma”. Iniciativas como essa tentam furar o bloqueio imposto pelas representações e imagens negativas do bairro e de seus moradores que circulam amplamente, em especial na esfera de visibilidade midiática, que produz e amplifica os estigmas em torno de ambos.

4.3 Moradores e o Tela Firme recontam a chacina: autorrepresentação, olhar sensível e reflexivo no vídeo Poderia Ter Sido Você

Neste tópico, partindo dos dados de campo, e da pergunta norteadora dessa pesquisa, buscamos compreender como moradores do bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” e qual a relação que estabelecem entre ela e a sua vida cotidiana. Interessava-nos saber, também, até que ponto eles se veem representados na narrativa do vídeo e qual é a diferença que estabelecem entre a maneira como o vídeo retrata a situação da violência no bairro e aquela que está presente na mídia hegemônica.

A luta pela autorrepresentação na periferia brasileira anda de mãos dadas com a busca pela visibilidade pública que implica o uso de estratégias e a oposição e contranarrativa para

⁹⁰ Disponível em: <http://blogdoiac.blogspot.com/2019/06/registros-do-evento-de-10-anos-de.html>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

defender interesses coletivos. Nesse sentido, também pode ser entendida como parte da luta pelo reconhecimento social (HONNETH, 2003).

Do ponto de vista de Zanetti (2010), há uma notória demanda pelo reconhecimento de certos grupos sociais, como já assinalado no capítulo anterior, o que se reflete no direito à autoexpressão e a uma imagem pública positiva. Assim, o reconhecimento nesta pesquisa refere-se precisamente a essa dimensão simbólica, que permeia as demandas por justiça. Sabe-se que quando a produção audiovisual ocorre a partir da periferia, em um ambiente cultural distinto daquele que se situa nas áreas centrais da cidade, ocorre um processo de restauração da fala historicamente negada a esta parcela da população no espaço público. (WILQ, 2014).

É o que Saback e Patrocínio (2013) chamam de “a insurreição dos sujeitos silenciados”, expressão emprestada de Ferréz, autor que escreve sobre literatura marginal e reside em um bairro periférico de São Paulo⁹¹, cuja afirmação oferece a chave para entender o conceito da autorrepresentação - “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (apud SABACK, PATROCÍNIO, 2013, p. 127).

A metáfora do autorretrato utilizada pelo autor diz respeito a um tipo de produção discursiva sensível - seja na literatura popular, em audiovisuais ou qualquer outra linguagem – que é feita por minorias raciais ou socioeconômicas, sujeitos que são colocados à margem, tanto no sentido territorial, já que vivem nas periferias urbanas, quanto social e simbólico. Essa produção, de que faz parte a literatura marginal, constitui, como enfatizam os autores, “um ato de rasura da fala hegemônica nacional, produzindo a criação de um núcleo discursivo próprio para a representação de sujeitos marginalizados” (idem, p 128).

Foi em meados da década de 1950 que surgiram no Brasil os primeiros filmes que retratavam a realidade das favelas do Rio de Janeiro, ainda conforme Saback e Patrocínio (2013). O filme de maior sucesso nessa época foi *Cinco vezes favela*, de 1962, que se tornou um dos marcos do Cinema Novo, realizado por estudantes do Centro de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes (CPC/UNE). Eram vários curtas reunidos com cerca de uma hora e meia de duração, que rompiam com a estética hollywoodiana ao trazer as favelas para o centro da cena, e acabaram sendo aclamados pela crítica e pelo público.

Ainda assim, eram filmes feitos por jovens cineastas comprometidos com as causas populares, porém falando sobre uma realidade que não era vivida por eles. Quase cinquenta anos depois, em 2009, os cineastas Cacá Diegues e Renata Magalhães, por meio de sua produtora Luz Mágica, decidiram reeditar o projeto, sob novo título “Cinco vezes favela –

⁹¹ Autor de *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000 e organizador da coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

“Agora por nós mesmos” (2010). Desta vez tendo como realizadores e roteiristas cinco jovens moradores de favelas cariocas que frequentaram oficinas previamente com profissionais do mercado cinematográfico. O longa metragem reúne cinco histórias contadas em diferentes gêneros, do drama à comédia, todas ambientadas em favelas no Rio de Janeiro. Os curtas tratam de dramas humanos vividos por pessoas comuns nas favelas que, por saberem de seus poucos recursos e limitações, inventam novos rumos para as suas histórias. Eles têm em comum o propósito de mostrar que os moradores das favelas são gente de bem, enquanto traficantes e criminosos são a minoria.

Por que é importante falar desse filme? Porque ele representa um marco na produção audiovisual brasileira da perspectiva dos sujeitos das periferias urbanas, a quem historicamente foi negado o poder de falar de si e por si mesmos. “Os moradores da favela deixam de ser personagem da representação para assumirem a função de autores e sujeitos da representação”, afirmam Saback e Patrocínio (2013, p 135). Isso em parte só foi possível, como apontam os autores, graças ao acesso facilitado às tecnologias da comunicação que, a baixo custo, permitiram a circulação de produções audiovisuais saídas das periferias.

Vale ressaltar, como argumenta Zanetti (2010) que outro movimento, paralelo a este, fez com que a periferia se tornasse uma “mercadoria midiática”, transformada em produto para a TV e o cinema⁹², o que levou os territórios periféricos a ocupar outro lugar no campo do visível. Nessas produções, no entanto, de acordo com a autora, “verifica-se que continua em evidência um conjunto de representações que, de modo paradoxal, persiste em dicotomias como “morro e asfalto” ou “centro e periferia”, por vezes presentes em textos institucionais, acadêmicos e jornalísticos” (2010, p. 13).

A colocação de Zanetti converge com a de Esther Hamburger (2007), quando ela também mostra inquietação com a forma de representação dos pobres e da pobreza nesses filmes. “Espectadores na periferia discutem em que medida, ao romper o silêncio e a invisibilidade a que os pobres foram em larga medida relegados, esses filmes contribuem para fixar a imagem do favelado como marginal” (2007, p. 121). Ou seja, embora a produção cinematográfica do período tivesse a intenção de denunciar a realidade da exclusão desses

⁹² Na TV, merecem destaque produções da Rede Globo de Televisão, na primeira década do século XXI, os programas *Central da Periferia*, o quadro *Minha Periferia*, veiculado no programa Fantástico, as minisséries *Cidade dos Homens* e *Antônia*, dentre outros. No cinema, nesta mesma década, podem-se destacar os filmes *Ônibus 174*, *O Invasor*, *Cidade de Deus*, *Cidade dos Homens*, *Carandiru*, *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, entre vários outros, todos em torno do tema da violência urbana, em que negros e pobres são protagonistas (HAMBURGER, 2007).

sujeitos, em geral acabava por afirmar sua identidade de excluído, mais do que apontar saídas para a profunda desigualdade social brasileira.

Por essa razão, Zanetti (2010) prefere trabalhar com a ideia da “periferia midiaticizada” como um lugar-conceito, “vista não somente pelas telas da televisão e do cinema, mas também através de materiais audiovisuais diversos que circulam em diferentes plataformas de exibição (festivais e cineclubes, páginas da Web) e que são produzidos e/ou protagonizados pelos próprios moradores destes espaços”⁹³ (idem, p. 11-12).

Dessa maneira, a autora (2010) destaca que se estabelece um confronto discursivo, uma tensão entre essas diversas formas de falar dos territórios periféricos, um embate de representações produzidas em diferentes esferas discursivas, sendo um deles os movimentos sociais e outras formas de organização coletiva, “fundamentadas numa ideia de “emancipação” por meio de práticas simbólicas que envolvem a difusão e a partilha de representações (por vezes comuns a um mesmo grupo, por vezes conflitantes entre si) na esfera da visibilidade pública” (p. 58-59). A autora chama a atenção que, no caso das produções audiovisuais das periferias, a autorrepresentação surge como uma ideia central.

É importante trazer esse contexto para que se entenda que o vídeo “Poderia ter sido você” não é uma iniciativa isolada, e sim faz parte de um intenso movimento de produção audiovisual das periferias brasileiras, movidas pela necessidade de falarem de si mesmas, construindo contranarrativas em um outro fluxo e como contraponto às representações hegemônicas que circulam na sociedade, que estigmatizam o pobre, negro e periférico. Nesse sentido, a visibilidade da tragédia da chacina trazida pelo vídeo “opera também numa convergência de narrativas que reforça seu argumento em denunciar a impunidade e manter viva a memória dos filhos, vítimas inocentes” (COLUCCI; ANJOS, 2014, p. 30).

No próximo subtópico, apresentamos o coletivo Tela Firme, o contexto de seu surgimento e as motivações para a sua formação, bem como da produção do minidocumentário “Poderia ter sido você”⁹⁴. E, na sequência, discutimos a como o vídeo é apreendido pelos moradores do bairro a partir de nossos dados de campo.

⁹³ Uma das principais plataformas existentes atualmente de circulação da produção audiovisual das favelas e periferias são os festivais “de periferia”, além de outros festivais de cinema e vídeo, cujo foco narrativo está centrado nesses lugares e em seus personagens. Dentre eles, destacam-se *Visões Periféricas* e *Cine Cufa* (Rio de Janeiro), o *Festival Cine Favela de Curta-metragem* (São Paulo), *Favela é isso aí/ Imagens da Cultura Popular* (Belo Horizonte) e o *Cine Periferia Criativa* (Distrito Federal). Segundo Zanetti (2010, p. 93), “o circuito brasileiro de festivais conta hoje com mais de 130 eventos dos mais variados portes e perfis (dentro e fora do país), e já é tratado como um setor produtivo no cenário cultural brasileiro”.

4.3.1 Nasce o Tela Firme

O Tela Firme destaca-se por ser uma mídia alternativa no bairro. Por meio da produção audiovisual, traz as demandas imediatas da comunidade, ecoando as vozes dos moradores numa relação de dentro para fora. Tais concepções são consideradas nas práticas audiovisuais do coletivo Tela Firme, as quais constituem uma ação discursiva que potencialmente tem um grande poder de transformação social, tornando-se um instrumento importante para disputar a visibilidade pública com as narrativas que produz.

Segundo as observações feitas sobre o Coletivo em reunião no Chalé da Paz⁹⁵, um espaço da comunidade localizado na passagem Comissário em 31 de março de 2018, o grupo é constituído por 10 pessoas de faixa etária entre 18 a 30 anos. São eles: Vanessa Alves, com formação técnica em rádio e televisão, atualmente estudante de Pedagogia na UEPA; Jetur Castro, bibliotecário e membro do Instituto Amazônia Cultura (IAC) (ONG do bairro); Mailson Souza, com formação técnica em rádio e televisão e produção audiovisual; Harrison Lopes, educador e com formação técnica em rádio e televisão; Ingrid Louzeiro, estudante de Pedagogia na UFPA; Adriano Mendes, do Movimento Juntos, diretor da União Nacional dos Estudantes, formado em Engenharia Florestal pela UFRA e estudante de Direito na UFPA; Izabela Chaves, idealizadora do ÊÊ, MANA, articuladora e facilitadora Jovem do Unicef Brasil; Thalisson Assis, Fran Silva e o geógrafo Francisco Batista.

Esse último idealizou o grupo desde 2011, em sua volta para Belém após uma viagem para Moçambique, na África, na qual participou de várias experiências como professor e integrante do programa de rádio da CNNB.

Como se vê na **Imagem 32**, o Tela Firme é um grupo composto principalmente por jovens que refletem sobre os problemas sociais do bairro, e, assim, partem da concepção de comunicação popular alternativa, articulando singularidades de outros ângulos, tais como o conteúdo, o formato, a propriedade, o nível de participação popular, a público-alvo que se torna o emissor, da finalidade e da linguagem (PERUZZO, 2009). Do mesmo modo que esses sujeitos, em seu espaço, preservam sentimentos como o amor, o cuidado, o valor, a ética e o respeito.

⁹⁵ O Chalé da Paz é um espaço de atividades e intervenções, um espaço de colaboração, organização e ação no bairro da Terra Firme. O Chalé da Paz tem a proposta de ser um espaço colaborativo, um espaço da comunidade do bairro da terra firme, feito para crianças com sentido de educar por meio de várias atividades oficinas e debates.

Imagem 32 – Gravação Feira na Terra Firme-Belém-PA



Fonte: Facebook do Coletivo Tela Firme (2014)⁹⁶

O Tela Firme transforma o material coletado, os vídeos caseiros, em material audiovisual e o publica em redes sociais (*YouTube*⁹⁷ e *Facebook*⁹⁸). Do ponto de vista relacional, o grupo enseja um fenômeno comunicativo digno de nota na vida cotidiana do bairro da Terra Firme.

⁹⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/telaфирme/photos/a.1470991659780792/1486366948243263/?type=3&theater>. Acesso em: 18 de nov.2018.

⁹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCqWGBbmj6LcEZlp_2pcFEA/about. Acesso em: 23 jun. 2018.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/telaфирme/>. Acesso em: 23 jun. 2018.

Imagem 33 – Gravações do programa Tela Firme



Fonte: Facebook do Coletivo Tela Firme (2014)⁹⁹

A página do coletivo no *Facebook* é para onde confluem as informações sobre as vivências no bairro e as atividades que se voltam à denúncia, à cultura e lazer, transformando-se em uma fonte confiável de informação dos movimentos sociais. Representa socialmente um espaço para a realização de uma cultura da periferia, um “lugar de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis” (FRANÇA, 2001, p. 16).

Imagem 34 – Ato da Greve Geral que ocorreu em 28/04/2017 no centro de Belém



Fonte: Facebook do Coletivo Tela Firme (2017).¹⁰⁰

⁹⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/telafirme/photos/a.1470991659780792/1472318406314784/?type=3&theater>. Acesso em: 23 jun. 2018.

¹⁰⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/telafirme/photos/pcb.1902390803307540/1902377663308854/?type=3&theater>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Imagem 35 – Inauguração do Chalé da Paz na Terra Firme



Fonte: Página do Chalé da Paz (2018)¹⁰¹

As intencionalidades e políticas postas em ação estão expressas como estratégias delineadas para o interior do bairro. Situamos que há vários movimentos exercidos por diferentes atores que atuam em conjunto com o Coletivo Tela Firme para reivindicarem, como movimentos do bairro, através do “envolvimento em ações culturais na periferia, o que justifica a parceria com a escola de samba “Rosas da Terra Firme”, com o “Boi Marronzinho”, “Coletivo Casa Preta” e tantos outros movimentos artísticos e culturais do bairro” todos com um único objetivo” (LIRA, 2018, p. 126).

Imagem 36 – Manifestações culturais pelo bairro da Terra Firme



Fonte: Facebook do Coletivo Tela Firme (2014).¹⁰²

¹⁰¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1928330190537531&set=pcb.1928330563870827&type=3&theater>. Acesso em: 18 nov.2018.

¹⁰² Disponível em:

<https://www.facebook.com/telafirme/photos/a.1470991659780792/1558338054379485/?type=3&theater>. Acesso em: 18 nov.2018.

Há também as parcerias com o Movimento Nacional de Juventude – movimento que luta pela educação de qualidade, em defesa do meio ambiente, contra o preconceito e por uma sociedade com igualdade e liberdade. Esse movimento começou em 2011 em São Paulo, inclusive tem como membros dois integrantes do Coletivo Tela Firme, Adriano Mendes e Ingrid Louzeiro, que ingressaram no movimento em 2015.

[Na] Terra Firme hoje há uma certa dispersão no sentido de você atuar. Hoje algumas Paróquias como a Santa Maria, hoje é um espaço de resistência e de luta, que mobilizou a luta do saneamento básico e tudo. O Grupo de Ouro Nacional que é uma luta de combate ao câncer foi um movimento; o Coletivo Casa Preta, que não está mais aqui, que era Canudos fronteira agora tá lá pra Outeiro. Têm as escolas, né? As escolas Mário Barbosa, Brigadeiro Fontenelle, foi muito forte exibiram nosso material. Estellina Valmont que nós fomos tema de “Feira da Cultura”, a UIPP através dessa homenagem que fizeram ao Tela Firme na exposição de Pipas, as Paróquias, a Faculdade de Comunicação da UFPA, a Comissão de Justiça e Paz da CNBB (que foi o Apitajo Contra o Tráfico de Pessoas que nós fizemos), o Movimento de Mulheres que a gente cobriu a marcha na periferia. A questão da Luta do Tucunduba, o Ame o Tucunduba, que é um Coletivo de Mulheres da faculdade que moram no bairro, a UNIPOP, Conferência da Cultura, o movimento de cultura do bairro tem o Boi Marronzinho e outros movimentos. (LIRA, 2018, p. 151-52).

Outro movimento que está articulado às mobilizações do Coletivo é o Movimento República de Emaús, que atua diretamente por meio de um processo de educação informal e formal, junto às crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, particularmente as que se ocupam de vendas diversas ou serviços semelhantes, as que vivem nas ruas e as que sofrem qualquer tipo de violência decorrente da ação ou omissão da sociedade, do Estado ou da família, ou em razão de sua própria conduta, contribuindo para que tenham consciência de sua cidadania, como sujeitos de sua própria história (MOVIMENTO EMAÚS, 2018).

Outro ator envolvido, conforme Lira (2018), é o Favela, organização de empreendedorismo e inovação de comunidades de baixa renda, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em maio de 2016. O Tela Firme participou de oficinas de fotografias promovidas por iniciativa da referida organização.

Os integrantes do Coletivo também têm experiências com as escolas dos bairros, em parceria com professores e diretores das Escolas Estaduais Mário Barbosa e Brigadeiro Fontenelle.

O principal objetivo das ações do Tela Firme é conseguir levar a informação, não depender um pouco da mídia tradicional. Ao mesmo tempo, de sermos protagonistas das histórias que acontecem no bairro, porque nós sabemos que o bairro é mostrado como um lugar de criminalidade, de violência de muitos problemas, não que esses problemas não existam; pelo contrário, eles existem, no entanto, existe muita produção por parte da juventude, muito iniciativa popular importante, muito trabalho

e bastante ações que acontecem, sejam elas relacionadas à cultura, ao esporte e lazer. (informação verbal).¹⁰³

Em princípio, as ações feitas pelo coletivo Tela Firme convergem para o objetivo de falar sobre “direitos”, de uma forma que esses direitos sejam capazes de se organizarem e corresponderem às capacidades de emancipação ante as formas de dominação.

Imagem 37 – Bate papo sobre extermínio da juventude



Fonte: Autor da Pesquisa (2019).

Sob nosso ponto de vista, a história do bairro da Terra Firme evoca as próprias reações dos sujeitos falarem sobre suas condições. Acredita-se que o Coletivo Tela Firme é uma ferramenta importante de uma democracia efetiva, que se compreende com um coletivo de resistência local que “ocupa o espaço público, criando um polo distinto da sociedade política para a satisfação das necessidades e para a constituição de novas identidades” (AVRITZER, 1997, p. 165).

4.3.2 Contranarrativa no vídeo “Poderia ter sido você”

As formas resultantes de reconhecimento possibilitam examinar a infraestrutura moral das interações de forma produtiva, pois podem ser combinadas com modos práticos de autorrealização de práticas como autoconfiança, autorrespeito e estima social. Honneth (2003) descreverá as estruturas das relações de reconhecimento social como uma “fenomenologia empírica” de formas de reconhecimento, a partir de uma ideia de ética formal que estrutura as

¹⁰³ Depoimento concedido por Francisco Batista. Belém, 2 de julho. 2018.

condições intersubjetivas a partir de experiências bem-sucedidas de constituição pessoal e coletiva.

O filósofo deixa claro que o reconhecimento é fruto das construções intersubjetivas que decorrem de “lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente [...], do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades” (HONNETH, 2003, p. 157). Com essa configuração, “Honneth mostra como estas formas de reconhecimento sempre estão vinculadas a tipos de desrespeito cuja experiência pode motivar em termos práticos os sujeitos para a emancipação” (MELO, 2014, p. 18). Para ele, o caráter político dessas lutas reside na construção de identidades (HONNETH, 2003; MEDONÇA 2012; CAL, 2014). Por meio de lutas pelo reconhecimento, que se desenvolvem a partir dos campos do amor (relações de afeto), direito e solidariedade, os sujeitos transformam experiências de desrespeito e buscam uma avaliação pessoal e social positiva no que diz respeito à autorrealização. Honneth (2003) investiga como nos movemos de pessoa para pessoa a partir de experiências de injustiça e desrespeito, que já estabelece como tendo um potencial moral. Conforme o autor, há uma articulação dos erros morais sofridos por essas experiências, e, finalmente, um sistema de deveres recíprocos positivos exigidos em uma sociedade justa.

As formas de desrespeito se expressam, conforme o pensador, a partir das manifestações de desigualdades. São consideradas um desrespeito com naturezas diferentes: (1) desrespeito à integridade física, como abuso e estupro, resultando em perda de autoconfiança; (2) desconsideração, como a privação de direitos e exclusão que influencia a autoestima; (3) desrespeito como humilhação e insulto, ou seja, referência negativa ao valor dos indivíduos (e grupos), resultando em perda de autoestima (CAL, 2014; HONNETH, 2003).

Para entendemos melhor o contexto do reconhecimento intersubjetivo, segue-se a narrativa que situa a ação de mobilização do coletivo Tela Firme. A partir da morte do policial militar Antônio Figueiredo, de 43 anos, no bairro da Terra Firme, no dia 5 de novembro de 2014, circularam informações nas redes sociais de que aconteceria uma chacina nos bairros periféricos de Belém e que dezenas de pessoas haviam sido mortas “[...] uma mensagem de voz chegou a ser compartilhada por meio do aplicativo *WhatsApp* em que uma pessoa pedia para que moradores do bairro Guamá e Terra Firme não saíssem de casa porque um policial havia sido morto e eles fariam uma “limpeza” na área” (PORTAL G1.PA, *online*, 2014). “Chegaram nos grupos de whatsapp áudios que falavam que a gente tinha que ficar em casa, pois ia ter o

toque de recolher, e muitos jovens que estavam na rua naquele momento foram associados aos criminosos” (informação verbal)¹⁰⁴.

No vídeo “Poderia ter sido você” situa-se a transcrição:

Senhores, sério, por favor, façam o que for preciso, mas não vão pro Guamá, Canudos, nem pra Terra Firme hoje à noite. É uma questão de segurança dos senhores, tá. Mataram um policial nosso e vai ter uma limpeza na área. Ninguém segura ninguém, nem coronel das galáxias. [...] nove estão soltos. E por favor fiquem em casa não fiquem em esquina” (Transcrição do áudio do vídeo “Poderia Ter Sido Você”).

Todas as onze pessoas foram assassinadas. A “limpeza” foi o extermínio de jovens, em sua maioria, negros, nas periferias da capital Belém, em razão da morte do policial. Organizado pelo coletivo de comunicação do bairro, o documentário de dez minutos “Poderia ter sido você” apresenta depoimentos de jovens que se colocam na condição de vítimas das chacinas ocorridas em Belém, Icoaraci e Santa Izabel do Pará¹⁰⁵.

Os integrantes do Coletivo Tela Firme contam que o que os levou a se mobilizarem e a fazerem presentes como protagonistas tem uma questão que se volta à amizade e ao amor, conforme o relato de Isabela Serrão, compreende que o minidocumentário “Poderia ter sido você” “[...] Foi um contexto de comoção social e engajamento a partir da chacina de 2014 em Belém” (informação verbal)¹⁰⁶. Batista (2020) esclarece que o “Poderia ter sido você” “surgiu a partir da necessidade de levar nosso ponto de vista sobre o ocorrido. A intenção foi abordar várias chacinas já ocorridas para não tratar o ocorrido como um caso isolado. É um “modus operandi” que ocorre há muito tempo, inclusive com participação frequente de agentes de segurança”(informação verbal)¹⁰⁷.

O vídeo é sensível. Para Haroche (2008), as maneiras de sentir refletem igualmente um determinado estado das condições sensoriais que revelam, participam e induzem com base nas formas sensoriais inéditas, transformações profundas nos processos de subjetivação e nos tipos de personalidade. No entanto, para quem vivenciou de perto a violência, tem uma transformação profunda do sentir. Na percepção de umas das mães das vítimas o vídeo tem cenas “leves”, pois a violência real é muito maior. Segundo ela mesma relata, “Penso que o Tela Firme retratou isso. Eu acompanho esse vídeo. Esse vídeo sempre está comigo, sempre nas minhas coisas, mas está muito longe da nossa realidade. O vídeo é muito leve, porque nós sabemos que a violência

¹⁰⁴ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

¹⁰⁵ O vídeo lembra quatro chacinas em Belém entre 1994-2014: Tapanã; Santa Izabel; Icoaraci e Belém (Terra Firme/Guamá/Tapanã/Jurunas/Marco/Sideral). Tem 2.491 visualizações no Canal do YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nTymeivrDkF8>.

¹⁰⁶ Depoimento concedido por Isabela Serrão. Belém, 2 de julho. 2018.

¹⁰⁷ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

é muito maior. A agressão, tanto verbal como física dentro da periferia, é muito maior” (informação verbal)¹⁰⁸.

Uma das mães relembra o vídeo relatando que tem uma das meninas que encena a morte do Alex Viana, ela diz “o Alex Viana e o Eduardo da Lúcia. Foram dois meninos que sofreram muito antes de morrer”. Ela conta que saiu no domingo de manhã, procurando essas famílias na Terra Firme e no Guamá e teve a oportunidade de conhecer a mãe do Alex no Carandiru e quando a conheceu ela disse que presenciou a morte do filho dela. Sobre a narrativa do “Poderia ter sido você” ela diz: “eles retrataram sim a história, mas ela é bem suave perto da realidade. Eu não sei se os moradores conseguem se enxergar no vídeo porque eu julgo que é algo muito mais forte” (informação verbal)¹⁰⁹. Ou seja, a verdadeira dimensão da mãe traça o caminho real deste terrível episódio quando ela vê o vídeo. Haroche (2008) aponta que o sentimento de “eu” pressupõe uma certa forma de continuidade, que em sua opinião, é inédita na subjetividade do sujeito. Em outras palavras, a mãe pode assistir ao vídeo de diferentes maneiras. O sentimento ainda é o mesmo profundo e amargo como o real.

Os integrantes do Coletivo Tela Firme contam que o que os levou a se mobilizarem e a fazerem presentes como protagonistas tem uma questão que se volta à amizade e ao amor, conforme o relato de Adriano Mendes, compreende que o minidocumentário “Poderia ter sido você” “[...] Foi um contexto de comoção social e engajamento a partir da chacina de 2014 em Belém” (informação verbal)¹¹⁰.

Fui convidado mesmo sendo parte do Movimento Juntos e pelo que entendi na hora, o roteiro já estava feito. Repassaram pra gente que a ideia era ressaltar que o que aconteceu naquele momento foi algo muito cruel com o povo da periferia na Terra Firme e em outros bairros da periferia, mas que não foi a primeira vez. Achei muito legal porque nos deu uma perspectiva histórica também de algo que já acontecia. (informação verbal).¹¹¹

Em outras palavras, o pertencimento ao lugar onde moram, a Terra Firme, conduziu-os a encenarem o acontecimento na comunidade, levando a um esforço coletivo de luta e conscientização de uma sociedade mais justa, guiando os próprios moradores a pensarem mais sobre a vida e o meio em que vivem e criando um pensamento crítico e reflexivo dentro da perspectiva da emancipação. “Na medida em que as identidades são percebidas como políticas, as interações cotidianas de diversas naturezas passam a merecer atenção, visto ajudarem a compreender as opressões e lutas que atravessam processos sociais” (MENDONÇA, 2012, p.

¹⁰⁸ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁰⁹ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹¹⁰ Depoimento concedido por Isabela Serrão. Belém, 2 de julho. 2018.

¹¹¹ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

131). O amor, como vimos, leva a uma autorrelação de autoconfiança que precede qualquer outra forma de reconhecimento. Destaca-se que o grande medo causado naquela época pela chacina, fez com que as pessoas perceberem que cada uma delas poderia ser a próxima vítima. A forma como a mídia a formulou e a polícia a abordou a chacina são as provas de desrespeito com a nossa identidade. Já na encenação do vídeo há relações de comoção e afetação e respeito com o ser humano. Assinala Honneth que:

O amor representa a primeira etapa de reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes: na experiência recíproca da dedicação amorosa, tais sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, do respectivo outro. Além disso, visto que carências e afetos só podem de certo modo receber “confirmação” porque são diretamente satisfeitos ou correspondidos, o próprio reconhecimento deve possuir aqui o caráter de assentimento e encorajamento afetivo; nesse sentido, essa relação de reconhecimento está também ligada de maneira necessária à existência corporal dos outros concretos, os quais demonstram entre si sentimentos de estima especial. (HONNETH, 2003, p. 160).

A autoconfiança, uma segurança emocional proporcionada pela experiência intersubjetiva do amor, serve, assim, como base psicológica e pressuposto para todas as outras atitudes que ocorrerão no futuro. A autorrelação presentificada pela autoconfiança estão presentes na atuação do Coletivo Tela Firme em uma de suas produções de maior destaque, o vídeo “Poderia Ter Sido Você¹¹²”. Na prática, essa relação é efetivada quando os jovens do Coletivo Tela Firme tomaram posição de encenar as vozes das vítimas da chacina, construindo a narrativa do vídeo, as relações emotivas que estão apresentadas nos depoimentos de jovens do coletivo que se colocaram na condição de vítimas das chacinas ocorridas em Belém, Icoaraci e Santa Izabel do Pará.

A intenção do documentário foi colocar isso numa dimensão mais ampla e ressaltar um pouco da vivência das pessoas. Tentaram mostrar o que as pessoas estavam fazendo naquele momento. O Francisco, quando fez o roteiro, pegou parte do que os jornais disseram e mostrou que uma pessoa estava voltando de uma comemoração com os amigos; outros estava saindo do trabalho. Esses fatos que aconteceram antes que esses jovens fossem assassinados, humanizam a vítima, porque os jornais e noticiários só mostraram os números, dizendo que foram onze assassinados. Nós pouco sabemos sobre a história daquelas pessoas e das famílias delas. Quem aquelas pessoas eram, se eram estudantes ou trabalhadores. Algumas vieram do interior tentar a sorte em Belém. Esses detalhes humanizam as vítimas, que muitas vezes, a própria mídia fica desumanizando. Repercutiu bem (o vídeo), sensibilizou as pessoas e passou em vários países. (informação verbal)¹¹³.

¹¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTymeivrDkF8>. Acesso em: 18 de nov.2018.

¹¹³ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

Portanto, o vídeo traz uma reflexão que introduz esses personagens. Isso mostra que os jovens, eram pessoas comuns, e não havia razão para matar brutalmente homens, mulheres e jovens.

O vídeo retrata uma contranarrativa da chacina de 2014, ou seja, a periferia recontando o episódio. A mídia hegemônica retrata os fatos de forma hostil, sempre questionando o caráter das vítimas, colocando-as sempre na condição de pessoas de “má índole”, como se isso fosse uma justificativa para a execução das mesmas. O coletivo Tela Firme, por outro lado, mostra uma narrativa mais sensível sobre os fatos, recontando a história através da visão dos moradores do bairro. (informação verbal)¹¹⁴

Um dos entrevistados foi um policial que também participa de movimentos sociais e também vem da cena periférica. Segundo seu discurso, ele conhece muito bem a realidade do bairro e acredita que o vídeo é uma contrapartida à mídia hegemônica. Quanto aos discursos midiáticos sobre a chacina de 2014, ele diz: “Não acho que seja algo que possa ser mudado a menos que o contraponto seja feito de uma forma que atinja a população em uma escala maior, o que é muito difícil. Enquanto isso, todos são apresentados como é mais conveniente para seus proprietários” (informação verbal)¹¹⁵.

A fala do policial é importante para entender a dificuldade de formar um contraponto aos discursos midiáticos que atingem a população em grande escala. Por outro lado, a mídia, como esclarece Haroche (2008), atinge as massas apenas incentivando e desenvolvendo a cultura de sentidos e sensações, controlando assim a desatenção e garantindo a superficialidade. Para a autora, os sujeitos têm dificuldade em perceber tais fatos de maneira crítica e reflexiva devido à fluidez episódica da mídia, uma vez que a percepção dada pela mídia é fazendo com que os estímulos sejam descontínuos e desarticulados não atendendo a reflexão ao fato (HAROCHE, 2008).

A dimensão intersubjetiva segue essa relação a do não reconhecimento ou podemos dizer reconhecimento distorcido dos fatos. É importante notar aqui que Honneth (2003) reconhece há maneiras de classificar formas de danos morais, o preconceito moral refere-se à privação de reconhecimento que atinge o. Para Honneth (2003), os três modos distintos de autorrealização emergem das experiências distintas de preconceito moral, definem tanto o “ponto de vista moral” das atitudes que devem adotar e estender as relações em que essas obrigações particulares se aplicam. Desse modo, Honneth (2003) desenha um conceito positivo da moralidade da observação em que o dano moral é o resultado da recusa de reconhecimento

¹¹⁴ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

¹¹⁵ Depoimento concedido pelo Policial. Belém, 29 de março. 2020.

de que dependemos para desenvolver uma autorrelação positiva. Em outras palavras, depende de um esforço de ação coletiva em que redes de atitudes se articulam para proteger os seres humanos de feridas resultantes dos pressupostos comunicativos da sua autorrelação.

Em uma das falas de um dos moradores destaca-se: “O vídeo do Tela Firme mostra as vítimas como realmente eram. Onde moravam, o nome. Já nas grandes mídias, como foi dito, o que ouvimos são termos como “o elemento”; “o indivíduo”. Esses termos fazem parecer que eles morreram por estarem errados de alguma forma ou por estarem no lugar errado” (informação verbal)¹¹⁶. Podemos ver na fala do morador as relações de desrespeito articulados pelos discursos midiáticos. Cal (2014, p. 36) esclarece que essas “formas de desrespeito que geram perda da autoconfiança, do autorrespeito e o reforço a hierarquias sociais negativamente valorativas em relação aos sujeitos que o exercem. Formas tornadas cotidianas de agressão e rebaixamento moral”. Para Honneth (2003), é necessário que a experiência de desrespeito e o sentimento de injustiça sejam considerados como algo que afeta não só um indivíduo, mas um grupo inteiro.

Sentimentos de lesão dessa espécie só podem tornar-se a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-los num quadro de interpretação intersubjetiva que os comprova como típicos de um grupo inteiro; nesse sentido, o surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual mas também um círculo de muitos outros sujeitos. (HONNETH, 2003, p. 258).

Pistas para a segunda dimensão de padrão intersubjetivo de reconhecimento que se focaliza na justiça, isto é, a questão da denúncia sendo destaque no minidocumentário “Poderia ter sido você”, uma vez que foi produzido para tensionar a ideia que um vídeo “mostra a realidade” da periferia e denunciar o extermínio de jovens negros após a chacina de 2014.

Todas as pessoas que são envolvidas com o movimento social devem ter sentido, como eu, uma certa sensação de impunidade, tristeza e medo. No caso do vídeo “Poderia ter Sido Você”, buscamos fontes confiáveis com entidades que atuam na defesa dos direitos humanos, depoimentos de familiares e de moradores do bairro que convivem com essa realidade no dia a dia (informação verbal).¹¹⁷

A segunda forma de reconhecimento é a legalidade ou “direito”. Da mesma forma, a o direito é proferido na medida em que todos os homens são iguais e instituídos como tendo direitos. Assim, é apenas reconhecendo o outro como sujeito de direitos que o indivíduo se identifica (HONNETH, 2003). Na visão do autor, os deveres morais devem ser narrados em

¹¹⁶ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

¹¹⁷ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

termos de experiência humana e emergir de nossas próprias deliberações morais. O conteúdo de reciprocidade e os deveres entre os indivíduos dependem da forma e do contexto da relação e dos direitos e deveres devem ser sempre calculados à luz dos direitos e deveres dos outros

Também é possível inferir que o direito:

[...] estende por princípio a todos os homens na qualidade de seres iguais e livres; importava-lhe demonstrar que a autonomia individual do singular se deve a um modo particular de reconhecimento recíproco, incorporado no direito positivo, ao passo que Mead estava interessado primeiramente, com seu conceito de "outro generalizado", apenas na lógica do reconhecimento jurídico como tal. Essa diferença, que negligenciamos até aqui em nossa reconstrução da história teórica, tem de ser clarificada, pelo menos a traços largos, antes que se possa responder a questão sobre que tipo específico de reconhecimento e de auto-relação correspondente está estruturalmente inscrito na relação jurídica; pois, na distinção entre direito ligado à tradição e direito pós-tradicional, torna-se claro que a forma de reciprocidade especial do reconhecimento jurídico, diferentemente daquela do amor, só pode se constituir na sequência de uma evolução histórica. (HONNETH, 2003, p. 180).

Diante desses aspectos, o autor argumenta que, em virtude do não reconhecimento dos direitos individuais, o sujeito acredita que sua integridade social possa estar ameaçada, o que pode desencadear a eclosão da luta pelo reconhecimento e movimentos sociais. Esse processo se desencadeia no modelo de reconhecimento baseado na lei que permite o respeito mútuo entre as pessoas, e assim, constitui-se a base para a formação do autorrespeito no indivíduo.

Para Honneth (2003), o sistema jurídico inserido no registro de categorias pós-convencionais deve ser capaz de expressar os interesses universais de todos os membros da sociedade. Portanto, a questão da imputabilidade moral dos indivíduos só pode ser tratada no contexto das sociedades modernas, uma vez que somente na dissolução das coletividades com base na ética convencional, através da qual nas relações, adequadamente distinguidas entre a estima social (status) e o reconhecimento do direito tradicional dos sistemas jurídicos, o reconhecimento do sujeito como pessoa jurídica estava ligado a questões de status; o respeito foi dado apenas através da estima social, um fato que agora é inimaginável quando as relações jurídicas estão sujeitas aos requisitos da moralidade pós-convencional.

Esse contexto pode ser visto quando as vítimas que aparecem na encenação do vídeo são tomadas como uma esperança na luta pelo direito à vida, prescrito no Artigo 3º Declaração Universal dos Direitos Humanos que “todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Em uma das falas, pergunta sobre o vídeo uma das mães diz:

Portanto, é crucial para o reconhecimento legal descobrir como as características universais que são inerentes ao homem como tal são determinadas, e o que também é a capacidade dos sujeitos de serem respeitados, assim como os outros seres humanos, uma vez que a principal tarefa desta

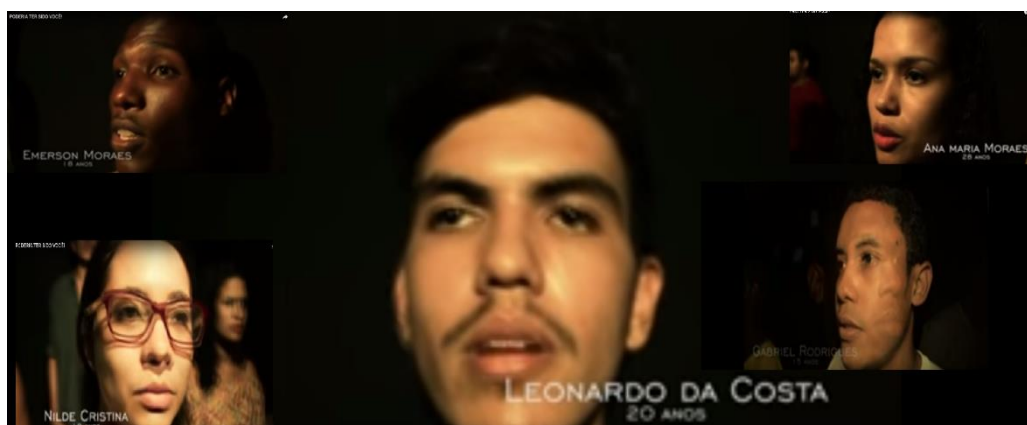
forma de reconhecimento é proteger, no caso da chacina o respeito a vida de jovens negros e periféricos.

Depreende-se, então, que a questão do extermínio da juventude nas periferias elucidado pelos jovens do Coletivo ao fazer minidocumentário “Poderia ter sido você” era exatamente problematizar a garantia do direito à vida e à liberdade e segurança dos sujeitos, já que o extermínio da juventude negra no bairro não é algo circunscrito ao acontecimento da chacina de 2014 apenas, e sim uma ação recorrente que já fez incontáveis vítimas.

Nos estudos feitos no Pará percebe-se duas dimensões nefastas do fenômeno da morte de jovens negros e pobres. A primeira evidencia-se pelo discurso de legitimação dos assassinos e pela criminalização das vítimas, tidas sempre como “vagabundos”, “devedor”, “maconheiro” ou “com passagem”, este discurso sintetizado na expressão “bandido bom é bandido morto” é martelado diariamente por jornalistas e veículos de comunicação na imprensa escrita, falada e televisionada de forma que se tornou um mantra já assimilado por grande parte da população, inclusive pela população que está sujeita a estes matadores (RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DOS CASOS DE CHACINA DOS CASOS DE CHACINAS E EXTERMÍNIO DE JOVENS NEGROS NO PARÁ - OAB, 2017, p. 7).

A encenação, portanto, dos acontecimentos referentes à chacina de Icoaraci, a chacina de Santa Isabel, a chacina do Tapanã, no minidocumentário “Poderia ter sido você” é, sobretudo, a contestação para denunciar algo que já tinha virado corriqueiro nos bairros da periferia de Belém. É uma tentativa de denúncia da negligência e barbárie a que a maioria da população está sujeita, tentando criar condições para que ela possa também pressionar e cobrar a responsabilidade do governo do Estado e dos órgãos competentes em relação à onda de violência.

Imagem 38 – Vídeo “Poderia ter sido você”



Fonte: Canal *YouTube* do Tela Firme (2015)¹¹⁸

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTymevrDkF8>. Acesso em: 18 de nov.2018.

A terceira e última dimensão do reconhecimento reside no campo das relações de solidariedade e estima social, que seriam capazes de proporcionar algo além do respeito universal. Para poderem chegar a “uma auto-relação infrangível, os sujeitos humanos precisam, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas” (HONNETH, 2003, p. 198). A valorização social está associada a uma confiança emocional na propriedade de habilidades e conquistas, que é traduzida na linguagem comum como um “sentimento de valor próprio”. Segundo Honneth (2003) a autoestima, além da autoconfiança e do autorespeito, é a auto-relação inerente à esfera de interação da comunidade de valores e à relação de reconhecimento mútuo de solidariedade, o que possibilita falar de relações pós-tradicionais de solidariedade social que pode ser vista práticas do coletivo Tela Firme dentro do bairro da Terra Firme. E, portanto, pressupõe uma relação simétrica entre sujeitos individualizados e autônomos

Para a relação de reconhecimento, isso só pode significar que está embutida nela, de certo modo, uma pressão para a reciprocidade, que sem violência obriga os sujeitos que se deparam a reconhecerem também seu defrontante social de uma determinada maneira: se eu não reconheço meu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, eu tampouco posso me ver reconhecido em suas reações como o mesmo gênero de pessoa, já que lhe foram negadas por mim justamente aquelas propriedades e capacidades nas quais eu quis me sentir confirmado por ele. (HONNETH, 2003, p. 78).

A reciprocidade como o terceiro elemento de reconhecimento é determinada pelas experiências pessoais dos integrantes do coletivo, uma vez que quase todos os integrantes do grupo já tiveram amigos e parentes próximos mortos em ações violentas e, pelo seu trabalho, que resulta também da reciprocidade dos próprios moradores do bairro, já que para a produção do vídeo foram convidados jovens que moram no bairro e posteriormente passaram a fazer parte do Coletivo Tela Firme.

Foram convidados, inclusive eu fui um dos jovens que foi convidado para participar e depois acabei me tornando parte. Queria falar um pouco do meu bairro querido integrar e revelar as perspectivas das pessoas que moram e vivem no bairro, das pessoas que olham para esse lugar, das pessoas que olham para outras pessoas para dizer a partir das experiências delas mesmas sobre o território, seu espaço, seu lugar de vivência. De outra forma o “Poderia ter sido você” surgiu neste contexto de nós, o coletivo Tela Firme, darmos conta de representar as vítimas, isto tornou-se uma forma de sair um pouquinho até daquele velho método de apenas denunciar e falar. É uma denúncia também, não deixa de ser, mas onde cada um representou uma das vítimas

que falou a sua história, a sua idade e que falou o que aconteceu (informação verbal).¹¹⁹

Esse terceiro elemento de atribuição não é determinado por laço natural ou afetivo pelos imperativos da sociedade civilizada, mas por um reconhecimento do grupo com características pessoais presentes. De outro lado, isso fez a diferença, justamente porque aconteceu num espaço que tem uma tradição de movimentos sociais, que é um território marcado pela história de resistência e lutas por meio das ocupações e dos enfrentamentos que existem no bairro por moradia e por saúde. É a juventude que sempre se mobiliza para reivindicar políticas públicas para o bairro. Primeiro de tudo, as reivindicações do Tela Firme foram articuladas a um preconceito moral (testadas por indivíduos e expressas a forma de protesto social), pré-requisito necessário para desenvolver uma moralidade social baseada no conceito de reconhecimento (HONNETH, 2003).

Na visão do autor, se a moralidade e as experiências dos indivíduos não são descobertas e compreendidas no contexto de sua moralidade potencial (ou seja, identificando sistemas de opressão) e, em seguida, a nossa compreensão do reconhecimento não será suficiente para evitar o desrespeito e evitar a injustiça. Mas, por outro lado, o conceito de reconhecimento também determina como vemos os danos morais e como somos capazes de conectá-los com sistemas de opressão.

De outra forma, é por meio do confronto que,

[...] um acontecimento coletivo é capaz de fundar relações espontâneas de interesse solidário para além dos limites sociais [...] Na experiência partilhada de grandes fardos e privações, origina-se uma nova estrutura de valores que permite aos sujeitos estimarem-se mutuamente por realizações e capacidades que antes não tinham importância social (HONNETH, 2003, p. 209-210).

Então, de uma forma, o caminho para compreender as demandas de Justiça e o modo de atitude necessário para desenvolver uma boa moralidade social também serve ao fim da realização da emancipação. A melhor maneira de analisar a teoria de Honneth (2003) é como a espinha dorsal de um sistema de crítica social, que pode continuar a desenvolver-se. Além disso, sua teoria moral social é um sistema de autorreflexão crítica que deve ser adotado para perseguir a sociedade justa. É necessário que todos tenham essa visão de autocrítica como aponta Honneth (2003), por causa da profundidade e complexidade a que a opressão atua na sociedade- não é apenas uma questão de direito formal, mas que também perpassa pela família, relacionamentos, estruturas comunitárias e relações laborais.

¹¹⁹ Depoimento concedido por Adriano Mendes. Belém, 2 de julho. 2018.

Em vista disso, a reciprocidade está particularmente preocupada com as relações de grupo, que derivam da experiência de condições difíceis e negativas e, é neste âmbito que há uma oposição geral à repressão política, atingido no horizonte dos valores, que todos aprendem a mesma maneira de reconhecer a importância da capacidade e das características do outro (ALBORNOZ, 2011), por isso só as práticas solidárias “podem abrir o horizonte em que a concorrência individual por estima social assume uma forma isenta de dor, isto é, não turvada por experiências de desrespeito.” (HONNETH, 2003, p. 211).

4.3.3 Os interlocutores e o Poderia ter sido você

A propósito disso, Assunção (2020) relembra que naquele momento da chacina “houve essa revolta e para a gente fica claro que isso veio da polícia” (informação verbal). Buscando formas de fazer justiça às vítimas ela afirmou que “Quem matou o cabo poderia ter sido investigado, preso e a justiça ia fazer o seu papel, mas chegaram aqui de forma cruel” (informação verbal)¹²⁰. Segundo ela:

Tocaram o terror e a gente presenciou isso. Então, o documentário veio também para abrir a mente de muitas pessoas que não querem acreditar nisso. A milícia manda fotos para nós da comunidade para saber quem é que está na mira deles; quem é que vai morrer. Tornou-se uma coisa meio banal. As pessoas julgam que isso é normal. (informação verbal)¹²¹.

Podemos ver, nas palavras de Assunção, a construção da banalidade do mal, lembrando de Arendt, em que os policiais, naquele momento, já nem se percebem no seu próprio agir, não conseguem se colocar no lugar do outro e terem a dimensão do que representa o próprio ato. Isto é, não há uma reflexão sobre como a capacidade destrutiva de sua ação e a burocratização da vida pública poderiam representar uma ameaça à democracia (ARENDRT, 1999).

O mal, portanto, torna-se banal a partir da superficialidade e da superfluidade. A superficialidade está contida na ideia de que quanto mais superficial for uma pessoa, maior a probabilidade de ela ceder aos encantos do mal. Para tanto, utilizam-se os clichês, as frases feitas, adesão a códigos e expressão e conduta convencionais e padronizadas, que impedem a percepção da realidade e do conseqüente pensamento aprofundado. Essa superficialidade é facilmente verificada em Eichmann. Já a superfluidade vincula-se ao sentido utilitário das sociedades de massa, em que a política e a economia tornam o homem supérfluo a partir de seus instrumentos totalitários (ARENDRT, 1999, p. 130).

Em outras palavras, poderíamos dizer, impera a banalização do mal em gestos como mandar fotos de quem vai morrer, quem são os marcados para morrer, de acordo com um plano

¹²⁰ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

¹²¹ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

pautado pelo sentido utilitário da ação de matar, em que a vida das vítimas é vista de forma supérflua. A violência policial representa, portanto, a banalização do mal, a falta de reflexão sobre os acontecimentos, a falta de alteridade em um Estado totalitário.

É minha opinião agora que o mal nunca é ‘radical’, que ele é apenas extremo e que não possui nem profundidade nem dimensão demoníaca. Ele pode invadir e destruir todo o mundo precisamente porque se propaga como um fungo na superfície. Ele desafia o pensamento, como disse, porque o pensar busca a profundidade, procura alcançar as raízes e, no momento em que se ocupa do mal, se vê frustrado porque nada encontra. Esta é a banalidade do mal. Só o bem tem profundidade e pode ser radical (ARENDR, 1999, p. 101).

Dessa maneira, o mal é banal quando ele se reproduz por meio da violência. Quando a razão é instrumentalizada como máquina da morte, o tecnicismo bélico atinge o auge e reproduz nos corpos assujeitados, falas de insensatez, discursos que se desviam das regras morais e do próprio senso da liberdade sobre a vida humana.

É possível estabelecer um paralelo entre a superficialidade de que fala Arendt e a relação entre o empobrecimento do espaço interior e os processos psicológicos e sociais de uma forma de violência muito específica típica das sociedades de consumo de que fala Haroche.

A humilhação nas sociedades de consumo de si não é idêntica à humilhação nas sociedades de produção. A superficialidade, o desengajamento – tanto nas relações individuais, pessoais, privadas, quanto nas relações entre os grupos – situam-se, hoje, no centro dos processos de alienação e humilhação no individualismo contemporâneo e nas sociedades de consumo. Ser o outro, o parceiro numa relação desengajada – em que não se tenha atenção, consideração e reconhecimento nem existe a fortiori um sentimento de valorização – torna-se humilhante, pois releva a instrumentalização e o intercambiamento entre os indivíduos e a desvalorização e o sentimento de si mesmo e do futuro. A privação específica de si e o sentimento mais do que a consciência se encontram no cerne da humilhação nas sociedades de consumo (HAROCHE, 2008, p. 179-180).

A ideia irrefletida da chacina se expressa na intenção midiática de transformar o acontecimento em um espetáculo para conseguir audiência, ao mostrar que tinha acontecido uma verdadeira carnificina na noite anterior.

Já ouvi muitas vezes minhas amigas falarem: “Fulano morreu, mataram fulano porque ele estava envolvido”, mas quem tem o direito de tirar a vida de alguém? Quem tem o direito de chegar e assassinar arrancar dos braços da mãe um jovem? Ninguém tem esse direito. As pessoas da nossa comunidade falam isso porque muitas são influenciadas pelo o que a mídia mostra. (informação verbal).¹²²

Aqui nesse fragmento de Assunção (2020) é importante também desnaturalizar a ideia de que se alguém está envolvido com o tráfico, com o crime, pode ser morto. Afinal, ao menos

¹²² Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

formalmente, estamos num Estado de Direito, que é desmistificado pelos autores, como Mbembe (2018) e Butler (2015).

O documentário, nesse sentido, busca romper com a ordem das sensações que prevalece na dinâmica midiática, marcada pela superficialidade e ausência de reflexão, em torno da chacina, restituindo-lhe a dimensão sensível, reflexiva, ao mostrar como foram gratuitas a violência e as mortes que dela decorreram, como passaram ao largo da justiça, e representaram o mais puro terror. A dimensão sensível da chacina pode ser observada em Haroche (2008), quando esclarece que as transformações atuais de humilhação promovem desilusão e desconforto, enquanto estão escondidas nas regiões mais “sensíveis e mais profundas da subjetividade. “As formas de sentir nos levam a cenários que são gradualmente e insidiosamente possíveis. Levam-nos ao niilismo generalizado e à violência extrema” (p. 198).

Na contranarrativa do vídeo “Poderia ter sido você” evidencia-se a condição da sensível, e podem ser vistas, ali, formas de reconhecimento intersubjetivo que do nosso ponto de vista “se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido”. (DELEUZE, 2006, p. 138). Podemos observar a dimensão sensível e intersubjetiva no o vídeo conforme Modesto e Souza (2020) expõem:

O vídeo “Poderia ter sido você” traz essa reflexão, apresentando esses personagens. Mostra que são pessoas jovens, pessoas comuns e não havia nenhum motivo para matarem brutalmente homens, mulheres e adolescentes. O vídeo tem um olhar sensível e reflexivo. (informação verbal).¹²³

Vejo Vítimas de um sistema que mata pretos da periferia. Tenho certeza que eles se reconhecem. São lembranças de filho, irmãos, amigos e conhecidos que foram assassinados ou foram afetados de alguma maneira.¹²⁴

Ao nosso ver, o “Poderia ter sido você” traz a representação da dimensão sensível da chacina uma vez que o objeto, no caso, o vídeo pressupõe o exercício dos sentidos com aponta Deleuze (2006), o vídeo, portanto, torna-se um “um ser sensível, mas o ser do sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado. Ele é também, de certo modo, o insensível, para os meus interlocutores, pois revivem e apreendem um signo do sensível em que no vídeo há a “sensibilidade, em presença daquilo que só pode ser sentido (o insensível, ao mesmo tempo)” (p. 139). No minidocumentário as vítimas da chacina são personagens incorporadas por jovens moradores do bairro.

No vídeo, vemos as vítimas serem representadas por pessoas que conhecemos e que estão no nosso convívio. Tudo isso nos aproxima e nos faz sentir um pouco dessa dor

¹²³ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

¹²⁴ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

e desse medo. O vídeo em questão, com a ajuda da internet, possibilita manifestar a nossa versão dos fatos, como nos sentimos e como vemos tudo isso. Ele é o contrário do que é veiculado pelas grandes mídias. Mostramos que sofremos e somos vítimas também. São trabalhadores, estudantes, artistas, pais e mães que choram pelos seus filhos retratados no jornal de sangue. Para isso, a imprensa não olha. O sensacionalismo fala mais alto e vender a notícia é muito mais importante. (informação verbal).¹²⁵

No vídeo, a gente pode se reconhecer, lembro que só havia os nomes, a idade, a forma que foi assassinado ou apenas um número geral. O “Poderia ter sido você” tentou humanizar essas palavras e números e mostrar o rosto das pessoas. O nome do “Poderia ter sido você” faz a pessoa se aproximar dessa realidade. (informação verbal).¹²⁶

A narrativa do vídeo mostra que eram pessoas jovens, comuns, que tiveram a vida retirada de maneira brutal. O vídeo humaniza e singulariza cada um. Todos têm rosto, nome e endereço. E, principalmente, uma história de vida que foi interrompida de maneira injustificável. Em outras palavras, o vídeo vai na contramão do discurso midiático, que naturaliza o episódio e não são investigadas as histórias dessas pessoas, dessas famílias, para saber se realmente elas tinham algum envolvimento com o crime. Há o relato do fato, mas não uma reflexão mais profunda para tentar esclarecer o acontecimento.

O policial militar que foi interlocutor da pesquisa aprovou a forma como se apresenta a narrativa no vídeo. Ele afirmou que os integrantes do Tela Firme trataram as “vítimas como deve ser, como seres humanos, e ainda sim isso é uma tarefa hercúlea e arriscada porque parece que o mundo acha isso um absurdo”. Na perspectiva do policial militar (2020):

No filme do Tela Firme fica claro que para aqueles produtores de conteúdo as vítimas não eram só uma pauta, um número ou uma lista de nomes sem rosto que seria usada como estratégia de ‘marketing’ arma contra inimigos políticos. Ali fica mais que clara a defesa da vida. (informação verbal).¹²⁷

Amaral (2020), uma das mães entrevistadas, acredita que o vídeo traduz o drama vivido pelos moradores ante a chacina:

Quando ela (a polícia) te vê com a sobrelha com aquele risco e o cabelo loiro, diz que quem usa é um palhaço ou um marginal. Na verdade, o agente do Estado diz. Quando a gente não tem um estado que pune realmente quem mata dessa forma é isso que acontece. Eles ganham cada vez mais espaço. Eles se tornam a força, que é o que está acontecendo agora, dentro desse contexto de violência. O vídeo fala justamente isso. (informação verbal)¹²⁸.

¹²⁵ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

¹²⁶ Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

¹²⁷ Depoimento concedido pelo Policial. Belém, 29 de março. 2020.

¹²⁸ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

É importante destacar, nas falas de Aviz e Santos (2020), o contraponto entre a narrativa do vídeo e a narrativa midiática, despersonalizando, generalizando, desumanizando as vítimas.

O vídeo do Tela Firme mostra as vítimas como realmente eram. Onde moravam, o nome. Já nas grandes mídias, como foi dito, o que ouvimos são termos como “o elemento”; “o indivíduo”. Esses termos fazem parecer que eles morreram por estarem errados de alguma forma ou por estarem no lugar errado. (informação verbal).¹²⁹

A mídia naturaliza episódio. Houve uma chacina e os jornais relatam que essas pessoas tinham algum envolvimento com o tráfico. Ela não investiga as histórias dessas pessoas, dessas famílias, para saber se realmente essas pessoas tinham algum envolvimento com o crime. Não há um questionamento por parte do Estado, nessa situação. Relatam o fato, mas não fazem uma reflexão mais profunda para tentar esclarecer o acontecimento. Vejo que o vídeo fala da violência no contexto da violência, mas a mídia criminaliza diferente. A mídia criminaliza dizendo que o jovem que ia passando ali assaltou fulano. Se mais tarde esse jovem tiver sido assassinado foi porque ele roubou. Ele não foi preso. Não foi uma medida socioeducativa, pois isso não educa ninguém e a gente sabe disso. Essa é a minha maneira de ver. Não tem outra coisa para dizer sobre o jornalismo, principalmente o da rede Record e do Liberal.¹³⁰

São formas persistentes de desumanização, que vêm sendo reiteradas desde a colonização, segundo Fanon (1968) e elas estão diretamente vinculadas ao racismo por meio de torturas, liquidações seguindo a lógica mortífera da violência contra pessoas negras, que ele denuncia de forma contundente.

A desgraça do homem de cor é ter sido escravizado. A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o homem em algum lugar. Consiste, ainda hoje, em organizar racionalmente essa desumanização. Mas, eu, homem de cor, na medida em que me é possível existir absolutamente, não tenho o direito de me enquadrar em um mundo de reparações retroativas. Eu, homem de cor, só quero uma coisa: que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. (FANON, 1968, p. 190-191).

Na fala de Costa (2020) isso pode ser observado. A seu ver, o que os jornais mostram sobre a chacina é uma realidade forjada, que desumaniza as pessoas e jovens das periferias. Podemos destacar isso quando, na narrativa do vídeo há um olhar dentro que vai na contramão das narrativas hegemônicas midiática, bem como explica Costa (2020):

Então, acredito que a forma que o coletivo Tela Firme encenou no documentário retrata uma realidade que está sendo contada por jovens de dentro da periferia, de quem vive ali dentro, isto é, de quem vive a violência e sofre com a crueldade e não de quem não mora no bairro, como os jornais mostraram. Isso é uma realidade forjada. (informação verbal).¹³¹

¹²⁹ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

¹³⁰ Depoimento concedido por Santos, S. Belém, 28 de março. 2020.

¹³¹ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

Fanon (1968) chama a atenção para uma ruptura na história de dominação e opressão de uma pessoa para outra, a fim de remover as vozes do passado, que elogiaram a desumanização, a fim de justificar o início da comunicação verdadeira e inalienável em favor da liberdade. Segundo ele trata-se de um novo humanismo, na qual ele chama de revolucionário em que destrói a desumanização.

No vídeo, é feito o regaste histórico de outras chacinas que aconteceram em anos anteriores. Para Mendes (2020), que integra o coletivo, “encenar o vídeo foi muito legal, uma vez que deu uma perspectiva histórica também de algo que já acontecia”. Ele esclarece que naquele momento (informação verbal)¹³², a ideia do Tela Firme era ressaltar que o que aconteceu foi algo muito cruel com os moradores não só do bairro, como de outros da periferia de Belém, mas que não foi a primeira vez. A intenção do documentário, segundo o integrante do Tela Firme, foi colocar isso numa dimensão mais ampla e ressaltar um pouco da vivência das pessoas. O que se queria era mostrar o que as pessoas estavam fazendo naquele momento. “Batista quando fez o roteiro, pegou parte do que os jornais disseram e mostrou que uma pessoa estava voltando de uma comemoração com os amigos; outros estava saindo do trabalho.” Afirma Mendes (2020) que os fatos aconteceram antes que esses jovens fossem assassinados, humanizando as vítimas, porque os jornais e noticiários só mostraram os números, dizendo que foram onze assassinados. Nós pouco sabemos sobre a história daquelas pessoas e das famílias delas. (informação verbal)

Todos (eu arrisco dizer “todos” nós) nós nos reconhecemos, pois todos nós conhecemos alguém que foi vítima ou alguém que perdeu algum parente para a violência e essas pessoas com certeza têm um olhar sobre os fatos que difere do olhar da grande mídia. (informação verbal).¹³³

Dá sim para entender. Dá para perceber. Me enxergo ali. Vejo que poderia ter sido eu e a própria família das vítimas também conseguem se reconhecer. Está muito claro o que os jovens estão encenando ali. A narrativa do documentário é uma situação real que dá para sentir mesmo. (informação verbal).¹³⁴

Ao serem perguntados sobre maneira como o vídeo retrata a situação da violência no bairro da Terra Firme e se é possível se reconhecer no vídeo, destacamos nas falas as zonas da intersubjetividade, referidas por Freire (2011) como o lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, que também é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo

Já Modesto (2020) moradora do bairro e integrante do Cine Clube TF, afirma que:

¹³² Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020

¹³³ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

¹³⁴ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

O vídeo retrata uma contranarrativa da chacina de 2014, ou seja, a periferia recontando o episódio. A mídia hegemônica retrata os fatos de forma hostil, sempre questionando o caráter das vítimas, colocando-as sempre na condição de pessoas de "má índole", como se isso fosse uma justificativa para a execução das mesmas. O coletivo Tela Firme, por outro lado, mostra uma narrativa mais sensível sobre os fatos, recontando a história através da visão dos moradores do bairro. (informação verbal).¹³⁵

Na sua opinião, o coletivo Tela Firme, por outro lado, mostra uma narrativa mais sensível sobre os fatos. Essa dimensão e narrativa sensível, como se pode ver é contada pelos moradores, nos movimentos organizados dentro do bairro, em que as reivindicações, hoje, acompanham-se muitas vezes de uma sensibilidade extrema em relação ao outro e que são “indissociáveis de reivindicações identitárias que se traduzem [...] a própria ideia de sociedade democrática” (HAROCHE, 2008, p. 135).

A dimensão intersubjetiva da experiência da chacina, ainda que pela via da dor e da tragédia, acabou fortalecendo laços de solidariedade entre os moradores do bairro, como testemunha Aviz (2020).

De alguma forma, esses acontecimentos despertaram o sentimento de solidariedade, que serviu para unir mais as famílias. Hoje, as pessoas dizem com orgulho que são da periferia porque assim se sentem fortes e não mais sozinhas. Elas irão defender e brigar se for preciso. Ao meu ver, é assim que os moradores se sentem, não mais sozinhos e sem voz. (informação verbal).¹³⁶

As injustiças podem provocar o deslocamento das forças coletivas, quando a vulnerabilidade se torna uma preocupação moral e suscita, como aponta Honneth (2003), as lutas pelo reconhecimento e a defesa da identidade e da autonomia podem assumir a forma de luta pelo acesso igualitário ao direito, à justiça e ao uso justo dos recursos públicos, bem como maior participação na formação pública da vontade coletiva.

Para Mendes (2020) o “Poderia Ter sido Você” tem uma diferença muito significativa, uma vez que o Tela Firme tenta através do vídeo.

Teve uma audiência na OAB, na qual teve um repórter que comentou com outra pessoa que recebeu a notícia dizendo que estavam matando várias pessoas durante a chacina. Quando eu cheguei na Terra Firme, haviam só três mortos. Existia uma intenção da mídia em transformar aquilo num espetáculo para conseguir muita audiência e mostrar que tinha acontecido uma verdadeira carnificina na noite anterior (informação verbal).¹³⁷

Entre os interlocutores da pesquisa, muitos se veem representados na narrativa do vídeo. Costa (2020) disse que “dá sim para entender. Dá para perceber. Me enxergo ali. Vejo que

¹³⁵ Depoimento concedido por Modesto, J. Belém, 2 de abril. 2020.

¹³⁶ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

¹³⁷ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

poderia ter sido eu e a própria família das vítimas também consegue se reconhecer” (informação verbal)¹³⁸. Já Assunção (2020) afirma que “Sim, a gente pode se reconhecer, porque ali dizem os nomes de jovens de dezesseis, dezenove e vinte anos. Jovens que tiveram suas vidas interrompidas. Foram muitos assassinatos”. (informação verbal)¹³⁹. A ideia de que todos são vítimas em potencial é importante de ser destacada no vídeo “Poderia ter sido você”, como observa Aviz (2020) o “vídeo retrata a chacina mostrando que todos estão vulneráveis e são potenciais vítimas. O grande pavor causado na ocasião fez as pessoas perceberem que qualquer uma delas poderia ser a próxima vítima” (informação verbal)¹⁴⁰. A forma como o acontecimento apareceu na cobertura midiática e como a polícia abordava na entrada do bairro era prova disso.

Penso que os moradores se reconhecem sim, pois isso acontece de maneira recorrente, infelizmente. O motivo é essa frequência, principalmente de jovens em situação de vulnerabilidade, pessoas que têm famílias mal estruturadas, com uma situação financeira baixa. Então, é comum essas pessoas serem vítimas desse episódio que aconteceu. (informação verbal).¹⁴¹

Dá sim para se reconhecer. Creio que o medo maior era de morrer inocentemente. Houve jovens que morreram e que não tinham nada a ver com tráfico, com a morte do policial ou com assaltos. Por isso, é bem complicado aceitar essas mortes, porque eram jovens empenhados nos seus estudos e trabalhos. (informação verbal).¹⁴²

Percebe-se nessas falas o que Freire (2011) postula sobre o mundo das consciências intersubjetivas, em que há um autorreconhecimento dos moradores, que se projeta e completa no reconhecimento do outro. Se o mundo é o mundo das consciências intersubjetivadas, sua elaboração forçosamente há de ser pela via da colaboração. O autorreconhecimento plenifica-se no reconhecimento do outro (FREIRE, 2011).

“Hoje, eu vejo matérias boas da minha TF e quando não aparecem na televisão, a quebrada mesmo faz” (informação verbal)¹⁴³, orgulha-se Costa (2020), valorizando as relações intersubjetivas no bairro. Ele diz que há áreas da periferia que são os guetos, ou os becos, como os moradores também chamam, que ficam no final da feira. Os becos têm vielas que caracterizam mais a periferia e como a enxergamos.

¹³⁸ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

¹³⁹ Depoimento concedido por Assunção, A. Belém, 29 de março. 2020.

¹⁴⁰ Depoimento concedido por Aviz, E. Belém, 3 de abril. 2020.

¹⁴¹ Depoimento concedido por Santos, S. Belém, 28 de março. 2020.

¹⁴² Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

¹⁴³ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

Imagem 39 - Nossa Arma é a Arte



Fonte: Facebook Tela Firme, 2019¹⁴⁴.

Dessa maneira, podemos observar a vida que pulsa no bairro não está atrelada ao que se diz dele de forma estereotipada. A partir do sentimento de mostrar nuances sociais por meio de outras perspectivas, as dos sujeitos da experiência, a autorrepresentação em cada contexto oferece a oportunidade de reconstruir e remodelar a realidade vivida, o que implica uma tentativa de democratizar as representações.

A autorrepresentação pode ser observada, quando meu interlocutor Costa (2020) afirma sobre a Terra Firme em que meio as estruturas desiguais e tanta violência e maus tratos, vê nos moradores pessoas alegres com seu viver. “Vejo pessoas alegres em meio às desigualdades sociais, principalmente na falta de saneamento básico. Ainda assim, a gente consegue brincar e ser feliz. Por exemplo, no dia que tem o jogo REXPA, as pessoas brincam umas com as outras.” (informação verbal)¹⁴⁵. Souza (2020) diz “vejo boas na minha TF e quando não aparecem na televisão, a quebrada mesmo faz!” (informação verbal)¹⁴⁶. Em outras palavras, a vida flui, simplesmente, são pessoas comuns, que gostam de se divertir, de brincar, de torcer. Elas não precisam de autorização de ninguém para isso, elas simplesmente vivem e se permitem, como qualquer pessoa, usufruir as coisas boas da vida.

¹⁴⁴ Disponível em:

<https://www.facebook.com/telafirme/photos/a.1470991659780792/2378519375694678/?type=3&theater>. Acesso em 16 de jun.2020.

¹⁴⁵ Depoimento concedido por Costa, R. Belém, 29 de março. 2020.

¹⁴⁶ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

Cruz (2020) uma das mães das vítimas, diz que se reconhece na Terra Firme ela conta que mora no bairro “há mais de cinquenta anos e que tem muitas pessoas queridas e nunca teve medo de morar lá. O bairro é maravilhoso” (informação verbal)¹⁴⁷. No entanto, já para uma outra mãe a Amaral (2020) conta que o bairro é muito bom, de muitos movimentos sociais e culturais, mas em relação à criminalização ela conta que “cada um fala por si, mas a imagem dos moradores só não é melhor porque os mesmos criminalizam o filho do vizinho. Por que o filho deles é melhor que o filho do vizinho?” (informação verbal)¹⁴⁸ Nesse fragmento, pode-se entender uma tensão em relação à criminalização no interior do bairro, que não é só de fora para dentro. Mas reiteramos aqui que essas tensões podem favorecer um bom diálogo de reconhecimento, Freire (2011, p. 16) assinala que a construção da vida em comum pressupõe que os sujeitos estejam em comunicação e colaboração. O reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum (FREIRE, 2011).

A esse respeito, a Terra Firme, faz a diferença, como bem aponta meu interlocutor integrante do Cine Clube TF Souza (2020), aqui na Terra Firme “somos fazedores de cultura [...] Aqui tem muita gente do bem (muita)! Apesar da ausência de políticas públicas, nós desbravamos caminhos para mudar nossa realidade e recontar nossa história”. (informação verbal)¹⁴⁹.

Como observa Silva (2020) para ele essa imagem é de discriminação, “porque somos julgados por estar na rua, estar vestindo uma roupa da Nike, sandálias da Kenner, de boné ou até mesmo só por estar na rua. Lembro muito bem que os jovens foram assassinados porque estavam na rua em um determinado horário”. (informação verbal)¹⁵⁰. Para ele muitos jovens que estavam na rua naquele momento foram associados aos criminosos exatamente por conta desses estereótipos. Algo que propõe Goffman (2008) sobre as identidades sociais que são atribuídas de fora para dentro, alguém diz de alguém que ele é isso ou aquilo, quando distingue as identidades pessoais das sociais e mostra que estas últimas são atribuídas.

Souza (2020) reitera sobre a identidade atribuída pela mídia dos moradores como uma propagação de rótulos. Segundo o jovem do Cine Clube TF, algumas pessoas acreditam que as falas da mídia “são verdades absolutas e propagam esses rótulos, mas existe também muita gente engajada na desconstrução desses estereótipos e na desmistificação desse imaginário

¹⁴⁷ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

¹⁴⁸ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁴⁹ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

¹⁵⁰ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

criado pelos veículos de comunicação” (informação verbal)¹⁵¹, isto é, a luta por autorrepresentação, também pode ser compreendida como parte de uma luta por reconhecimento social e pelo direito à diferença (ZANNETTI, 2010; HONNETH, 2003; DELEUZE, 2005). A estima que os indivíduos legitimamente obtêm na sociedade não está relacionada à origem social, mas à sua participação como membro do Estado e da sociedade e sua contribuição cooperativa, que se baseia em méritos individuais, ancorados na ordem dos valores que estrutura a divisão de práticas.

Sobre isso, Amaral (2020), mãe de umas das vítimas e militante, sobre o vídeo, ela diz que “a narrativa deles é muito boa. Eu gosto. Gostei muito, mas ainda assim eu volto a reafirmar que ela ainda não está nem perto da nossa realidade, porém, penso que tudo é um começo”. Segundo ela, “esse dia foi um começo, mas já tivemos mais chacinas. Já tivemos mais coisas que poderiam ter mostrado mais”. (informação verbal)¹⁵².

Levei esse vídeo para outros meninos de outros bairros do Tapanã, que era onde meu filho morava, e eles reconheceram. Eles disseram: “tia, é igual quando a gente está aqui que a gente não pode estar na frente de casa que eles passam. Eles batem. Eles fazem isso fazem aquilo”. Então eu acho que o vídeo representou não só a violência mas também o direito de ir e vir que nós não temos por estar em uma periferia. Como você está com seu cabelinho louro e com uma tatuagem, a polícia criminaliza. (informação verbal).¹⁵³

Podemos observar o que é dito acima na fala de Amaral (2020) como uma experiência que é compartilhada com jovens de outros bairros periféricos. Ela toca em um ponto-chave: o direito de ir e vir que é cerceado entre esses jovens.

Outra mãe, Cruz (2020), apontou que o vídeo do Tela Firme, rememora tudo que ela viveu, momentos antes do seu filho ser alvejado por milicianos. Ela nos esclarece:

Como eu disse, nessa noite poderia ter sido eu também porque se eu tivesse encontrado a chave eu teria saído e eu seria uma das vítimas. Eu iria morrer junto com ele. Muitas pessoas ficaram trancadas em casa com medo. O jovem que falei, que estava na cadeira de rodas, poderia ter sido ferido também porque na hora da confusão ele poderia ter caído e batido a cabeça. Ele poderia ter morrido por causa dessa tragédia. (informação verbal).¹⁵⁴

Para outro jovem interlocutor, Silva (2020), o vídeo deixa um alerta, isto é, um toque para os jovens. Conforme exposto em sua fala “vejo um alerta para a juventude em relação à

¹⁵¹ Depoimento concedido por Souza, V. Belém, 9 de abril. 2020.

¹⁵² Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁵³ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁵⁴ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

criminalidade. Vejo que o crime não compensa e que em hipótese alguma, a mídia verá o lado bom da situação” (informação verbal)¹⁵⁵.

Já para Serrão (2020) integrante do Tela Firme a narrativa do “Poderia ter sido você” tentou humanizar essas palavras e números e mostrar o rosto das pessoas. Como já observado em outro momento no trabalho, os integrantes do Tela Firme relatam que o objetivo do vídeo é fazer um contraponto a mídia hegemônica e disputar a audiência, uma vez que muitos dos moradores não se sentem representados pelas narrativas midiáticas.

Batista (2020) esclarece que antes mesmo de gravarem o documentário, o grupo buscou “fontes confiáveis com entidades que atuam na defesa dos direitos humanos, depoimentos de familiares e de moradores do bairro que convivem com essa realidade no dia a dia” (informação verbal)¹⁵⁶. Algo que se diferenciou das narrativas da grande mídia que, segundo ele, não são fontes confiáveis. Para o integrante do Tela Firme, a grande diferença está nas fontes que são consultadas para obter as informações, “a mídia repassa a informação apurando os fatos a partir de fontes oficiais, que muitas vezes não são confiáveis, pois o estado não tem interesse em desvendar crimes dessa natureza, uma vez que as maiores vítimas são os mais pobres”. (informação verbal)¹⁵⁷.

Recria, a partir de outro espaço narrativo, na linguagem audiovisual, uma realidade partilhada de maneira trágica pelos moradores e, ao fazê-lo, desperta neles identificação, como se o vídeo fosse portador de algo que eles não conseguem ver em outras telas, naquilo que é dito por outros sujeitos que não vivem a realidade deles, mas a julgam e estigmatizam. Nesse sentido, o documentário torna-se um espaço de emancipação da imagem dos moradores, que nele se reconhecem e se veem representados.

Zanetti (2008) ressalta que o cinema periférico compreende, portanto, uma ampla e diversificada produção audiovisual ligada a uma rede que envolve não apenas diretores audiovisuais, mas também uma série de iniciativas voltadas para a exposição e distribuição desses produtos de forma orgânica, como destaca Serrão (2020) em seu relato:

Foi de modo muito orgânico a construção do vídeo. Acho que ninguém quer pessoas encapuzadas andando na comunidade atrás de alvos. Existe uma justiça legal e apesar das várias críticas sobre como ela tem sido exercida, é nela que devemos confiar e exigir investigações e punições. Lembro que teve algumas pessoas assassinadas e que eram inocentes. (informação verbal).¹⁵⁸

¹⁵⁵ Depoimento concedido por Silva, V. Belém, 9 de abril. 2020.

¹⁵⁶ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

¹⁵⁷ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

¹⁵⁸ Depoimento concedido por Serrão, I. Belém, 30 de março. 2020.

Assim aponta Batista (2020) idealizador do Tela Firme:

O “Poderia ter sido você” surgiu a partir da necessidade de levar nosso ponto de vista sobre o ocorrido. A intenção foi abordar várias chacinas para não tratá-la como um caso isolado. É um “modus operandi” que ocorre há muito tempo, inclusive com participação frequente de agentes de segurança. (informação verbal).¹⁵⁹

Com a reiteração desse modus operandi na chacina de 2014, a denúncia efetivada pelo coletivo fez com que muitos moradores e outras iniciativas externas ao bairro se engajassem na luta contra o extermínio da juventude negra periférica. Mendes (2020) lembra que, até aquele momento, não existia nenhuma preocupação com os mortos e com as consequências que esse dia poderia causar na vida e na saúde mental das pessoas. Para ele, o vídeo tentou humanizar as vítimas, colocar os problemas que existem e mostrar que moradores também são vítimas. A seu ver, os jovens pretos e moradores do bairro, sofrem “com as consequências de um Estado brasileiro extremamente desigual, com concentração de renda e com uma vida muito precária da população mais pobre” (informação verbal)¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Depoimento concedido por Batista, F. Belém, 31 de março. 2020.

¹⁶⁰ Depoimento concedido por Mendes, A. Belém, 7 de abril. 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a escrever este trabalho não tinha ideia exatamente de sua dimensão. Sabia, sim, que o coletivo Tela Firme, assim como outros coletivos, lutam em favor de um lugar melhor para a Terra Firme e os que nela vivem, a questão que sempre norteou meu pensamento foram justamente os estigmas que nós, moradores jovens do bairro, carregamos, onde quer que a gente vá. Como já mencionei aqui o meu lugar de fala, a pesquisa foi o espaço que me foi concedido para poder fazer ecoarem vozes historicamente silenciadas. A chacina de 2014 é um exemplo extremo da violência que impera em nosso cotidiano. A pesquisa embarcou em águas profundas e desembarcou em mananciais de esclarecimentos em que, ao meu ver, pude me reconhecer e me reconstruir como ser humano, como bem apontam as práticas intersubjetivas de reconhecimento.

Desse modo, as lutas pela autorrepresentação por meio de produções audiovisuais, como no vídeo “Poderia ter sido você”, objeto desta pesquisa, “ultrapassam a dimensão da “realização artística”, e adquirem contornos políticos, num sentido mais amplo desse conceito” (ZANETTI, 2008, p. 16). A contranarrativa vista no vídeo mostra a solidariedade, a justiça e a estima social. O Tela Firme, ao encená-lo, manifesta sua intenção de fazer ecoar as vozes da quebrada, pilares intersubjetivos, como aponta Honneth (2003), impulso para a resistência na afirmação identitária. Assume criticamente a dinâmica de sua subjetividade de criação e faz com que todos juntos se unam em um círculo e em colaboração, recriando o mundo e reconstruindo-o. O discurso recorrente em relação à produção audiovisual periférica defende o direito à autorrepresentação como forma de combater estereótipos na representação midiática e o não reconhecimento das práticas de representação, comunicação e interpretação de determinadas áreas da sociedade (ZANETTI, 2010).

O discurso recorrente associado à produção audiovisual de periferia defende o direito à autorrepresentação como forma de combate aos estereótipos nas representações midiáticas e também ao não reconhecimento de práticas representacionais, comunicativas e interpretativas de determinados setores da sociedade. Ou, nas palavras de Manaíra Carneiro, codiretora do filme *5x favela – Agora por nós mesmos*, “A representação mudou de figura. Não são mais eles que falam o que a gente faz. A gente mesmo tem voz e conta nossas histórias” (2013, p. 127).¹⁶¹

De outra forma, para meus interlocutores, se faz imperioso reconhecer que este mundo, embora também tenha sido construído por eles, não é realmente para eles. Humanizado por eles,

¹⁶¹ In: SABACK, L.; PATROCÍNIO, P.R.T. A insurreição dos sujeitos silenciados. Autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual. *Alceu*, v. 3 – n. 26, p. 127-140, jan./jun. 2013.

este mundo, que é o da solidariedade, da sensibilidade humaniza (FREIRE, 2011). Amplificando as vozes e a diversidade de performances na produção audiovisual e que poderiam ser representadas por uma reflexão da própria experiência do coletivo, no sentido de inspirar as pessoas e, também, expressar suas visões, suas posições em face do que julgam e entendem como profundamente injusto. Especialmente sobre a experiência de comunicação realizada em condições que contrariam a lógica das redes de informação, fortalecem assim as relações sociais entre os indivíduos que compartilham o mesmo mapa de significados. As relações de proximidade possibilitadas pelo lugar favorecem um processo incessante de interação, “uma experiência comunicacional que se processa de forma oposta à lógica das redes informacionais, fazendo com que se fortaleçam os laços sociais entre indivíduos que têm em comum os mesmos quadros de experiência” (BRITO; STEINBRENNER; CUNHA; 2017, p. 24).

Logo, o que se percebeu é que a produção audiovisual do “Poderia ter sido você” se destaca como instrumento de produção e posicionamentos discursivos do Coletivo Tela Firme diante das chacinas ocorridas nas periferias de Belém em 2014, em que os moradores se reconhecem. As mães que deram seu depoimento à pesquisa disseram que se reconhecem na narrativa do minidocumentário, porque ele reafirma o valor das vidas tragicamente silenciadas de seus filhos. Nas discussões sobre o reconhecimento, incluímos problemas sociais afastados da vida pública, como o direito à cidade, à saúde, à sexualidade, à educação e à segurança, que devem ser debatidas nas relações entre a sociedade civil e o estado. A luta por reconhecimento na medida em que, é “centrada numa comunidade de valores traduzida por Honneth na ideia de solidariedade, surge e se desenvolve a partir do empenho das capacidades e propriedades dos indivíduos (e coletivos) na busca por estima social” (ZANETTI, 2008, p. 17).

Essas formas de reconhecimento as quais são descritas por Honneth, estão impressas no vídeo “Poderia ter sido você”, no amor, justiça e estima social traduzidos pelos integrantes do coletivo ao representar as vítimas da chacina. Cada jovem morador que aparece no vídeo representou uma das vítimas e contou a sua história, a sua idade e descreveu o acontecimento. Portanto, as intenções políticas implementadas neste vídeo são expressas em uma estratégia discursiva voltada a fortalecer as identidades no interior do lugar e, dessa maneira, opõe resistência aos discursos que estigmatizam os jovens do bairro e permite maior inserção das vozes dos moradores sobre sua realidade as quais são levadas ao mundo por meio das redes sociais, conferindo-lhes outra condição de visibilidade.

Nesse sentido, constatamos que a narrativa do vídeo permitiu aos atores do bairro lutarem contra as forças hegemônicas que atuam no seu território, como as milícias e o aparato

policial do Estado. Percebemos, por exemplo, como as mães se investem de um poder de autoridade para falar de seus filhos, insurgindo-se totalmente contra o rótulo de bandidos que se tentou atribuir a eles. Afirmam e reafirmam categoricamente isso e ganham credibilidade, acabam por ser ouvidas de algum modo. Uma verdade que, dita pelas mães, acaba sendo valorizada. É possível entender a força desse engajamento quando Cruz (2020) afirmou que conseguiu mostrar que seu neto, criado por ela como filho, não era bandido porque ela lutou até o fim. “Eu disse que ia até o fim e eles estão presos porque eu lutei” (informação verbal)¹⁶². E quando outra mãe, Amaral (2020), disse “Eu levo essa frase “Poderia ter sido você” para a minha vida. Desde quando eu conheci o documentário sempre quando eu faço alguma publicação com críticas eu coloco sempre essa frase. Ela é a realidade, porque quando você não se coloca no lugar do outro, vai ser você” (informação verbal)¹⁶³. Da fala das mães depreende-se exatamente o que a pesquisa permitiu evidenciar e que era uma de suas indagações centrais: a dimensão sensível da chacina de 2014 em Belém por meio do vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme. Ao ecoar voz aos moradores, denuncia as práticas de dominação, na maior parte das vezes silenciadas ou esquecidas nos discursos midiáticos, que julgam o outro pela cor da pele e pela sua localização tida como marginal na cidade.

Em uma perspectiva de autorrepresentação, o Tela Firme surgiu com o intuito de propor narrativas audiovisuais que denunciem a violência cometida com a conivência ou a ação direta do Estado, a vitimar dezenas de jovens moradores do bairro e a afetar duramente o cotidiano de sua população como um todo.

A pesquisa contribuiu para entendermos a prática intersubjetiva de reconhecimento no Coletivo Tela Firme, a partir da sua identidade local, a qual é no minidocumentário “Poderia Ter Sido Você”. Sua narrativa é movida pela necessidade de representar a própria realidade ou, até mesmo, de criar novas representações do mundo. Instigam o afloramento da ordem do sensível, em contraposição à ordem das sensações instituída pela sociedade midiática, no sentido que é apontado por Haroche (2008). E, também, tinham o intuito de retratar a vida do bairro de maneira radicalmente distinta daquela imagem estigmatizada que a ele se associa, contribuindo para elevar a autoestima de seus moradores e a transformar de maneira positiva a sua autoimagem.

Essa produção do Tela Firme acabou trazendo resultados positivos, uma vez a iniciativa do coletivo ganhou espaço na grande mídia como referência de coletivo de comunicação

¹⁶² Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

¹⁶³ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

comunitária e popular que é porta-voz de uma geração que luta por seu espaço de sociabilidade no bairro.

Pode-se perceber que o sensível na prática se mostrou quando a narrativa do audiovisual aproximou-se da realidade dos que foram vitimados pelo acontecimento trágico da chacina Pois, quando expusemos aos interlocutores da pesquisa o material levantado nos jornais da época da chacina e o vídeo foi possível entender como as reações deles são distintas diante desses materiais. Há uma clara ruptura entre o ato de apenas ler essas notícias, em que as vítimas em geral são criminalizadas, e deparar-se com uma narrativa em que eles veem sua realidade projetada e com a qual se identificam.

A mãe que interrompe a entrevista para dar vazão ao choro, quando recorda do seu filho; a mãe que diz com lágrimas nos olhos quando olha os jornais; a voz indignada com tom de inquietação de alguns entrevistados ao relatar o estigma que sofreram por serem jovens periféricos, a indignação do morador ao negar que bairro seja violento. Essas são algumas das percepções singulares que a pesquisa possibilitou, ao ouvir o lado dos que buscam lutar contra o estigma.

Mesmo que as notícias sobre a violência do bairro, os estigmas, as chacinas, sejam esquecidos pela massa que consome essas notícias, a luta dos jovens terrafimenses ainda prevalecem no seu dia a dia. O enfrentamento contra a desigualdade é cotidiano e incessante. Por exemplo quando os jovens vão em busca de emprego, e enfrentam o preconceito simplesmente porque moram na Terra Firme e têm que lidar com “piadas”. Ou quando saem para se divertir e o receio de ser sempre abordado os acompanha.

De outra maneira, a pesquisa mostrou essa base analítica do reconhecimento a partir do do “Poderia ter sido você”, buscando trazer esse exercício de reflexão, em que contei um pouco da minha história de vida. Da infância, a adolescência e juventude. Eu me reconstituo, pude me ver no vídeo. Vi que realmente poderia ter sido eu quando estava vindo naquele dia da universidade, junto com a minha esposa Alessandra, quando ainda estávamos na graduação. Por outro lado, há uma perspectiva da autorrepresentação.

Por outro lado, a pesquisa evidenciou a importância da perspectiva da autorrepresentação e sua dimensão política. Não só do Tela Firme, mas de vários movimentos existentes no bairro, que dispõe de quase uma centena de coletivos atuantes, um circuito que contrapõe toda a lógica da dominação da mídia. Esse contraponto está no vídeo, nas falas das mães, nas falas dos demais interlocutores e dos integrantes do coletivo Tela Firme. A juventude está na linha de frente dos movimentos de resistência.

Todas essas camadas de significados que a pesquisa pôde revelar permitiram ver o bairro com outros olhos, toda a sua potência para fazer frente a todas as formas de exclusão impostas pela lógica dominante. Bem como entender como nós somos afetados, levando a uma autorreflexão, e à valorização das relações intersubjetivas, cooperativas, como base para a transformação dessa realidade injusta e inaceitável.

Elas traduzem os movimentos das diferenças segundo Deleuze (2006). Importante pensar o quanto essa lógica pode ser afrontada a partir das produções audiovisuais periféricas. O “Poderia ter sido você” traz a reflexão sobre esse outro lugar de e sobre como os circuitos da solidariedade que se estabelecem no *lugar*, tecidos com base em relações afetivas, podem abrir trincheiras e desafiar as lógicas de individualismo e desumanização vigentes.

Na análise do trabalho, de forma muito sublime, meus interlocutores, disseram que se reconhecerem no vídeo. Por outro, lado nenhum se reconheceu nas imagens dos jornais daquele que fizeram a cobertura da chacina. Já são decorridos quase seis anos da chacina de 2014, em que muitas vidas foram brutalmente interrompidas. Uma chacina que manchou a cidade de sangue e pouco se fez, naquele momento, para desvendar esse crime contra jovens pretos e pobres da periferia de Belém.

Importante ressaltar aqui a marca cruel que ela deixou, expressa na fala das mães quando perguntadas sobre como ficou a da família depois da chacina e se houve algum tipo de reparação/indenização por parte do Estado. Primeiramente, Amaral (2020) nos disse:

A minha vida acabou. Eu sobrevivo. Eu sobrevivo por várias memórias porque eu estive com as mães no velório das outras mães que faleceram por causa da perda dos seus filhos. Eu vi as famílias se acabarem e outras famílias que estão esfaceladas. Vendo essa dor, tento ajudar as outras mães. Eu tento conviver com a dor delas. Se eu pudesse, eu queria que nenhuma mãe tivesse uma dor dessa, de ter um filho executado dessa forma. É muita dor. Meu amigo, é muita dor. É inaceitável meu amigo. Eu nunca vou aceitar a morte do meu filho porque ele era um menino que não fazia mal para ninguém. Meu filho tinha a vida dele. (informação verbal).¹⁶⁴

Cabe, aqui, reiterar que não houve nenhuma reparação por parte do Estado aos familiares e mães das vítimas, pelo contrário os próprios injustiçados tiveram que fazer rifa para denunciar o caso em outdoor, afirma Amaral (2020):

Eu fiz coleta, rifa e consegui colocar três outdoors, chamando a atenção deles para que ninguém esquecesse e essa luta continua até hoje, mas não teve nada de reparo, ninguém foi indenizado. O caso foi a júri por uma problemática familiar. (informação verbal).¹⁶⁵

¹⁶⁴ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁶⁵ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

Por isso, vale ressaltar que mesmo com tanta violação de direitos, nada foi reparado, tudo teve que ser batalhado. E foi dado quase como “esmola” do Estado, a ideia do “favor”, no lugar do “direito”, a velha prática do Estado brasileiro. Amaral (2020) conta que facilitaram as políticas públicas, porque na época o filho assassinado estava construindo a casa da avó dele. Segundo ela “Depois parou tudo e aí foi quando o pai dele conseguiu fazer a gente receber o cheque moradia. O pai dele é pescador. Nós não tínhamos um freezer conseguimos comprar. Não veio nada de graça. Não deram nada para nós na época”. (informação verbal)¹⁶⁶.

Cruz (2020) também destaca que não houve reparação por parte do Estado:

Não, até agora não. A única coisa que deram foi um cheque moradia. Aí foi feito o vaso sanitário, o banheiro e a copa aqui em casa. Eu estou recebendo 98 reais da baixa renda. Às vezes me dão cesta básica, na igreja. Passamos fome quando não dão. O meu esposo não tem emprego e trabalha fazendo bicos. (informação verbal).¹⁶⁷

Observamos na fala dessa mãe mais uma vez a “esmola”, aquilo que é um direito – o cheque- moradia – sendo usado para barganhar a situação com as famílias. E, de certa forma, com isso buscar certa acomodação.

Portanto, é importante também observar que de lá pra cá ocorreram várias chacinas e nós, da periferia de Belém, seguimos tendo que reinventar formas de contestar a ordem urbana excludente, que insiste em nos considerar *outsiders*.

Por fim, o ódio que o Estado tem por corpos matáveis a política de morte que pratica continuará a suscitar a produção de contranarrativas, seja por meio do audiovisual, ou de qualquer outra forma de expressão artística, como a música. O grupo de Mcs Vila 91, da Terra Firme, em suas letras faz uma contundente crítica social em relação. A música intitulada Flow Marielle que se encontra na epígrafe dessa dissertação é uma crítica ao Estado que mata o preto e periférico, como se pode ver na letra da música, que resume minha análise e o intuito dessa pesquisa.

¹⁶⁶ Depoimento concedido por Amaral, S. Belém, 7 de abril. 2020.

¹⁶⁷ Depoimento concedido por Cruz, A. Belém, 10 de abril. 2020.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, p. 25-36, 1997.

ADAMS, T.; JONES, S. H.; ELLIS, C. **Autoethnography**. London: Oxford University Press, 2015.

ADERALDO, G. A periferia por ela mesma. **Pesquisa Fapesp**, n. 258.ago.2017.

ADORNO, T. “The culture industry: enlightenment as mass deception”(1944). **Dialectic of Enlightenment**, p. 94-136, 2012.

AGIER, M. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALBORNOZ, S. G. As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-143, jun. 2011.

ALVES, E. S. **Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

AMARAL, S. Entrevista [07 de abril. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (18 min 14s).

ASSUNÇÃO, A.C. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 10s).

AVIZ, E. Entrevista [03 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 3s).

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Editora Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, H. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013.

AVRITZER, L. Um desenho institucional para o novo associativismo. **Lua Nova**, São Paulo, n.39, p.149-174, 1997.

BATISTA, Francisco. Entrevista [2 de jul. 2018]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2018. 1 arquivo. mp3 (3 min15s).

BATISTA, F. Entrevista [31 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (5 min 10s).

BEIJA flor a única do grupo C. **Diário do Pará**, p. 2, 18 fevereiro 1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/644781/5972>. Acesso em: 13 set. 2019.

BELÉM. **Anuário estatístico do município de Belém**. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012.

BELLETTATI, F. As produções audiovisuais de jovens da periferia e a auto-representação. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 5, 2009.

BERG, C. de. **Mecanismo do silêncio**: expressões artísticas e censura no regime militar: 1964- 1984. São Carlos: Edusfscar, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em <http://www.portalodm.com.br/dnfile/647-indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017-12-12-2017/pdf/publicacoes/1/indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017.pdf>. Acesso em: 15 abril. 2019.

BRITO, R. de S. **Diferentes, desiguais e conectados (?) Vivências juvenis, representações midiáticas e negociação de sentidos na cena metropolitana**. 2014. 251f. (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

BRITO, R. de S. Rolezinhos: jogos de mídia e visibilidade social contra a segregação (entrevista). Belém, **Diário do Pará**, 02/02/2014, p. A6.

BRITO, R. S. de; STEINBRENNER, R. M. A.; CUNHA, E. M. da. A voz de grupos periféricos em Belém: autorrepresentação, mídia e disputa de sentidos. **Esferas**, v. 1, n. 10, 2017.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BUTLER, J. **Bodies that matter**: On the discursive limits of sex. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAL, D. G. R. **Configuração política e relações de poder no trabalho infantil doméstico**: tensões nos discursos dos media e de trabalhadoras. Tese (doutorado) em Comunicação Social. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

CAVALCANTE, A.B. Et al. Terra Firme Digital: Proposta de implementação de um Bairro Digital para o território da Terra Firme em Belém do Pará. In: Rocha, C. (Org), **Anais do IV Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas**. Goiânia: Media Lab / Universidade Federal de Goiás, 2016.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2017**: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2018**: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

CHANG, H. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

COLUCCI, M. B.; ANJOS, A. A. C. dos. “Luto como mãe e as políticas de autorrepresentação no documentário brasileiro”. In: **Quebrada**: vídeo e movimentos sociais. São Paulo: Cinusp, 2014. p.125-145.

CONANDA. Documento base. XI Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - XI CNDCA. Brasília: CONANDA, 2018. Disponível em: https://www.direitosdacrianca.gov.br/novodireito/copy_of_TEXTOBASEFINAL.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

CORRÊA, R. et al. Efeitos do medo do crime na rotina e na saúde mental de adolescentes moradores da periferia de Belém (PA). **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 13, n. 1, p. 157-170, 2019.

COSTA, A. C. S. da. **O embate entre o visível e o invisível**: a construção social da violência no jornalismo e na política. 2010. 349 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

COSTA, A. C. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: M. Malcher et al. (Org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

COSTA, A. C. S. DA; CORRÊA, D. C. S.; SALGADO, M. M.; PANTOJA JUNIOR, W. C. Entre tensionamentos e conflitos narrativos jornalísticos: construções sobre a polícia e/ou o policial na mídia impressa da amazônia paraense. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 3, p. 16-39, 1 set. 2018.

COSTA, R. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

COUTO, A. C. de O. Geografia, lugar e cotidiano da economia do narcotráfico na periferia de Belém. **Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública**, v. 9, n. 1, 2016.

CRUZ, A. Entrevista [10 de abril. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (30 min 56s).

CUNHA, L. G da. **Tela Firme, gravando!**: A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da Terra Firme, em Belém (PA) 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 10 abril. 2019.

DELEUZE, G. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 2005a.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005b.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad.: Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

DIÁRIO DO PARÁ. Belém: RBA, ano XXXII, nº 11.086, 21 jan. 2014a.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ESCOBAR, A. **Territorios de diferencia:l**, movimientos, vida, redes. Trad.: Eduardo Restrepo. Bogotá: Envió Editores, 2010.

ESTADO precário nas ruas da Terra Firme. **O Liberal**, p. 2, 12 dezembro 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/21985>. Acesso em 13 set. 2019.

EXECUÇÃO de policial gera onda de medo. **O Liberal**, Belém, ano XXXII, n. 1070, 05 nov. 2014. Cidades, p.3.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FRASER, N. Distorted beyond all recognition: a rejoinder to Axel Honneth. In: **Redistribution or recognition**. New York: NY, 2003. p. 198-236.

FEIRANTES formam o “sacolão do povo” e lutam por espaços. **O Liberal**, p.7, 28 março 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/761036/7148>. Acesso em 13 set. 2019.

FERREIRA JUNIOR, S. do E. **Configuração do acontecimento violento em narrativas jornalísticas**: Chacina da Região Metropolitana de Belém em *Diário do Pará e O Liberal*. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FERREIRA JUNIOR, S.; COSTA, A. C. Enquadramentos e representações sociais da violência urbana na imprensa da Amazônia paraense. **Dispositiva**, v. 5, n. 1, p. 111-127, 2016.

FONSECA, M. de F. da. SOCIEDADE: A realidade juvenil metropolitana. **Teoria e Debate**, n. 80 - janeiro/fevereiro. 2009. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/sociedade-realidade-juvenil-metropolitana>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. C-Legenda - **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S.l.], n. 5, jan. 2001. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/314/195>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FREIRE FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FREIRE, J. C. S. Ser jovem na Amazônia. **Teoria e Debate**, n. 80 - janeiro/fevereiro. 2009. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/sociedade-ser-jovem-na-amazonia>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

- GOMES, W. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, n. 27, 2005.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HABERMAS, J. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- HABERMAS, J. **Pensamento Pós-metafísico**. Tradução de: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade I**. Trad. FlávioBeno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- HABERMAS, J. **O Discurso filosófico da modernidade**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, J. Trabalho, amor e reconhecimento. O filósofo Axel Honneth completa 60 anos de idade. Uma viagem em pensamentos de Marx a Hegel para Frankfurt: ida e volta. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 25, n. 49, p. 337-341, jan – jun de 2011.
- HALL, S. **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAMBURGER, E. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a ideia de espetáculo. **Novos estudos CEBRAP**, n. 78, p. 113-128, 2007.
- HAROCHE, C. Processos psicológicos e sociais da humilhação: o empobrecimento do espaço interior no individualismo contemporâneo. In: MARSON, Isabel; NAXARA, Márcia (orgs.) **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

HAROCHE, C. **A condição sensível**: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed34, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS- IBGE. **IBGE**, [on-line], [2010]. Disponível em: <https://goo.gl/UcNo7T>. Acesso em: 8 jun. 2018.

KISHI, K. S. Análise Entre a Opinião da Mídia Hegemônica e da Mídia Radical no Novo Código Florestal Brasileiro. In: XVIII INTERCOM SUDESTE - Congresso de Ciências da Comunicação, 2013, Bauru-SP. INTERCOM 2013 - Sudeste, 2013.

LAGE, L. R. **Testemunhos do sofrimento nas narrativas telejornalísticas**. Florianópolis: Insular, 2018.

LIEBES, T. **Reporting the Arab-Israeli conflict: How hegemony works**. London: Routledge, 1997.

LIRA, A do S. **Coletivo Tela Firme**: comunicação e cidadania na periferia. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

LIRA, A. C.; AMORIM, C. R. T. C.; COSTA, A. C. S. da. “Poderia ter sido você”: cidadania e periferia. **Revista Alterjor**, v. 15, n. 1, p. 43-58, 2017.

LUZ, L et al. Estudo geomorfológico em bacias urbanas: uma análise da bacia do Tucunduba, Belém – Pa. IX Sinageo - Simpósio Nacional de Geomorfologia. **Anais[...]**. Rio de Janeiro, 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGALHÃES, M. P. **A Phýsis da Origem**: o sentido da história na Amazônia. Belém : Museu Paraense Emilio Goeldi, 2005.

MAIA, R.; NUNES, T.; SILVA, L. I. Da Proteção ao Risco: Configurações da Violência Intrafamiliar na Juventude. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 33, 2017.

MAIA, R. **Mídia e lutas por reconhecimento**. São Paulo, Paulus, 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MCCURDY, P. Mediation, practice and lay theories of news media. In: **Mediation and protest movements**, Chicago, IL: Intellect Books, 2013. p. 57-74.

MENDES, A. Entrevista [31 de mar. 2018]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2018. 1 arquivo. mp3 (26min09s).

MENDES, A. Entrevista [07 de abril. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 10s).

MIGUEL, L. F. **Dominação e resistência**: desafios para uma política emancipatória. São Paulo: Boitempo, 2018.

MORTE de policial gera onda de violência. **Diário do Pará**, Belém, ano XXXII, n. 11069, 05 nov. 2014. Cidades, p. A3.

MOVIMENTO República de Emaús. **Quem Somos**. Belém, 2018. Disponível em: <http://www.movimentodeemaus.org/v2/emaus/?id=101>. Acesso: 25 mar. 2018.

MODESTO, J. Entrevista [2 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

MUITOS problemas num único bairro. **O Liberal**, p. 8, 26 dezembro, 1989. <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/22357>. Acesso em 13 set. 2019.

O LIBERAL. Belém: ORM, ano XXXII, n. 1070, 05 nov. 2014a.

OAB. Relatório da situação dos casos de extermínio e chacinas de jovens negros no estado do Pará. Belém: OAB, 2017. Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/add/pdf/relatorio-dh-com-capa-chacinas-05-09-2017-17-14-06.pdf>. Acesso em: 14 de jan. 2018.

PARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do Pará. **Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no estado do Pará**: relatório final. Belém: Alepa, 2015.

PEIXOTO, R. A polícia e a senzala. In: **Primeiras Linhas**. Jornal laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Ano 1, n. 1, agosto de 2015.

PEREGRINO, M. **Terra Firme**: Cultura e resistência na periferia de Belém do Pará. Rio de Janeiro: Agência de Notícias das Favelas, 31/12/2014. Disponível em:

<http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>. Acesso em: 9 jul. 2018.

PERUZZO, C. M. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: **Revista Galáxia**. São Paulo: n. 17, p. 131 – 146. Jun. 2009.

PODERIA ter sido você. Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014 (9m43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTymeivrDkF8>. Acesso em: 18 mar. 2019.

POLICIAL. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

PORTAL G1. PARÁ. **Nove pessoas são mortas em Belém após assassinato de policial militar**. Belém, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/11/oito-pessoas-sao-mortas-em-belem-apos-assassinato-de-policial-militar.html>. Acesso: 25 mar. 2018.

PORTAL G1. PARÁ. **Chacina em bar deixa 11 mortos em Belém**. Belém, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/05/19/tiroteio-em-bar-deixa-mortos-em-belem.ghtml>. Acesso: 25 mar. 2018.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.

RONDELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo soc.** São Paulo, v. 10, n. 2, p. 145-157, outubro de 1998.

ROCHA, L. de M. Representações e autorrepresentações: notas sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos sociais de audiovisual. 35º Encontro Anual da Anpocs. **Anais[...]**. Caxambu, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/370156/Representa%C3%A7%C3%B5es_e_autorrepresenta%C3%A7%C3%B5es_notas_sobre_a_juventude_carioca_moradora_de_favelas_e_os_projetos_sociais_de_audiovisual. Acesso em: 13 maio. 2020.

SABACK, L.; PATROCÍNIO, P. R. T. A insurreição dos sujeitos silenciados: autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual. **Revista Alceu**, n. 26, p. 127-140, 2013.

SCRIBANO, A.; SENA, A. Construcción de conocimiento en Latinoamérica: algunas reflexiones desde la auto-etnografía como estrategia de investigación. **Cinta de moebio**, n. 34, p. 1-15, 2009.

SANEAMENTO básico: é o que falta no bairro da Terra Firme. **O Liberal**, Belém, p. 6, 12 dez. 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/761036/16452>. Acesso em: 13 set. 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4^o ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.

SANTOS, M. O lugar e o cotidiano. In: SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M.P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.584-602.

SANTOS, M. C. J. dos. **Vozes ativas das favelas 2.0 autorrepresentações midiáticas numa rede de comunicadores periféricos**, 2014. 224 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, 2014.

SANTOS, S. Entrevista [28 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min).

SERRÃO, I. Entrevista [2 de jul. 2018]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2018. 1 arquivo. mp3 (2 min15s).

SERRÃO, I. Entrevista [30 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 10s).

SARTI, C. A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e sociedade**, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SILVA, L. I. A Juventude na periferia de uma cidade amazônica: perfil e demandas sobre políticas públicas. In. BARON, Sandra Cabral; BRASIL, Katia Tarouquella. **Jovem, Adolescente e Criança em Contextos de Proteção e de Risco no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2014.

SILVA, M do S. R.; SÁ, M. E. R de. Medo na Cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA). **Argumentum**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 174-188, jul./dez. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, U.; SANTOS, Jaqueline L; RAMOS, P. C. **Chacina e a politização das mortes no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2019/04/Chacina-final4-pdf.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

SILVA, J. Entrevista [25 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (5 min 93s).

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANUCCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 130-159.

SOBRAL irmão. **Diário do Pará**. p. 10, 15 março, 1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/644781/6544>. Acesso em: 13 set. 2019.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

SOUZA, C. B. G. **Desenvolvimento local e gestão participativa: concepção e práticas do PDL na ocupação urbana do Riacho Doce, Belém-PA**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2006.

SOUZA, G. O audiovisual nas periferias brasileiras: fatores para o desenvolvimento da produção. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 2, n. 2, 2013.

SOUZA, R. M de. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. 244 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, V. Entrevista [9 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (4 min 10s).

TEATRO da Terra Firme mostra versão social da Paixão de Cristo. **Diário do Pará**, p. 1, 12 Março 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/644781/43105>. Acesso em: 13 set. 2019.

TERRA Firme: Péssimo abastecimento. **O Liberal**, Belém, p. 5, 04 abr. 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/761036/7534>. Acesso em 13 set. 2019.

VAN, D. I. J. K. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

WILQ, V. **Quebrada? Cinema, vídeo e lutas sociais**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária - USP, 2014.

ZANETTI, D. Cenas da periferia: Auto-representação como luta por reconhecimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v.11, n.2, p. 01-16, maio/ago. 2008.

ZANETTI, D. **O cinema da periferia**: Narrativas do cotidiano, visibilidade e reconhecimento social. 2010. 319 f. (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de mestrado intitulada, provisoriamente, “PODERIA TER SIDO VOCÊ”: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGPA). O objetivo da pesquisa é compreender de que maneira moradores do bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme, após a chacina ocorrida na periferia de Belém em 2014, que vitimou jovens pobres e, em sua maioria, negros.

As informações serão obtidas mediante a realização de entrevistas e serão utilizadas estritamente para o fim desta pesquisa. Não serão divulgadas informações pessoais que não digam respeito à temática do trabalho. A identidade será preservada mediante a supressão de nomes ou o uso de nomes fictícios. Se houver fornecimento de informações confidenciais, serão tratadas com sigilo. Sua participação é voluntária, isto é, não é obrigatória.

A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não acarretará nenhum prejuízo à sua relação com o pesquisador responsável, PPGCom ou com a UFGPA. Você tem garantido o acesso aos resultados da pesquisa divulgados em apresentações e publicações científicas, bem como poderá ter acesso à Dissertação, em formato digital, enviada por e-mail.

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado com base nas diretrizes da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFGPA. O CEP se constitui em um grupo de colegiados interdisciplinares e independentes criados para defender os interesses do sujeito da pesquisa em sua integridade de dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Caso concorde em participar da pesquisa “PODERIA TER SIDO VOCÊ: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém”, favor assinar ao final do documento. Por fim, registra-se que você receberá uma cópia deste termo

em que consta os contatos do aluno responsável, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação, bem como os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Jetur Lima de Castro
Pesquisador Responsável

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, brasileiro, inscrito sob o número de CPF: _____ e RG: _____, concordo em participar, voluntariamente, da pesquisa acima referida e declaro que sou maior de 18 anos, que li as informações contidas neste documento e fui devidamente informado pelo autor da pesquisa sobre os objetivos, sobre os procedimentos que serão utilizados e sobre a confidencialidade da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento. Os resultados obtidos durante este estudo serão divulgados em apresentações e publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados sem meu consentimento expresso.

Assinatura

Belém, _____ de _____ de 2020.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para o Cine Clube TF, policial e moradores do bairro

ENTREVISTA INDIVIDUAL VIA *WHATSAPP*

Eu, Jetur Lima de Castro, jovem morador do bairro da Terra Firme e membro do Coletivo Tela Firme, venho por este convidá-lo (a) a participar de uma entrevista por meio do *whatsapp* em que lhe convido ver algumas imagens dos jornais *O liberal* e *Diário do Pará* sobre o acontecimento da chacina de 2014 e logo após assistir o vídeo “Poderia ter sido você” produzido pelo coletivo Tela Firme. A realização da entrevista individual tem como objetivo a recolha de relatos e percepções de jovens e familiares das vítimas e trará contribuições no âmbito da investigação de mestrado que me encontro a realizar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, sob orientação da Prof^a Dra. Rosaly Brito, dedicado a tema: “**PODERIA TER SIDO VOCÊ**”: Contranarrativa, dimensão sensível e olhar autoetnográfico sobre a violência no bairro da Terra Firme, em Belém, a qual propõe-se a compreender de que maneira moradores do bairro da Terra Firme, apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, com o vosso consentimento para validação dessa pesquisa.

Após ver as imagens dos jornais e assistir o vídeo “Poderia ter sido você”, peço que responda as perguntas abaixo pelo áudio do *whatsapp*, segue abaixo as perguntas a serem respondidas.

1. Quando se fala na chacina de 2014 no bairro, qual é a imagem que vem à sua cabeça? De que maneira a chacina lhe afetou?
2. O que você pensa sobre a maneira como a chacina foi retratada nos jornais de Belém? Você acredita que os moradores do bairro se reconhecem nessas imagens?
3. Como você vê a cobertura dos jornais locais que quase sempre associa os moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, à marginalidade e à criminalidade?
4. Qual é a imagem que os moradores do bairro têm de si mesmos, na sua opinião?
5. Como você analisa a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido pelo Coletivo Tela Firme após a chacina? Você acha que os moradores do bairro se reconhecem no vídeo? Explique por quê.
6. Qual é a diferença, a seu ver, entre a maneira como o vídeo retrata a situação da violência no bairro e a maneira como a mídia retrata essa realidade

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista realizada para os integrantes do coletivo Tela Firme

ENTREVISTA INDIVIDUAL VIA *WHATSAPP*

Bom dia, eu, Jetur Lima de Castro, jovem morador do bairro da Terra Firme e membro do Coletivo Tela Firme, venho por este convidá-lo (a) a participar de uma entrevista por meio do *whatsapp* em que lhe convido ver algumas imagens dos jornais *O liberal* e *Diário do Pará* sobre o acontecimento da chacina de 2014 e logo após assistir o vídeo “Poderia ter sido você” produzido pelo coletivo Tela Firme. A realização da entrevista individual tem como objetivo a recolha de relatos e percepções de jovens e familiares das vítimas e trará contribuições no âmbito da investigação de mestrado que me encontro a realizar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, sob orientação da Prof^a Dra. Rosaly Brito, dedicado a tema: “**PODERIA TER SIDO VOCÊ**”: Contranarrativa, dimensão sensível e olhar autoetnográfico sobre a violência no bairro da Terra Firme, em Belém, a qual propõe-se a compreender de que maneira moradores do bairro da Terra Firme, apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, com o vosso consentimento para validação dessa pesquisa.

Após ver as imagens dos jornais e assistir o vídeo “Poderia ter sido você”, peço que responda as perguntas abaixo pelo áudio do *whatsapp*, segue abaixo as perguntas a serem respondidas, peço por favor o retorno das perguntas até 31/03.

1. Quando se fala na chacina de 2014 no bairro, qual é a imagem que vem à sua cabeça? De que maneira a chacina lhe afetou?
2. O que você pensa sobre a maneira como a chacina foi retratada nos jornais de Belém? Você acredita que os moradores do bairro se reconhecem nessas imagens?
3. Como surgiu a ideia do minidocumentário? Qual era a intenção de vocês ao produzi-lo?
4. Como vocês veem a questão da autorrepresentação nas narrativas audiovisuais em contraponto às imagens hegemônicas que circulam na grande mídia?
5. Como você vê a cobertura dos jornais locais que quase sempre associa os moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, à marginalidade e à criminalidade?
6. Qual é a diferença, a seu ver, entre a maneira como o vídeo retrata a situação da violência no bairro e a maneira como a mídia retrata essa realidade ?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista realizada com as mães das vítimas

ENTREVISTA INDIVIDUAL VIA *WHATSAPP*

Bom dia, eu, Jetur Lima de Castro, jovem morador do bairro da Terra Firme e membro do Coletivo Tela Firme, venho por este convidá-lo (a) a participar de uma entrevista por meio do *whatsapp* em que lhe convido ver algumas imagens dos jornais *O liberal* e *Diário do Pará* sobre o acontecimento da chacina de 2014 e logo após assistir o vídeo “Poderia ter sido você” produzido pelo coletivo Tela Firme. A realização da entrevista individual tem como objetivo a recolha de relatos e percepções de jovens e familiares das vítimas e trará contribuições no âmbito da investigação de mestrado que me encontro a realizar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, sob orientação da Prof^a Dra. Rosaly Brito, dedicado a tema: “**PODERIA TER SIDO VOCÊ**”: Contranarrativa, dimensão sensível e olhar autoetnográfico sobre a violência no bairro da Terra Firme, em Belém, a qual propõe-se a compreender de que maneira moradores do bairro da Terra Firme, apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, com o vosso consentimento para validação dessa pesquisa.

Após ver as imagens dos jornais e assistir o vídeo “Poderia ter sido você”, peço que responda as perguntas abaixo pelo áudio do *whatsapp*, segue abaixo as perguntas a serem respondidas, peço por favor o retorno das perguntas até 31/03.

1. Quando se fala na chacina de 2014 no bairro, qual é a imagem que vem à sua cabeça? De que maneira a chacina lhe afetou?
2. O que você pensa sobre a maneira como a chacina foi retratada nos jornais de Belém? Você acredita que os moradores do bairro se reconhecem nessas imagens?
3. Como surgiu a ideia do minidocumentário? Qual era a intenção de vocês ao produzi-lo?
4. Como vocês veem a questão da autorrepresentação nas narrativas audiovisuais em contraponto às imagens hegemônicas que circulam na grande mídia?
5. Como você vê a cobertura dos jornais locais que quase sempre associa os moradores da Terra Firme, particularmente os jovens, à marginalidade e à criminalidade?
6. Qual é a diferença, a seu ver, entre a maneira como o vídeo retrata a situação da violência no bairro e a maneira como a mídia retrata essa realidade ?
7. Como ficou a vida de sua família depois da chacina? Houve algum tipo de reparação/indenização por parte do Estado?